

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

AYVANIA ALVES PINTO

**O JORNAL, AS CONCEPÇÕES DO
PROFESSOR E A PRÁTICA: NOVOS RUMOS**

TAUBATÉ – SP

2008

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

AYVANIA ALVES PINTO

**O JORNAL, AS CONCEPÇÕES DO
PROFESSOR E A PRÁTICA: NOVOS RUMOS**

**Dissertação apresentada como parte dos
requisitos para obtenção do Título de
MESTRE pelo Curso de Mestrado em
Linguística Aplicada do Departamento
de Ciências Sociais e Letras da
Universidade de Taubaté.**

Área de Concentração: Língua Materna.

**Orientação: Profa. Dra. Eveline Mattos
Tápias Oliveira**

**TAUBATÉ – SP
2008**

AYVANIA ALVES PINTO
O JORNAL, AS CONCEPÇÕES DO PROFESSOR E A PRÁTICA: NOVOS
RUMOS

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eveline Mattos Tápias Oliveira

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Profa. Dra. Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi

Universidade _____

Assinatura _____

Profa. Dra. Vera Maria Almeida Rodrigues da Costa

Universidade _____

Assinatura _____

Profa. Dra. Eliana Vianna de Brito

Universidade _____

Assinatura _____

Profa. Dra. Marlene Silva Sardinha Gurpilhares

Universidade _____

Assinatura _____

*Aos meus filhos Alexandre e Thiago, como representação da mais pura
forma de amor.*

AGRADECIMENTOS

Reconhecer que toda conquista congrega a participação de vários sujeitos e que somos apenas representantes desse conjunto de ações e idéias, é agradecer.

Agradeço a Deus, que por meio de sua infinita bondade proporcionou a realização desse trabalho.

Ao governo do Estado do Pará - Secretaria Executiva de Educação – SEDUC, que através do Projeto Bolsa Mestrado/Doutorado patrocinou esse mestrado.

À Universidade de Taubaté, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação pela oportunidade.

À Profa. Dra. Solange Teresinha Ricardo de Castro, pelo gesto que proporcionou a todos nós crescimento intelectual e profissional. Obrigada pela coragem e competência com que coordenou brilhantemente esse grupo longe de casa, meus sinceros agradecimentos.

À Profa. Dra. Eveline Matos Tápias Oliveira, pela dedicação, competência e seriedade com que orientou esse trabalho.

À Profa. Dra. Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi, pela competência e pela generosidade dispensadas aos assuntos acadêmicos. Obrigada pela valiosa contribuição.

À toda a equipe de profissionais da Faculdade Ipiranga, que em nome da Profa. Sueli Meneses e por meio de convênio com a UNITAU tornaram possível esse mestrado em Belém.

Agradeço aos professores e alunos, sujeitos da investigação dessa pesquisa, e também aos diretores e demais funcionários da EEEFM Cônego Leitão, pela contribuição e pela confiança.

Aos meus pais Altina e Enes, por terem acreditado. Obrigada pelo apoio incondicional.

Ao meu marido Jaques, pela compreensão.

Aos meus irmãos Ayvan e Gustavo Deli, pelo carinho.

À Thiago, pelas mãos ágeis e pela disposição em ajudar.

À Alexandre, por estar sempre presente.

À minha prima Miriam, pelas palavras de incentivo.

À amiga Érika Melo, pela palavra na hora certa.

À Conceição Amorim, pelo estímulo.

À amiga Marta, pelo companheirismo.

Às Profas. Dras. Elzira Uyeno, Tânia Romero, Graziela Zamponi, Márcia Mascia, Vera Batalha, Eliana Vianna, por compartilharem seus conhecimentos. Obrigada pelo aprendizado e por fazerem parte de minha formação acadêmica.

À Profa. Dra. Vera Costa pela importante contribuição que trouxe a esse trabalho por ocasião da qualificação.

Aos colegas de estudos Cíntia, Fátima, Herciliza, Raquel, Jair, Maura, Nilma, Nisreene, Maria do Carmo, Ângela Pena, Socorro, Cassilda, Danielle, Wellerth, Ângela Maria, Wandré e Marlene, obrigada pela parceria e pela amizade construída ao longo desse curso.

À todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que esse trabalho se tornasse realidade. O meu eterno agradecimento!

RESUMO

A presente Dissertação de Mestrado relata uma pesquisa feita com duas professoras e alunos de uma escola pública do Estado do Pará, a partir de uma abordagem diferencial de trabalho, que leva em conta o letramento ideológico, com o objetivo de analisar o comportamento das professoras e dos alunos após a experiência de uso do jornal em sala de aula. A pesquisadora ministrou cinco aulas utilizando as primeiras páginas de três jornais distintos, destacando seus elementos composicionais como fotos, manchetes, linguagem e ideologia. Questionários respondidos pelos sujeitos da pesquisa foram coletados e compõem o *corpus* da pesquisa, pelo qual a pesquisadora verifica as percepções e as reações dos professores quanto ao uso do jornal, bem como a contribuição do uso da primeira página de jornal para o letramento ideológico dos alunos. Os procedimentos de pesquisa adotados foram a de pesquisa-ação e de intervenção, já que objetivou transformar a realidade e gerar conhecimento a respeito dessa transformação. A análise das respostas dos questionários proferidas pelas professoras constata: mudança de algumas crenças; grande interesse em discutir estratégias de utilização do jornal; parte dos professores não incorpora o jornal ao cotidiano escolar por falta de conhecimento de como utilizá-lo adequadamente. A análise dos questionários dos alunos demonstra: que a leitura de jornal os aproxima da realidade, pois o texto jornalístico traz o imediatismo e a dinâmica da vida social; leitura do jornal parece ajudar a mudar a perspectiva de muitos alunos no que tange à compreensão da linguagem usada e das práticas sociais. Transformar informação em conhecimento é o grande desafio da escola, e o jornal pode ajudar nessa tarefa. Assim, o uso do jornal em sala de aula pode fazer com que a “ilha sala de aula” se aproxime mais do “continente vida social”.

Palavras-chave: jornal na escola; letramento ideológico; concepções do professor.

ABSTRACT

The current paper reports a research done with two teachers and students of a public school of Pará State, from a different work approach, that takes into account the ideological literacy, with the objective to analyze the teachers' and the students' behavior after the experience of using newspaper in classroom. The researcher taught five classes using the first pages of three distinct newspapers, emphasizing its composing elements such as photos, headlines, language and ideology. Questionnaires answered by the citizens of the research had been collected and are part of the research *corpus*, based on them, the researcher verifies the teachers' perceptions and reactions in relation to the newspaper use as well as the contribution of the use of the first page of newspaper for the students' ideological literacy. The adopted research procedures had been the one called research-action and intervention, since it aimed to transform the reality and to generate knowledge regarding this transformation. The analysis of the questionnaire answers given by the teachers has the following evidences: change of some beliefs; great interest in discussing strategies on newspaper use; part of the teachers do not incorporate newspaper in their daily school practice due to the lack of knowledge on how to use it appropriately. The analysis of the questionnaires answered by the students has the following demonstration: newspaper reading approaches them to the reality, therefore the journalistic text brings the immediacy and the dynamics of the social life; reading of newspaper seems to help to change the perspective of many students in relation to the understanding of the language used and the social practices. To transform information into knowledge is the great challenge of school, and newspaper can help in this task. Thus, the use of newspaper in classroom can approach the "classroom island" to the "social life continent".

Key words: newspaper at school; ideological literacy; teacher's conceptions.

SUMÁRIO

Capítulo 1. Introdução

1.1	Um pouco da história da realização da pesquisa	11
1.2	Da contextualização à motivação	12
1.3	Por que utilizar o jornal em sala de aula?	13
1.4	Programas que levam o jornal para a sala de aula	15
1.5	O papel da escola na formação do sujeito: a crença do pesquisador	17
1.6	Objeto e objetivo da pesquisa	19

Capítulo 2. Percurso Teórico

2.1	A linguagem como processo de interação	20
2.1.1	Signo e ideologia na concepção Bakhtiniana	21
2.1.2	Os signos como formadores da consciência	24
2.1.3	O poder das palavras	25
2.1.4	O discurso como elemento fundamental na realização da língua	27
2.2	Sobre letramento	29
2.2.1	Letramento: conceito e prática	29
2.2.2	Letramento na escola: modelo autônomo <i>versus</i> modelo ideológico	32
2.2.3	As várias concepções sobre leitura	34
2.3.	Sobre gênero discursivo	38
2.3.1	Os gêneros discursivos na escola	40
2.3.2	Sobre o jornal em sala de aula	41
2.3.3	A importância da primeira página de jornal	47

Capítulo 3. Procedimentos de Pesquisa

3.1	Enfoque metodológico	50
3.2	O problema da pesquisa-ação	51
3.3	Os sujeitos da pesquisa	52
3.4	Instrumentos da pesquisa	54
3.5	Realização das aulas	56
3.5.1	Primeira aula	56
3.5.2	Segunda aula	60
3.5.3	Terceira aula	68
3.5.4	Quarta aula	73
3.5.5	Quinta aula	76

Capítulo 4. Análise dos *Corpora*

4.1	Construção identitária	78
4.2	Questionário 1	81
4.3	Questionário 2	85
4.4	Questionamento e comentários dos alunos feitos em sala de aula com suas professoras	92

Capítulo 5. Considerações Finais

5.1	Reflexões gerais sobre o uso do jornal e a escola	100
5.2	Nossa reflexão: respondendo às perguntas de pesquisa e ao objetivo	104

Referências e Anexos

Referências	108
Anexos	113

1. INTRODUÇÃO

Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2003, p. 348)

O presente trabalho dedica-se a relatar uma pesquisa feita com professores e alunos de uma escola pública do Estado de Pará. Analisa o comportamento dos envolvidos, professores e alunos, após o contato com o jornal em sala de aula e discute a validade do jornal como recurso pedagógico.

1.1 Um pouco da história da realização da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cônego Leitão, na cidade de Castanhal – PA.

A cidade de Castanhal surgiu por volta do ano de 1874, como ponto de apoio aos viajantes na longa jornada entre a capital e o interior do Estado do Pará. Às margens da ferrovia que cortava a região em tempos áureos do ciclo da borracha, Castanhal recebeu, então, imigrantes nordestinos fugindo da seca. Localizada a setenta quilômetros de Belém, hoje conta com cerca de cento e cinquenta mil habitantes. A proximidade geográfica com a capital e o fácil acesso rodoviário com outras cidades da região fez de Castanhal uma das cidades do Estado com maior crescimento industrial e comercial. Contudo, enfrenta problemas comuns às cidades brasileiras, dentre eles, os relacionados à educação.

A escola Cônego Leitão é uma das mais antigas do Estado do Pará. Fundada no ano de 1904, por padres, era, outrora, uma extensão da igreja católica que tinha como

propósito evangelizar e alfabetizar as crianças do, então, vilarejo de Castanhal. Ao longo de mais de cem anos, essa escola vem registrando a sua história na memória do povo do Pará. Responsável pela formação de centenas de pessoas, como governadores, deputados, prefeitos, entre outros, adquiriu prestígio e credibilidade social. Com localização privilegiada na praça principal da cidade, tem hoje aproximadamente dois mil e quinhentos alunos e cerca de sessenta professores. Sua história se confunde com a história do povo da cidade, os mais antigos a tem na memória e no coração e os mais jovens a tem como referência. Foi nessa escola que realizamos a presente pesquisa.

1.2 Da contextualização à motivação

Nosso interesse pelo tema começou no ano de 1996, quando participamos de um projeto de leitura de jornais nas escolas públicas, promovido pela maior empresa jornalística daquele momento no Estado do Pará. O grupo *O Liberal* distribuía e incentivava professores e alunos a utilizarem os jornais nas salas de aula¹. Ficamos motivadas por as escolas, inclusive a em que trabalhávamos, receberem esse material que possibilita muitas formas de leitura. No entanto, apesar de nosso empenho junto aos demais professores, para utilizarem os jornais em suas atividades, o projeto fracassou em nossa escola. Os professores tiveram dificuldades em conduzir o trabalho com o jornal em sala de aula e desistiram do projeto. Esse fato nos incomodou muito, porque acreditávamos que o jornal, por ser um grande propagador das muitas ideologias, poderia contribuir para desenvolver a competência discursiva dos alunos.

Contudo, naquele momento, não foi possível fazer muita coisa, pois não dispúnhamos de recursos ou experiência. Hoje em dia, dispondo de teorias e estudos e ainda acreditando no uso do jornal em sala de aula como ferramenta pedagógica, dedicamos nossa Dissertação de Mestrado e esse tema tão atual e necessário para a formação de cidadãos críticos e atualizados.

¹ Ressaltamos que, não é nosso foco discutir, nesse trabalho, os objetivos que levam os grupos empresariais a promoverem esses projetos.

1.3 Por que utilizar o jornal em sala de aula?

De acordo com Paiva (1999), nos anos de 1980 foi introduzido no Brasil o uso do jornal na educação e as experiências quase sempre foram bem sucedidas. Contudo, percebeu-se a resistência por parte de alguns professores quanto ao uso do jornal em sala de aula. Talvez isso tenha ocorrido em razão das crenças dos professores, ao momento histórico, ou ainda pela falta de conhecimento adequado do professor na utilização do jornal como ferramenta pedagógica naquele momento. Além disso, em muitos contextos passados, ler o jornal na sala de aula era forma de castigo. Hoje, a leitura do jornal em sala de aula muda a perspectiva de muitos alunos que usam o jornal para melhorar a capacidade de compreensão do conteúdo escrito, bem como a capacidade de desenvolver o espírito crítico e de descobrir outras visões de mundo, na construção de significados e de identidades sociais. Concordamos com Moita Lopes quando diz que:

Isso requer consciência crítica de que ao interagirmos socialmente, ocupamos papéis sociais específicos, que carregam marcas típicas do ser social que somos (marcas de gênero, de raça, de classe etc.). Essas marcas determinam os papéis interacionais que ocupamos nas relações de poder com que nos defrontamos no dia-a-dia. Deste modo, aprender a usar a linguagem implica aprender a participar destes papéis sociais que estão no microcosmo da sala de aula evidenciados como reflexo do mundo fora da sala de aula. (MOITA-LOPES, 2005 p.182).

Nesse caso, acreditamos que ter a vivência com o jornal, desde os anos iniciais, possibilita ao aluno usar o jornal como fonte de informação, como enciclopédia, enfim, como representação do mundo em que vive. O aluno pode encontrar-se nele, identificar-se com ele e/ou simplesmente criticar o jornal. Seja como for, o jornal aproxima ou mantém as pessoas em contato com realidades. E isso pode começar na sala de aula.

Segundo Cassany (2008, p. 63), a imprensa, mais precisamente o jornal, “é um meio útil para desenvolver a compreensão leitora de crianças, jovens ou adultos (alfabetizados ou não)”. Os jornais apresentam múltiplas possibilidades didáticas, entre essas possibilidades podem ser destacadas, conforme Cassany (2008, p. 63):

- introduz a realidade da comunidade na aula;
- integra a escrita com outros códigos correntes (fotografia, infografia, esquemas);
- incrementa o conhecimento cultural do aprendiz;

- utiliza textos autênticos, que não foram ‘preparados para o ensino’, e a linguagem das ruas, que as pessoas usam no dia-a-dia;
- permite trabalhar os discursos e a terminologia de vários campos do saber humano, pois os jornais têm seções de sociedade, política, ciência, meteorologia, economia
- favorece a aprendizagem interdisciplinar, pois cada notícia ou reportagem costuma apresentar dados, reflexões ou conseqüências que provém de diferentes disciplinas.

Contudo, de acordo com esse mesmo autor (p. 63), a imprensa também apresenta inconvenientes pelo fato de ser parcial e sensacionalista, estando a serviço de grupos de poder, bem como de interesses políticos. Mesmo assim, é um material didático barato, abundante e de fácil acesso.

Concordamos com Faria (2006, p. 11) quando diz:

O jornal é também uma fonte primária de informação, espelha muitos valores e se torna assim um instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e profissional. Como apresenta um conjunto dos mais variados conteúdos, preenche plenamente seu papel de objeto de comunicação. Mas não é só, pois como os pontos de vista costumam ser diferentes e mesmo conflitantes, ele leva o aluno a conhecer diferentes posturas ideológicas frente a um fato, a tomar posições fundamentadas e a aprender a respeitar os diferentes pontos de vista, necessários ao pluralismo numa sociedade democrática.

Assim, pelo fato de os jornais serem um dos mais visíveis representantes das várias ideologias sociais, podem funcionar como mediadores entre a escola e o mundo. Nessa concepção, entendemos que a imprensa é intermediária entre o fato e a versão que é relatada. Essa versão é impregnada por tendências políticas e ideológicas de acordo aos interesses de cada grupo e são repassadas aos leitores de modo a influenciá-los. Isso ocorre porque a palavra e o poder formam um só corpo, uma vez que a imprensa não tem apenas o poder da palavra constituída, mas acima de tudo o poder da informação.

É preciso ressaltar que, usado como recurso pedagógico na sala de aula, o jornal não conflita nem exclui o livro didático. Não é proposta dessa pesquisa qualquer confronto entre eles por acreditarmos que devem ter objetivos e finalidades distintas no processo de ensinar e educar. Contudo, é bom destacar, ainda conforme Faria e Zanchetta (2005, p. 25) que, mesmo estando presente na escola por mais de vinte anos, o jornal é visto apenas como fonte de informação e não como ferramenta para estimular

a leitura mais complexa. Se o jornal fosse explorado adequadamente seria um terreno fértil para a formação de alunos produtores de textos. Os autores ressaltam que a escola, sobretudo a pública, fica restrita, quando muito, ao trabalho de entendimento superficial da informação jornalística.

1.4 Programas que levam o jornal para a sala de aula

De acordo com a Associação Nacional de Jornais (ANJ), muitos de seus associados criaram programas que levam os jornais a escolas e outras instituições educativas, com o intuito de formar novos leitores. Assim, esses programas contribuem, de certo modo, para reverter os baixos índices de leitura entre os brasileiros, além de abrirem oportunidade ao debate mais amplo e a tomada de posição em relação a questões sociais, pelo acesso a temas pertinentes descritos nos jornais.

Segundo a ANJ (acesso em 20/01/2008) o público atendido por esses programas é bastante diversificado, e cada jornal encontra formas originais e criativas de promover suas ações em busca do leitor do futuro. É relevante destacar que há um crescente avanço na implantação dos programas, ou seja, em 1994 eram 13 e atualmente são 56 programas. Hoje em dia são atendidos cerca de 17.022 escolas; 5.830.558 alunos e 130.912 professores (dados obtidos em 20/01/2008). A ANJ estimula e apóia seus associados a criarem programas que incentivem a leitura, não apenas para formar futuros leitores de jornais, mas também para as empresas expressem responsabilidade social.

A ANJ informa que as empresas e ela associadas, que têm programas educacionais, estão bastante satisfeitas com os resultados. Conforme a ANJ, as principais motivações que levaram as empresas a investirem nesses projetos estão distribuídas da seguinte maneira:

- ✓ 24% optaram pelo objetivo de "favorecer o exercício da cidadania por parte dos jovens".
- ✓ 20% optaram pelo objetivo de "investir na formação de novos leitores de jornais".
- ✓ 18% optaram pelo objetivo de "dar início a uma iniciativa que expresse a responsabilidade social da empresa".

As empresas jornalísticas quando desenvolvem programas de incentivo à leitura de jornal em sala de aula, devem estar sensíveis à dinâmica social e levar sempre em conta que a escola reflete as mudanças sociais. Nesse sentido, devem estar dispostas a reformulações e mudanças em suas propostas para dar conta de suprir as necessidades do leitor. A união do grupo empresarial com o leitor - nesse caso, aluno - é uma relação que traz benefícios mútuos. Por um lado, o jornal quer ampliar seu público leitor e conseqüentemente vender mais jornais. Porém, só conseguirá esse retorno se identificar as necessidades do leitor e corresponder a elas. Por outro lado, o aluno tem a possibilidade de desenvolver-se como leitor. Esse é, a nosso ver, o maior benefício dessa parceria.

Um dos jornais, por nós utilizados para essa pesquisa, o jornal *O Liberal*, mantém um programa de distribuição de jornais em escolas, denominado *O Liberal na Escola*. O referido programa teve início no ano de 1995 e já atendeu 258.848 alunos, 14.130 professores, com 1.641.909 exemplares de jornal distribuídos. Segundo *O Liberal* (Disponível em <<http://www.orm.com.br>>, acesso em 22/01/2008), o objetivo do programa é “formar leitor com consciência crítica e política”, abrangendo as áreas educacionais “educar para a cidadania”, e sociais “socializar a informação por meio da mídia impressa”. Esse programa vem apoiando o trabalho pedagógico interdisciplinar nas escolas federais, estaduais, municipais e particulares do Estado do Pará. Os professores que participam do projeto são orientados sobre como aplicar no dia-a-dia escolar as informações contidas no jornal, e também como incentivar o aluno quanto à leitura do jornal. O programa também oferece a professores e alunos acompanhamento pedagógico, encontros, seminários, concursos, oficinas, visitas a museus, teatros, pontos turísticos, entre outros.

Contudo, seria ingenuidade acharmos que as empresas jornalísticas teriam os mesmos interesses nossos, educadores, na utilização de jornais em sala de aula, são diferentes, acreditamos. Apesar de termos consciência disso, o fator determinante para nós é que, as escolas que participam desses projetos têm acesso a um material que oferece muitas possibilidades de leitura.

1.5 O papel da escola na formação do sujeito: a crença do pesquisador

É certo que vivemos em uma sociedade de cultura tecnológica, estamos entre o real e o virtual e as informações nos chegam por toda parte, mesmo sem sair de casa. Nesse quadro, a escola deixa de ser o único centro de informações. O aluno que frequenta a escola, hoje em dia, não é o mesmo de anos atrás. A escola também não pode ser a mesma. Na era da informação a escola precisa rever currículos e metodologias para se adequar aos novos tempos. No entanto, é preciso ressaltar que, para se informar, não basta estar exposto a conhecimentos, é preciso dar sentido à informação, analisá-la, confrontá-la, contextualizá-la, para, assim, possuir conhecimento significativo. Nesse caso, a escola tem papel essencial na formação do sujeito. Para tanto, o intercâmbio cultural entre professor e aluno se faz necessário, uma vez que não é tarefa fácil formar leitor questionador, crítico. Ghilardi (1999, p.108) argumenta que,

O grande desafio da educação, no novo milênio, é preparar cidadãos-leitores, de cuja formação os meios de comunicação fazem parte. Nessa escola, o livro não perde espaço; apenas sua leitura ganha nova dimensão ao incorporar as relações sociais que se estabelecem no mundo em constantes e profundas transformações.

Uma das formas de interação entre escola e sociedade é, segundo Kleiman (2002, p. 44), a expansão e a abertura da sala de aula para as práticas sociais de outras instituições. Mas, para que essa expansão ocorra é preciso que a escola ofereça aos seus alunos a oportunidade de conhecer os gêneros que circulam nessas outras instituições. Nesse caso, conforme a autora (p. 44) “os gêneros escolares têm de ser acrescentados de muitos outros”. Dentre as possibilidades de inserção de outros gêneros na sala de aula, temos a utilização do jornal como ferramenta pedagógica.

Para se trabalhar adequadamente com o jornal em sala de aula, se faz necessária a compreensão do que seja ensinar e educar. Por muito tempo, ensino e educação foram sinônimos (PAIVA, 1999), mas hoje em dia entendemos que há diferença acadêmica e didática. Para o autor, a escola pode ser um local apenas de ensino quando se limita à instrução. Nesse caso, a escola restringe sua importância histórica e social: limita-se, desatualiza-se e não acompanha os avanços da sociedade, implicando a não educação do aluno.

Ainda segundo Paiva (1999), a educação, por sua vez, revela a cultura de um povo e realiza-se na qualidade da formação. Ela pode ser processada na escola e em outros lugares sociais como nas ruas, na família, uma vez que, mesmo fora da escola, o aluno continua recebendo informações num contínuo processo de aprendizagem. Para poder educar, e não apenas ensinar, a escola tem que refletir valores sociais. Nesse sentido, por ser uma fonte democrática e atual de informação, o jornal precisa ser trazido para ser vivido e lido na escola, já que possibilita aos professores e alunos uma leitura voltada para a realidade crítica e imediata. Assim, a utilização do jornal em sala de aula pode atender parte das expectativas de alunos e professores em relação à formação ideológica.

Na era da informação o leitor precisa fazer uma leitura de mundo, ser capaz de ler na pluralidade dos discursos sociais para que possa interagir de forma efetiva com o meio em que está inserido. Meurer (2000, p. 160) esclarece que ler criticamente é estabelecer associações mentais que permitam compreender as diversas práticas discursivas de criar e recriar ou transformar estruturas sociais de dominação, desigualdade e discriminação.

Para formar um leitor, é preciso dar a ele objetivos de leitura, criando situações que proporcione a construção de sua própria rede de conhecimentos. A esse respeito Solé (1998, p. 22) argumenta que sempre lemos para algo ou para alcançar uma finalidade, ou seja, lemos para atingir um objetivo. Contudo, leitura, segundo Coracini (2005, p. 19) pode ser feita “pelo olhar: perspectiva de quem olha, de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não”. Assim, o desígnio depende do espectador, dos objetivos de leitura, da experiência de vida, do contexto social. Com isso, o perfil do estudante muda quando ele percebe que a escola possibilita interagir com o mundo de forma mais aberta e com mais compromisso ético e social.

Formar leitores críticos, leitores capazes de identificar os mais variados gêneros e se apropriar deles, é, sem dúvida, um grande desafio para a escola. A aquisição da leitura é fundamental para a convivência numa sociedade letrada. Contudo, o resultado do trabalho desenvolvido pelo professor depende da concepção de leitura que ele adotar².

² A discussão a respeito dos modelos de leitura será feita na segunda parte desse trabalho, que corresponde a parte teórica.

Com isso, acreditamos que toda discussão a respeito de leitura só faz sentido se, de algum modo, contribuir para a conscientização de professores no que diz respeito à importância do seu papel na formação de leitores mais proficientes.

1.6 Objeto e objetivo da pesquisa

Muitos trabalhos têm analisado a questão ideológica, bem como os recursos pedagógicos que os jornais apresentam, contudo, muito ainda resta a pesquisar. Este não é um assunto estéril e deve ser alvo de constante estudo, observação e análise.

Transformar informação em conhecimento é o grande desafio da escola, e acreditamos que o jornal pode ajudar nessa tarefa. Por isso, a primeira página de jornal foi escolhida como objeto para o nosso estudo. A primeira página de jornal é um importante meio de comunicação e conseqüentemente um grande formador de opinião; reúne características de cunho ideológico e pedagógico que acreditamos, podem levar ao letramento ideológico. Desenvolver uma pesquisa que considere o jornal na sala de aula pode fazer com que aquilo que metaforicamente denominamos de “ilha sala de aula” se aproxime mais do “continente vida social”.

Contudo, essa aproximação só ocorrerá e terá êxito se a escola posicionar-se como uma “ilha artificial” com mobilidade o suficiente para perceber as grandes transformações sociais. Toda mudança requer tempo. Por hora, a nossa contribuição com a presente pesquisa está em mostrar que é possível.

Assim, o *objetivo geral* desta pesquisa é, a partir da proposição de uma abordagem diferencial de trabalho que leve em conta o letramento ideológico, analisar as observações de professores e alunos após o contato com o jornal em sala de aula.

Como *objetivos específicos* temos:

- Analisar as observações que dois professores da rede pública (um que trabalhe com o jornal e outro que não trabalhe) fazem após presenciarem a nova abordagem da leitura da primeira página de jornal, para verificar como eles reagem e quais suas crenças quanto ao uso do jornal.
- Observar como/se o uso da *primeira página de jornal* em sala de aula pode contribuir para efetivação do letramento ideológico dos alunos, conforme Kleiman (2006).

2. PERCURSO TEÓRICO

A palavra, a palavra viva, indissociável do convívio dialógico, por sua própria natureza quer ser ouvida e respondida. Por sua natureza dialógica, ela pressupõe também a última instância dialógica. Receber a palavra, ser ouvido. É inadmissível a solução à revelia. Minha palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada.

(BAKHTIN, 2003, p. 356)

No presente capítulo, faremos uma abordagem utilizando a concepção Bakhtiniana de linguagem e ideologia, para dar conta de fundamentar teoricamente o uso da linguagem utilizada pelos veículos de comunicação, no caso, o jornal. A seguir faremos um estudo sobre o conceito de letramento autônomo e ideológico, para entendermos e reconhecermos a utilização desses modelos em nossas escolas. Faremos, também, uma abordagem a respeito do conceito de gênero discursivo e da importância em reconhecê-lo como manifestação da linguagem. Por fim falaremos da primeira página de jornal.

2.1 A linguagem como processo de interação

É por meio da linguagem que as relações sociais se estabelecem. Ela se apresenta de várias formas, como gestos, rituais, cerimônias, entre outros. Um dos aspectos da linguagem é a comunicação verbal, a qual discutiremos adiante, conforme os pressupostos de Bakhtin. No dizer de Tápias-Oliveira (2006, p. 75)

A linguagem, que possibilita inúmeras formas de comunicação de enunciados e de compreensão, é a mesma linguagem em que as identidades (plurais) se manifestam, o que atribui ao uso da linguagem uma flexibilidade e uma instabilidade, configurando-se em um espaço/tempo em que se constituem as identidades dos participantes nas interações.

Assim, entendemos a linguagem como forma ou processo de interação e corroboramos com Travaglia (1997, p. 21-23) quando diz que, nessa concepção de linguagem, o indivíduo não apenas traduz ou exterioriza o pensamento, mas realiza

ações. Para o autor, a linguagem é um lugar de interação humana, de produção de sentidos entre interlocutores em um dado momento sócio-histórico e ideológico. Com isso, os interlocutores ocupam lugares sociais e refletem esses lugares em seus discursos.

O entendimento desse conceito de linguagem se faz necessário, nesse trabalho, para que possamos compreender a linguagem utilizada pelos jornais, que é parte de nosso estudo.

2.1.1 Signo e ideologia na concepção Bakhtiniana

Segundo Bakhtin (2006, p. 32), todo corpo físico pode ser tomado como objeto ideológico. Para ilustrar esse pensamento, Bakhtin utiliza o exemplo do pão e do vinho e demonstra que, enquanto produtos de consumo, não possuem outra função senão serem comida e bebida, contudo, quando postos em outra situação, “tornam-se símbolos religiosos” e passam a produzir valores exteriores a eles; ultrapassam suas próprias particularidades, ganham dimensão ideológica, refletem e refratam³ uma outra realidade. São de Bakhtin as seguintes palavras (p. 31):

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico é um signo. *Sem signos não existe ideologia.* Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Nesse caso, não se trata de ideologia.

Nesse sentido, a ideologia transita por meio dos signos quando eles passam a representar uma outra realidade, a produzir idéias e valores e a conter orientações ideológicas - bom, falso, verdadeiro, etc. De acordo com o autor “ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico” (2006, p. 33).

³ *Refletir* é um conceito bakhtiniano que se refere às idéias (ou às ideologias) de um grupo que são assumidas, aceitas pelo outro (pessoa ou grupo); *refratar* é outro conceito do mesmo autor que remete à uma distorção na aceitação das idéias de um grupo pelo outro. Ex: ao aceitar entrar para uma religião, a pessoa aceita todas as suas verdades e, assim, "reflete" os seus dogmas; se ela não se une a uma religião, é porque, em certa medida, não comunga com as idéias, ou aceita algumas coisas outras não, ou seja, filtra as idéias conforme seus interesses - logo, "refrata" as idéias (cf. TÁPIAS-OLIVEIRA, 2006).

Miotello (2005, p. 168) argumenta que Bakhtin constrói o conceito de ideologia na concretude do acontecimento, e não na perspectiva idealista. Assim, cada campo⁴ ideológico possui sua própria “orientação para a realidade” e representa essa realidade a seu modo. Cada campo tem uma função no todo da vida social e o signo ideológico é reflexo e “fragmento material” da realidade como entendida por cada campo.

Bakhtin ressalta que os signos ideológicos resultam de acordos entre sujeitos organizados, por isso, condicionam a organização social e o modo como as interações ocorrem. Se os modos forem modificados, conseqüentemente os signos não serão os mesmos. Há uma mútua influência entre o signo e as relações sociais, uma passagem das relações ao signo num processo dialético. Faraco (2006, p. 50), esclarece que,

As significações não estão dadas no signo em si, nem estão garantidas por um sistema semântico abstrato, único e atemporal, nem pela referência a um mundo dado uniforme e transparente, mas são constituídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valores e interesses sociais.

Para Bakhtin (2006) o signo ideológico é o palco das lutas de classes. É essa luta que faz o signo evoluir, ser vivo, pois para o teórico russo (p.47), as relações se refletem ou se refratam no signo ideológico pelo confronto de interesses sociais. Classes sociais diferentes utilizam o mesmo código ideológico de comunicação, servem-se de uma mesma língua, com isso, os signos ideológicos servem a interesses contraditórios. A esse respeito, Miotello (2005, p. 171) comenta que, nas relações sociais, “os signos se revestem de sentido próprios, produzidos a serviço dos interesses daquele grupo”. Em outras palavras, “em sociedades que apresentam contradições de classe social, as ideologias respondem a interesses diversos e contrastes”.

Todo signo vivo carrega o peso da contradição, pelo fato de representar para uns a verdade e para outros a mentira. Essa pluralidade social do signo dá dinamicidade ao mundo das significações, já que as verdades sociais podem encontrar e confrontar no mesmo signo.

⁴ *Campo* para Bakhtin (2006, p. 33) refere-se aos grandes domínios ou esferas sociais, como ciência, leis, religião, etc.

Faraco (2006) lembra que a reação ao caráter plurivalente do signo será parte fundamental no jogo de poderes sociais. Nessa luta pelo poder, classes sociais dominantes,

(...) tentarão impor uma das verdades sociais (a sua) como verdade; tentarão submeter a heterogeneidade discursiva (controlar a multidão de discursos); monologizar (dar a última palavra); tomar o signo monovalente (deter a dispersão semântica); finalizar o diálogo. (FARACO, 2006, p.52)

Nessa perspectiva, o entendimento do caráter dinâmico do signo se faz necessário para o estudo proposto por esse trabalho, já que pretendemos analisar, além das falas dos sujeitos de pesquisa, o discurso persuasivo dos jornais.

Um outro aspecto importante para o estudo do signo é, conforme Bakhtin, definir identificação (entende-se o sinal que é de conteúdo imutável, como os objetos técnicos e instrumentos), de descodificação (que é compreensão, entende-se o signo), A identificação não está no domínio da ideologia, ou seja, para que haja compreensão é preciso que o elemento da forma lingüística seja um signo com mobilidade específica dentro de um contexto definido.

Assim, na pratica viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas de apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. (BAKHTIN, 2006, p.98)

Nesse caso, para Bakhtin (2006), a compreensão de um signo “consiste em aproximar um signo apreendido de outros signos já conhecidos, em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos” (p.34). Os signos emergem por meio do processo de interação, entre uma consciência individual e outra, já que a consciência carrega os signos e deles tira seu alimento e sua condição de existir, por meio do processo de interação social. Ao haver a comunicação entre as pessoas, os signos e suas ideologias formam uma continua e ininterrupta cadeia de natureza semiótica, que se estende de consciência em consciência, de forma a ligá-las. (p. 34-35).

Assim, para que os signos se constituam é preciso que os envolvidos (sujeitos) pertençam a um grupo social definido. Bakhtin (2006) argumenta que a ideologia do cotidiano se organiza em interações estáveis e definidas, ou seja, grupos organizados (p. 35) como profissionais, estudantes, grupos religiosos. Nesse nível, conforme Miotello (2005, p. 173), “os grupos organizados apostam seus valores nas interações, e por isso

representam-se no plano concreto dos acontecimentos por uma série de atos materiais determinados”. Miotello também explica (2005, p. 176) que a ideologia é uma norma continuamente “atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados”. Dessa forma, o signo ideológico enquanto tal, para Bakhtin (2006, p 35), não está *na* consciência, “seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação”.

A esse respeito, Faraco (2006, p. 48) complementa que na obra de Bakhtin “os signos são intrinsecamente sociais, isto é, são criados e interpretados no interior dos complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social”. Nesse caso, para estudá-los é preciso associá-los a processos sociais que tenham significação.

2.1.2 Os signos como formadores da consciência

Segundo Bakhtin (2006, p. 33) a consciência só existe por meio dos signos e nas relações sociais, ao refletir e refratar as diversas ideologias. Sua lógica é a comunicação ideológica e a interação semiótica, representadas por meio de palavras, imagens, gestos, entre outros. Fora dessa realidade não há sentido, como explica o teórico russo,

A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas o inquilino do edifício social dos signos ideológicos. (2006, p.36).

Os fenômenos ideológicos e a consciência individual são ligados por meio da comunicação social. Assim, “a existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos” (p. 36), diz o pensador russo. Para Faraco (2006, p. 49), não existe relação direta entre o nosso dizer e as coisas, essa relação “se dá sempre obliquamente: nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas”. Assim, quando o signo cultural é absorvido e lhe é conferido o sentido, ele passa a pertencer a consciência, essa consciência acaba por moldar os signos ideológicos por meio de palavras. Essas, por seu turno, são usadas para disseminar ideologias, como é o caso dos jornais.

Nesse caso, a criação ideológica está relacionada aos interesses sociais de determinados grupos. Assim, o signo é recoberto de índices sociais de valores e torna-se “objeto de dizer daquele grupo”. Nas palavras de Bakhtin (2006):

Na verdade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (p.99.).

Mesmo na forma escrita a enunciação reflete ou refrata os enunciados de forma contínua e sucessiva, prolongando enunciações anteriores. Assim, para haver enunciação é necessário que haja interação entre dois indivíduos organizados socialmente. A palavra que é dirigida ao interlocutor vai variar conforme a proximidade do locutor com o interlocutor. Esse entendimento a respeito da consciência nos leva a perceber a palavra como essencial para a criação ideológica.

2.1.3 O poder das palavras

Levando em conta o aspecto fundamental da comunicação que é a interação social, é possível afirmar que a linguagem é um fenômeno ideológico por excelência, já que a palavra tem a função de representar o signo. Essa característica confere à palavra, segundo Bakhtin (2006, p. 36), o lugar de “primeiro plano no estudo das ideologias”. Ainda conforme esse autor (p. 37) é por meio das palavras que a ideologia se revela. Ela não é apenas o signo mais puro, é, sobretudo, um signo neutro podendo representar ou ser preenchido por qualquer função ideológica. Essa característica, a nosso ver, revela que a palavra é um importante material de comunicação da vida cotidiana, por meio da conversação. Além da conversação, a palavra assume papel fundamental no discurso interior, promovendo desenvolvimento e/ou alteração e/ou confirmação de fatos, valores da consciência. Contudo, é preciso perceber a palavra como um signo social para entender “seu funcionamento como instrumento da consciência” (p. 38).

Bakhtin (2006) lembra que “a palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (p.38). Além de sua pureza semiótica e de sua condição ubíqua, é o indicador mais preciso das transformações sociais, mesmo as transformações ainda não estruturadas, ou seja:

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (BAKHTIN, 2006, p.42)

Desse modo, a palavra tem a capacidade de armazenar pequenas quantidades de transformações que ainda não adquiriram o *status* de uma nova forma ideológica. As mudanças sociais são inscritas nas palavras, ou seja, as palavras funcionam como agente e memória social. Miotello (2005, p.172) argumenta que:

Vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios.

Com isso ele quer dizer que, a criação ideológica é por certo mais observável no plano das palavras pelo fato de elas refletirem ou refratarem as interações sociais. Além disso, as palavras registram e indicam os períodos de transição das transformações sociais: “cada época e cada grupo social tem seu repertório de forma de discurso na comunicação sociológica” (BAKHTIN, 2006, p.44).

Um outro aspecto importante para o estudo das palavras é o fato de, conforme Bakhtin (206, p. 117) elas apresentarem “*duas faces*”, ou seja, “ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como fato de que se dirige *para* alguém”. Assim, ela é “*o produto de interação do locutor e do ouvinte*”. A palavra é um instrumento utilizado para definir *um* em relação ao *outro*, ou seja, ela faz a ligação entre o locutor e o interlocutor e é comum aos dois.

Toda essa discussão da palavra como veículo de ideologias se faz pertinente para o presente trabalho, uma vez que nosso foco de atenção está na forma como os professores pesquisados e seus alunos passam a enxergar o jornal, que é um legítimo representante das muitas ideologias, após o contato com o jornal em sala de aula. Assim, ao responderem ao questionário refletem/refratam as ideologias ao exporem suas consciências.

2.1.4 O discurso como elemento fundamental na realização da língua

Conforme já mencionado acima, a verdadeira essência da língua é a interação verbal, que se realiza por meio da enunciação. A interação verbal pode ocorrer, além da forma falada, pela escrita e isso não diminui sua importância, uma vez que pela escrita também se instaura discussões, críticas e comentários. Nas palavras de Bakhtin (2006), “o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (p.128). A comunicação verbal escrita é parte integrante da comunicação global que está em constante evolução. Essa discussão nos interessa em particular, pelo fato de os jornais, objeto de nosso estudo, serem representantes dessa modalidade comunicativa, que é o texto escrito.

Em sua obra, Bakhtin (2006) aborda a questão do tema, que para ele (p. 133) refere-se ao sentido da enunciação completa. O tema é individual, assim como a enunciação também o é. O sentido é determinado por vários fatores lingüísticos como palavras ou entonação, ou por elementos não verbais como gestos, etc. A situação determina o tema, que é concreto e reflete totalmente o momento histórico a que pertence. A enunciação, além de ser dotada de tema é também dotada de significação, que são os elementos técnicos utilizados para a realização do tema. Contudo, não é possível delimitar os limites entre um e outro já que são interdependentes, ou seja, é impossível separar o sentido do significado. Conforme o teórico,

Qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser *ativo*, deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema, pois a evolução não pode ser apreendida senão com a ajuda de um outro processo evolutivo. (BAKHTIN, 2006, p.137)

Nesse contexto, há compreensão quando o indivíduo orienta-se em relação à enunciação, ou seja, quando a coloca no contexto que lhe é correspondente. Assim:

(...) a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN, 2006, p.137)

Com isso, os elementos significativos da enunciação passam para o receptor de modo a se tornarem ativos. A compreensão reflete uma forma de ‘diálogo’ entre o locutor e o interlocutor. Por isso, Bakhtin (2006) argumenta que:

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. É como uma fásca elétrica que só se produz quando a contato de dois pólos opostos. (p.137)

Desse modo, os jornais representam uma forma de “diálogo” entre locutor e interlocutor, e este se orienta em relação aquele.

Mais um aspecto relevante na teoria de Bakhtin para a discussão a respeito do texto jornalístico, diz respeito à apreensão do discurso de outrem. Para o teórico, quando o discurso é absorvido pela nossa consciência ele influencia a orientação das palavras que serão usadas, ou seja, o discurso, quando apreendido, é associado às estruturas da língua, contudo, esta apreensão se dá apenas dos elementos que serão importantes para a comunidade lingüística. Entretanto, existem diferenças entre a recepção e a transmissão do discurso de outrem, num dado contexto.

Toda transmissão, particularmente sob forma escrita, tem seu fim específico: narrativa, processos legais, polêmica científica, etc. Além disso, a transmissão leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas. Esta orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso. (BAKHTIN, 2006, p.152)

Assim, a língua representa as relações estáveis entre os sujeitos. A forma de uso dessa língua vai variar de acordo o contexto, os grupos sociais, a época. Tudo o que apreendemos da enunciação de outrem tem expressão no discurso interior, com isso, o individuo que toma para si o discurso de outrem é um sujeito repleto de palavras interiores. O que é apreendido no exterior é encaminhado para o interior, ou seja, conforme Bakhtin (2006, p. 154) “o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo”. Nesse contexto, ainda conforme esse mesmo teórico,

É importante determinar o peso específico dos discursos retórico, judicial ou político na consciência lingüística de um dado grupo social numa determinada época. Além disso, é importante levar sempre em conta a posição que um discurso a ser citado ocupa na hierarquia social de valores. (p.159).

As diferentes histórias vividas pelos vários grupos sociais, segundo Faraco (2006, p. 51), fazem com que os grupos humanos interpretem o mundo de modos diferentes, “daí resultando as inúmeras semânticas, as várias verdades, os inúmeros discursos, as inúmeras línguas ou vozes sociais [...] com que atribuímos sentido ao mundo”. A esse respeito Bakhtin acrescenta que “a enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior” (p.129).

Nessa perspectiva, adotaremos esses conceitos para entendermos que as partes que compõem a primeira página de jornal são discursos constituídos por sujeitos que estão em uma determinada posição sócio-histórica em relação a outros sujeitos, que constituem o público-alvo do jornal. Nesse caso, refletem em seus dizeres os valores de sua época. Esses valores quando expressos por meio da enunciação fazem a língua ter contato com a comunicação e tornar-se real.

2.2 Sobre Letramento

A seguir, faremos um estudo sobre o conceito de letramento autônomo e ideológico, para entendermos e reconhecermos a utilização desses modelos em nossas escolas.

2.2.1 Letramento: conceito e prática

O conceito de letramento é bastante complexo e abrangente. De acordo com Kleiman (2006, p. 16), muitos estudos se enquadram no conceito de letramento e a definição pode variar dependendo do que é investigado. Conforme Barton e Hamilton (2000, p. 7-15), o letramento é entendido como um conjunto de práticas sociais que são modeladas por instituições sociais e por relações de poder, situadas em um determinado tempo, espaço e discurso. Tápias-Oliveira (2008, p. 122), referindo-se aos estudos de Barton, esclarece que as “práticas são os modos, os conhecimentos de como agir, os padrões sociais trazidos pelos indivíduos para ação social; no letramento, são as formas culturalmente existentes de como agir na leitura e na escrita”. Essas práticas são reguladas por regras sociais mutáveis e adaptadas ao interesse do grupo social que as usa, e se manifestam por meio da oralidade ou da escrita. Barton (TÁPIAS-OLIVEIRA,

2008, p. 104) ensina que, é a partir do letramento que as pessoas fazem sentido. A consciência e a percepção do letramento pelas pessoas são importantes, como também o valor social e o papel que desempenham. Essa conscientização começa quando a criança entra em contato com a linguagem e se estende “até as tentativas de educação libertadora de adultos” (BARTON, 1994, p. 216-217). Para o autor, “são as pessoas que decidem ficar letradas, que ativamente aprendem e que decidem fazer mudanças em suas vidas” (p. 216-217). Nesse caso, ainda conforme esse autor (p. 216-217) “a construção do letramento pelas pessoas está na raiz de suas atitudes e de suas ações”. A definição de letramento das pessoas, de seus propósitos e de suas práticas de comunicação deve ser o ponto de partida do estudo do letramento, uma vez que, “o trabalho com o letramento de adultos e de crianças precisa capacitá-los a aprender como aprender” (BARTON, 1994, p. 216-217).

Para Barton e Hamilton (2000, p. 7-15) estudar o letramento é também estudar os textos (escritos ou não), desde a sua produção até o seu uso, em seus componentes: práticas e eventos. De acordo com esses autores, as práticas são as ações das pessoas, ou seja, o que elas fazem com o letramento; já os eventos de letramento são os acontecimentos observáveis que surgem da prática e por ela são regulados, o que implica, ainda citando os autores, que os eventos podem ser atividades repetidas e reguladas, com seqüência de rotina, que acontecem, por exemplo, nos locais de trabalho e nas escolas, e fazem parte de procedimentos formais gerados por interesses sociais. Outros eventos podem ser mais informais, como exemplo, as relações familiares e com os amigos. Assim, entender as práticas de letramento é entender os textos da vida social, definindo seus usos e suas funções.

Os estudos das práticas de letramento têm como objetivo tanto textos socialmente escritos, conforme Barton e Hamilton (2000, p. 7-15), como vários recursos semióticos, usados na sociedade, o que é paralelo ao conceito bakhtiniano de grupo social com seus signos ideológicos (p. 8-9). Dessa forma, os autores entendem que os letramentos variam de acordo com o contexto social. Esse conceito é importante para entendermos que os letramentos são representados pelas práticas, as quais estão associadas a diferentes domínios da vida cultural de uma dada comunidade.

Segundo Barton e Hamilton (2000, p. 9), as pessoas desenvolvem o senso de identidade social por meio de atividades distintas em vários domínios, ou seja, no domínio primário do cotidiano estão as relações construídas em casa, e são fundamentais para criar nas pessoas o sentido de identidade social; já as relações de

trabalho ou da escola divergem das relações familiares e pertencem a um outro domínio, em que as relações são estruturadas de modo diferente. Essa diferença nas relações se dá em função de regras pré-estabelecidas socialmente. Quando o indivíduo compreende essas diferenças nas relações e faz uso delas, ele se apropria das práticas de letramento dos diferentes grupos e assim participa de distintas comunidades discursivas nas várias situações da vida. Contudo, conforme os autores, os limites entre um domínio e outro não são estanques e podem ocorrer semelhança ou interferência entre um domínio e outro.

A escola, pelo fato de gerar conhecimento, é uma instituição poderosa que dá sustentação a práticas de letramento dominante. Para os autores acima citados, o poder está relacionado ao conhecimento e isso se manifesta nas relações sociais. Para eles, outras instituições menos poderosas produzem letramento menos visível e menos estruturado. Para Barton e Hamilton (2000, p. 7-15) fazer uma teoria do letramento é também fazer teoria da aprendizagem, uma vez que o letramento é um dos muitos aspectos da aprendizagem. É preciso salientar que as práticas de letramento estão sempre sofrendo mudanças, e os indivíduos adquirem novas práticas. Assim, de acordo com Tápias-Oliveira (2008, p. 108),

se sabemos o que os alunos conhecem sobre leitura e escrita e a partir disso construímos eventos e práticas de letramento que os ajudem a perceber o entorno, o contexto, o que está implicado nas ações, nas funções e nos usos da leitura e da escrita, os alunos, além de serem inseridos em práticas de letramento diferenciadas das que já conhecem, também desenvolvem consciência de si e de seu pensamento.

Assim, entender e participar de atividades como a oralidade e a escrita é adentrar um grupo social, é estar inserido socialmente, o que corresponde a ser letrado. Porém, acreditamos, como sugere a autora, que, ser letrado não se restringe apenas a compartilhar valores ou atitudes meramente externas; vai além, incluindo a tomada de consciência e a construção identitária fundamentadas em crenças e ideologias, ou seja, ser letrado pode implicar valores internos manifestados conscientemente nas práticas sociais. Nesse caso, cabe à escola proporcionar aos alunos letramentos que os ajudem a lidar com as várias situações a que forem expostos. A respeito dos modelos de letramento oferecidos pelas escolas abordaremos a seguir.

2.2.2 Letramento na Escola: modelo autônomo *versus* modelo ideológico

O letramento escolar é fundamental, desejado e valorizado socialmente. No letramento, a escrita é parte fundamental para se fazer sentido, tanto em relação às estratégias interpretativas como também na interação entre os participantes do evento. Assim, a aquisição da escrita na escola representa acesso às estruturas culturais de poder, pois o poder, como já foi abordado acima, está relacionado ao conhecimento. Para Kleiman (2006, p. 28), as práticas de letramento mais valorizadas são as mesmas impostas pela escola e por grupos sociais de maior prestígio, e o acesso a essas práticas gera um mito de que a escola fornece uma espécie de credencial para o sucesso, já que o progresso está associado à escolarização. Contudo, apesar de a escola ser um importante local de letramento, ela geralmente tem reproduzido um letramento voltado para a codificação e decodificação, ou seja, um letramento considerado *autônomo* (STREET, *apud* KLEIMAN, 2006, p.21).

O letramento autônomo apresenta particularidades citadas pela autora, como veremos a seguir. Primeiramente, a correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo: essa característica do modelo de letramento autônomo oferece alguns problemas, como por exemplo, quando há comparação entre grupos escolarizados e não-escolarizados: os escolarizados acabam por ser a norma, o desejado, os de prestígio e os não-escolarizados o oposto. Essa comparação, conforme Kleiman (2006, p. 27), quando realizada, pode gerar concepções deficitárias e perigosas, pelo fato de reproduzir preconceito e criar duas espécies de diferente valor: os que sabem ler e escrever e os que não sabem.

A seguir, no modelo autônomo de letramento, há a presença da dicotomização entre a oralidade e a escrita. Nesse modelo, segundo Kleiman (2006, p. 22) a escrita seria “autônoma”, ou seja, “um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado”. Nesse caso, a interpretação seria determinada pelo funcionamento lógico interno do texto. Essa característica distancia a escrita das “reformulações estratégicas que caracterizam a oralidade”, que, pela interferência do interlocutor, “mudam-se rumos, improvisa-se, enfim, utilizam-se outros princípios que os regidos pela lógica, a racionalidade, ou consciência interna, que acabam influenciando a forma da mensagem”. Para essa concepção de letramento, de acordo com essa autora (p.46), que vê a escrita como objeto, o ensino “teria como objetivo iniciar, e avançar, um processo que culminaria na produção de um objeto já

definido de antemão através de suas diferenças formais com o texto oral”, ou seja, o ensino estaria fundamentado no contraste do oral *versus* escrita.

Por fim, o modelo autônomo de letramento conta com a atribuição de poderes e qualidades intrínsecas à escrita, e por extensão, aos povos ou grupos que a possuem, relegando a segundo plano quem não a possui. Para Kleiman (2006, p. 31) é dada à escrita o “poder transformador de nossas estruturas mentais”, ou seja, o indivíduo ou povo que a possui são considerados superiores, capazes de formulações mais abstratas. A escrita é tida como uma tecnologia. Segundo essa mesma autora (2006, p.38), um dos agravantes do modelo autônomo de letramento é atribuir, “ao indivíduo que pertence ao grande grupo dos pobres e marginalizados” o fracasso e a responsabilidade pelo fracasso. Com isso, essa ideologia confere ao letramento escolar uma grande quantidade de implicações positivas, almejadas, tanto no campo da cognição quanto no campo social.

Contrapondo a esse modelo, Kleiman (2006, p. 21), citando Street, apresenta o modelo ideológico de letramento, que possui como característica não estar vinculado ao progresso ou civilização e poder ser entendido como um conjunto de práticas determinadas socialmente, em que os significados dependem dos contextos. Nesse modelo, escrita e fala não são separados; a visão é mais ampla e procura investigar as ligações entre a oralidade e a escrita. Permite-se questionamentos quanto a interesse, valores e crenças e, com isso, a leitura e a escrita passam a ser instrumentos críticos com capacidade de transformação. Nesse sentido, a visão que se pode esperar, após, por exemplo, a leitura de um texto, é uma visão plural, voltada para os valores sociais. Tápias-Oliveira (2008 p. 130) esclarece que, o letramento ideológico, em oposição ao letramento autônomo, “é um processo realizado em práticas sociais específicas, levando em conta as necessidades, o perfil, as características específicas de cada grupo de pessoas, bem como suas intenções, seus objetivos”.

Nessa perspectiva, Kleiman (2006, p. 30) argumenta que “a concepção dialógica da linguagem, a incorporação do outro no texto do autor, nos permite pensar numa outra dimensão para o ensino da escrita”. É preciso ver a linguagem oral e escrita “através das semelhanças constitutivas”, o que “permite que pensemos a aquisição da escrita como um processo que dá continuidade ao desenvolvimento lingüístico da criança, substituindo o processo de ruptura que, subjaz e determina a práxis escolar”. Isso nos remete às reflexões de Bakhtin, para quem toda linguagem, seja oral ou escrita, é polifônica, ou seja, é incorporada por muitas vozes. Esse teórico focaliza o aspecto

lingüístico comum aos muitos tipos de texto, sem se esquecer da diversidade e da complexidade dos gêneros. Com isso, entendemos que a escrita e a oralidade podem ser estudadas pelo ponto de vista da semelhança, e não apenas da diferença.

O que temos encontrado na maioria de nossas escolas, contudo, é o modelo autônomo de letramento, pois, geralmente, as práticas escolares valorizam a promoção de atividades que desenvolvam a capacidade de escrever textos, desconsiderando o contexto, e o aluno deve seguir um caminho previamente estabelecido. Entretanto, para Kleiman (2006, p. 47) as falhas “do sistema educacional na formação de sujeitos plenamente letrados (...) são mais profundas, pois são decorrentes dos próprios pressupostos que subjazem ao modelo de letramento escolar”.

2.2.3 As várias concepções sobre leitura

Acreditamos que uma das principais funções da escola é ensinar a ler, das mais variadas formas e sob todas as perspectivas. A leitura, entendida de modo amplo, é um caminho para que o sujeito compreenda o olhar do outro, e cabe à escola proporcionar questionamentos para criar o espírito investigativo no aluno e prepará-lo para continuar o processo de leitura fora da escola.

Quando discutimos a respeito de leitura, é importante sabermos da evolução de suas concepções para entendermos o percurso dos teóricos da área que vem fornecendo modelos aos professores, além de fornecer subsídio para a proposta da presente pesquisa. Vejamos, então, de modo breve, os modelos Estruturalista, Psicolinguístico, Interacionista e Discursivo-Descostrutivista, com vistas a perceber como eles se relacionam com os modelos de letramento propostos por Street (KLEIMAN, 2006).

No modelo Estruturalista de leitura, o texto é apresentado como algo que tem existência própria, ou seja, independe do sujeito, da subjetividade e das condições de enunciação. O sentido está no próprio texto, cabendo ao leitor, que nesse caso desempenha o papel de receptor, decodificar a mensagem e reconhecer os itens lingüísticos utilizados pelo autor no que tange aos sentidos literal ou metafórico, conotativo ou denotativo. Conforme Mascia (2005, p. 2), esse modelo “exclui o sujeito leitor do processo, relegando-lhe o papel passivo de receptor”. Assim, essa etapa de leitura seria anterior à compreensão, que por sua vez precede a interpretação. Essa é a perspectiva de leitura que tem influenciado grandemente o ensino em geral.

O modelo Psicolingüístico traz uma abordagem de leitura mais ampla, em que leitura é ler o mundo e as pessoas, ler a própria vida. A leitura é entendida como um processo ativo de construção mental. Nesse modelo, a leitura é monitorada e espera-se que o bom leitor seja capaz de acionar conhecimentos estruturados anteriormente. Como sua visão é cognitivista, o sucesso e o fracasso tido como algo mental, ou seja, o sujeito é percebido como capaz ou incapaz. Segundo Mascia (2005, p. 2), “o processo de leitura se dá a partir de unidades maiores – unidades de significado - ao invés de palavras, de grafia e de som”. Portanto, o texto é portador de significado, ou seja, é autoritário e externo ao leitor.

As concepções de leitura Estruturalista e Psicolingüística, apesar de distintas, trazem algo em comum: privilegiam o letramento autônomo, pois, em proporções diferentes, esses modelos entendem o texto como modelo a ser seguido e o apresenta de forma autoritária.

Na visão Interacionista de leitura, os sujeitos, autor e leitor, são levados em conta, havendo interação entre leitor-texto-autor. Nessa perspectiva, os processos *Bottom-up* e *Top-down*⁵ se complementam, ambos se interrelacionam no processo de se fazer sentido. Segundo Solé (1996, p. 24) “o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento de mundo e seu conhecimento de texto para construir uma interpretação sobre aquele”. Assim, o autor constrói o texto, propõe uma leitura; o leitor aceita, refuta, critica, percebe a linha temática, transformando as informações num significado único e abrangente. Nesse caso, espera-se que o bom leitor seja capaz de reconstruir o texto, seguindo as pistas deixadas pelo autor, para chegar à formulação de idéias.

Mesmo que nesse modelo ainda não se pensasse em ideologias, nem no texto enquanto discurso, com as possibilidades de refração e reflexo, parece-nos interessante observar que essa visão de leitura guarda mais relação com o modelo ideológico de letramento do que com o modelo autônomo, pois, nela, autor e leitor são participantes ativos e há possibilidade de interrelação, se não dialógica, no sentido bakhtiniano do termo, dialógica enquanto interação das partes leitor-texto-autor.

⁵ *Bottom-up*: Estipulam estágios a partir do processamento gráfico, ou seja, a informação vai do texto para o leitor, pois o sentido está no texto. O leitor decodifica o texto num processo ascendente; *Top-down*: Estipulam, essencialmente, estágios a partir de hipóteses baseadas no conhecimento lingüístico e enciclopédico prévio do leitor. O sentido está no leitor, é um processo descendente. (KLEIMAN, 1989, p. 13-35).

Já perspectiva de leitura Discursivo-Desconstrutivista ultrapassa o nível lingüístico, vai além; é uma visão social, em que as regras para a dialogia são definidas por marcas históricas, em que a ideologia determina o discurso. Nessa visão, o sujeito é constituído ideologicamente por uma relação de poder-saber. É, também, heterogêneo, ou seja, constituído por muitas vozes. Assim, não controla os atos ou atitudes. Nessa perspectiva, os discursos são constituídos por meio de imagens feitas pelo sujeito-enunciador e pelo sujeito-enunciatário, de acordo o lugar histórico-social que ocupam no contexto de produção. Essa concepção de leitura, de acordo Mascia (2005, p. 5), pretende expor o que o texto quer esconder, é o dito através do não dito. Questiona a verdade, desestabiliza as oposições binárias, recusa ler o texto como ele deseja ser lido. Não pretende interpretar o texto observando temas ou idéias principais, pelo contrário, desconstrói o texto com a intenção de expor a subordinação e a dependência dos termos. Assim, conforme Foucault (MASCIA, 2005, p. 7), os textos, por si só “não passam /.../ de grafismos empilhados sob a poeira das bibliotecas, dormindo um sono profundo”, ou seja, para ele, o sentido não está no texto, mas no jogo discursivo. A leitura é determinada pelo sujeito e não pelo texto, sujeito esse, heterogêneo, constituído sócio-ideologicamente. A sala de aula da visão Discursivo-Desconstrutivista é um local de negociação de poder-saber. Contudo, para que isso ocorra se faz necessário que o professor tenha uma postura menos autoritária diante dos alunos para que eles possam desenvolver a consciência crítica e o senso de identidade social. Além disso, o professor deve criar condições que visem o questionamento dos textos, bem como, permitir que os alunos percebam que o texto é resultado de muitos outros textos.

Como podemos observar, as características do modelo Discursivo-Desconstrutivista de leitura se coadunam com o letramento ideológico, pois, aprender a ler na perspectiva do letramento ideológico significa entender o funcionamento do texto nas muitas situações sociais em vários contextos, ou seja, o ensino precisa estar adequado à realidade dos sujeitos envolvidos no processo. É importante que a escola proporcione ao aluno atividades prazerosas de leitura, para com isso, desenvolver o hábito e o gosto pela leitura. Sobre leitura, Kleiman (2002, p. 34) argumenta que:

A formação de um cidadão letrado significa abandonar a ênfase excessiva nos conteúdos a fim de privilegiar a prática; pouco interessa decorar os nomes de países que estão em constante mudança, mas a prática de ler mapas para localizar a capital de um estado ou país ou a de procurar uma informação na enciclopédia são práticas memoráveis, que valem a pena ser aprendidas porque nos servirão a vida toda.

Assim, ler, segundo a autora, é ter conhecimento das práticas discursivas e significa ir além de respostas sobre o texto; é saber como ele funciona, o que pode oferecer, seus objetivos; quais relações estabelecem com outros textos. No entanto, quando a escola homogeneiza os conhecimentos, passa uma imagem de isenção e neutralidade, nesse momento ela não atende às necessidades dos indivíduos, que são diferentes, são diversos, com interesses diversificados.

Para Coracini (2001, p. 138) a escola acredita na verdade e na imparcialidade indicada pelos textos, e isso tem dificultado a identificação do aluno com o texto. A escola tem tentado minimizar os problemas vindos da diversidade utilizando textos previamente selecionados, em geral, textos literários, e mais raramente textos mais populares como os jornalísticos, que na verdade, são usados como pretexto para se ensinar gramática e quase nunca se trabalha a produção de sentido. Ainda, segundo essa autora, as leituras em geral são mais um exercício de pronúncia do que de sentido, e as questões que se seguem a esses textos, nada mais são do que localizações no próprio texto, sem que o aluno reflita. Quando há questões que exigem mais interpretações do aluno, geralmente elas são deixadas de lado, pela dificuldade de correção ou porque o professor julga que a parte gramatical é mais importante. Coracini (2001, p. 152) comenta que:

Permitir que o aluno se diga na produção de sentidos através da leitura implica em soltar as rédeas, em não impor a sua verdade como a única possível ou correta e isso, evidentemente, exige uma mudança de postura da escola e do professor. Implica em aceitar a disseminação de sentidos que tornam a escritura uma trama de fios que se tecem como remédio e veneno.

O texto não se constrói pelo diálogo entre dois sujeitos que de algum modo compartilham conhecimentos. Para Coracini (2001, p. 140) a qualidade da leitura é determinada pelo distanciamento entre os dois. Contudo, a leitura tem sido objeto de ensino-aprendizagem, onde estratégias asseguram o controle do processo consciente. Esse posicionamento da escola exposto por Coracini, guarda relação com o que entendemos como modelo autônomo de letramento, o que vem sendo praticado em nossas escolas há muito tempo. O sujeito-leitor não é levado em conta, e a língua é vista como sistema de signos, onde o significado já se encontra na palavra. Assim, o bom leitor seria aquele que decodificaria o sentido que já estaria no texto. Entretanto, o texto

não pode ser considerado apenas como um grupo de palavras colocadas umas ao lado de outras, conforme critério previamente estabelecido. Ele é muito mais do que isso. É o lugar de encontro dos vários enunciados, o sentido é mutável conforme a ideologia, a experiência, o momento histórico em que o aluno se encontra.

A leitura só faz sentido se o aluno entender as funções do texto em sua comunidade. Ele deve reagir ao que o texto revela de modo a avaliá-lo de acordo com os parâmetros da vida social que leva. Para ler é preciso também conhecer as características específicas de cada gênero. Falaremos sobre isso a seguir.

2.3 Sobre gênero discursivo

Bakhtin (2003, p. 261) ensina que o uso da linguagem está presente em todas as atividades humanas. Entende-se que esse uso apresenta muitas formas para dar conta de atender às necessidades de comunicação dos sujeitos.

A língua é uma dessas formas. Ela realiza-se na forma de enunciados, argumenta Bakhtin (2003, p. 261), sejam eles orais ou escritos, e comenta, ainda, que “esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem,” que compreendem a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais”, mas, sobretudo “por sua construção composicional.” Nas palavras de Bakhtin (2003, p. 262),

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

O teórico russo (2003, p. 262) afirma que os gêneros do discurso são diversos porque são infinitas e “inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana”; assim, o gênero do discurso “cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo”.

Para Bakhtin (2003, p. 293), o gênero do discurso é “uma forma típica do enunciado” e acrescenta que “os gêneros correspondem a situações típicas da

comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas”.

A noção de gênero, conforme Marcuschi (2005, p.17), ampliou-se para toda a produção textual. Para ele, essa ampliação dilui a noção de gênero a ponto de indagarmos “que categoria é essa a que chamamos de gêneros textuais”. As indagações a esse respeito são relevantes e necessárias, haja vista, o gênero textual ser tão antigo quanto a linguagem e dela abstrair existência.

Para Bazerman (2006, p. 49) “gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros em qualquer momento do tempo. Podem reconhecer os gêneros por nomeação, institucionalização e regularização explícitas”, e isso ocorre “através de várias formas de sanção social e de recompensa” ou “através da organização implícita de práticas dentro de formas padronizadas de interação letrada”. Nesse caso, os gêneros emergem dos processos sociais em que os sujeitos compartilham significados. Assim, estudar os gêneros é dar atenção especial para o funcionamento da língua, bem como para suas representações sociais e culturais.

Marcuschi (2005, p.18) comenta que os gêneros não são modelos estanques ou estruturas rígidas, são “formas culturais e cognitivas de ação social” representados pela linguagem. Os gêneros do discurso regulam e condicionam o uso da comunicação social, não permitindo liberdade e arbitrariedade nas relações humanas. Se por um lado impõe restrições, por outro estimula a variação e a criatividade, pois são flexíveis e variáveis. Para Marcuschi (2005 p. 18), “a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural”. Esse mesmo autor argumenta que os gêneros “são formas interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentido. Assim, um aspecto importante na análise de gênero é o fato de ele não ser estático nem puro” (2005, p. 19).

Em outras palavras, os gêneros do discurso não podem ser classificados como formas inflexíveis e rígidas, mas sim formas de comunicação, relacionadas a práticas sociais, relações de poder, interesses e culturas. Eles manifestam visivelmente a organização da sociedade em todos os seus aspectos, uma vez que ajudam a construir o funcionamento social por meio da linguagem.

Bakhtin (2003, p 283) enfatiza que os nossos enunciados são moldados em forma de gêneros do discurso, e ressalta que,

Quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas palavras [...]. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não o dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.

Marcuschi (2005, p. 22) argumenta que os gêneros são “fenômenos relativamente plásticos com identidade social e organizacional bastante grande e são parte constitutiva da sociedade”. Para o autor, uma das características do gênero é o fato de eles serem desiguais em certas funções e isso é que faz o gênero proliferar para dar conta de toda a variedade de atividades desenvolvidas no dia-a-dia. Eles circulam nos mais variados suportes como jornais, revistas, livros, e das mais variadas maneiras. A esse respeito Maingueneau (2005, p. 68) argumenta que “dominar um gênero de discurso é ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis”.

Nessa perspectiva, pelo fato de vivemos em uma sociedade que muito se expressa pela escrita, conhecer os gêneros da escrita parece ser primordial, uma vez que os gêneros indicam relações de poder e fatos de hierarquização do poder.

Assim, é inegável conforme Marcuschi (2005, p.32), que os gêneros têm a capacidade de organizar a nossa fala e a nossa escrita, do mesmo modo que a gramática organiza as formas lingüísticas.

2.3.1 Os gêneros discursivos na escola

De acordo com Lopes-Rossi (2005, p. 80), é por meio dos gêneros discursivos que a linguagem, do modo que é usada socialmente, incorpora-se nas atividades dos alunos. E, segundo a autora, cabe ao professor criar condições para que os alunos apropriem-se das características lingüísticas e discursivas dos diversos gêneros, nas diversas situações de comunicação. Koch (2005, p. 56) esclarece que os gêneros no ambiente escolar deixam de ser “apenas ferramenta de comunicação, passando a ser, ao mesmo tempo, objeto de ensino/aprendizagem”. Para ela, a introdução dos gêneros discursivos na escola deve ter objetivos precisos de aprendizagem, como:

Levar o aluno a dominar o gênero, principalmente para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, para melhor saber compreendê-lo, produzi-lo na escola ou fora dela; para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e são transferíveis para outros gêneros

próximos ou distantes. Para realizar tais objetivos, torna-se necessária uma transformação, ou parcial, do gênero: simplificação, ênfase em determinadas dimensões etc. (KOCH, 2005, p. 58).

Ainda segundo essa autora, os alunos devem ser colocados em situações de comunicação o mais perto possível das verdades que os cercam, para que possam dominá-las como são.

Koch (2005, p. 60) argumenta que, conforme enfatizam os PCN, “a discussão e a pesquisa sobre os gêneros poderá trazer importantes contribuições para a mudança da forma de tratamento da produção textual na escola”. Bonini (2005, p. 65) acrescenta que o jornal é um “hiper-gênero”, ou seja, é um típico exemplar de suporte convencionalizado constituído por vários outros gêneros.

Nesse sentido, os alunos precisam compreender que a língua oferece muitas possibilidades de uso, e que compreender e usar a língua nas várias situações sociais é estar inserido socialmente, é participar das várias competências discursivas. Ghilardi (1999, p. 108) lembra que a diversidade de gêneros discursivos exige um leitor competente, que compreenda os “efeitos de sentido produzidos pela leitura dos textos com os quais entra em contato”.

Partido do pressuposto “de que ensinar uma língua é dar condições a seus falantes de desenvolverem suas competências discursivas para, com isso, dialogar com seus interlocutores” (Baltar, 2006, p.20), é importante termos em mente que quando apresentamos aos nossos alunos um grande número de gêneros, estamos também dando a possibilidade de inclusão “nos processos de compreensão e de transformação” social (Baltar, 2006, p.20).

Concordamos com os autores acima e entendemos que o uso dos jornais em sala de aula deve ser incorporado ao cotidiano escolar, pois o jornal constitui um universo social, cultural e informativo. Assim, é capaz de proporcionar a crítica e a autocrítica, fundamentais para formar cidadania e conseqüentemente democracia. Com isso, o aluno tem a oportunidade de transitar nos muitos “espaços discursivos” tornando-se um “usuário/cidadão.” Mas, para que isso ocorra, é preciso colocar os alunos em contato com textos autênticos, que representem a vida social de fato.

2.3.2 Sobre o jornal em sala de aula

O jornal, por ser o suporte de muitos gêneros, é um representante legítimo do uso social e atual da linguagem. Para Baltar (2006, p. 21), o aspecto relevante no uso do

jornal em sala de aula se deve ao fato de que os gêneros textuais do ambiente discursivo jornalístico gozam de um estatuto privilegiado, em consequência, têm grande poder de persuasão. Por isso é, em muitos casos, determinante nas transformações sociais. Para o autor, “o que se escreve e se lê nos jornais, mesmo que subliminarmente, está pautado pelo interesse das classes sociais que ali se fazem representar” (p. 21). Assim, proporcionar aos alunos a leitura do jornal é oferecer-lhes chance de participar mais efetivamente da vida social.

O jornal atua como reprodutor de fatos da atualidade, nesse caso, o jornal dá a conhecer por meio da construção de enunciados. Portanto, o jornal é produtor e interpretador de enunciados. Coracini (2007, p. 61) argumenta que uma das principais características do discurso jornalístico “é atuar na institucionalização social dos sentidos, contribuindo para a cristalização da memória do passado, bem como para a construção da memória do futuro”. Para Cardoso (2003, p.3), o discurso jornalístico, como qualquer forma de linguagem, “é o ato de enunciar, enquanto ato de dizer o mundo”, ou seja, “o jornalismo fala o outro, fala ao outro e com o outro”. Nesse caso, a linguagem jornalística é um ato social. Ao enunciar, o jornalismo reflete/refrata em seu discurso valores e ideologias. Assim, “ao produzir um enunciado, tem, como missão maior, influir no debate público”. Portanto, de acordo com Pavani (1999, p. 116) “é função do professor orientar o aluno para o fato de que não se trata apenas de narrar uma história, mas que a notícia é produto de um perfil jornalístico próprio do jornal lido”.

A linguagem jornalística fala o mundo em que vivemos em diversos contextos como: política, economia, moda, violência, escândalos, fome e muitos outros. A esse respeito Cardoso (2003, p. 4) esclarece que “o jornal é a arena onde se confrontam os valores sociais”. Assim, “o discurso jornalístico apresenta-se como o enunciador dos acontecimentos, ainda que, freqüentemente, industrialize as emoções e estabeleça gostos e aspirações, ditando costumes e crenças”.

Ikeda (2005, p. 48) esclarece que quando a notícia é selecionada e codificada para publicação, ela passa por um processo de transformação decorrente das propriedades técnicas da mídia e dos modos como são usados. Para a autora (p. 48), “tanto a seleção quanto a transformação são guiadas por referências, geralmente inconscientes, a idéias e crenças”, e estão “em consonância com idéias de grupos controladores numa sociedade industrial-capitalista, porque o jornal é uma indústria com seus próprios interesses

comerciais”. De tal modo, o discurso jornalístico está “longe de refletir com neutralidade a realidade social e os fatos empíricos”.

Nesse contexto, a linguagem jornalística faz uso da persuasão para garantir a eficácia de seus enunciados. Citelli (2006, p.14) define persuasão como “a busca de adesão a uma tese, perspectiva, entendimento, conceito, etc. evidenciado a partir de um ponto de vista que deseja convencer alguém ou um auditório sobre a validade de que se enuncia”. Para esse mesmo autor, “o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo” (p. 6). Noutros termos, o modo de conduzir as palavras é vital para a eficácia da persuasão. Ou seja, para Citelli (2006, p. 31) as palavras quando no contexto, “perdem sua neutralidade e passam a indicar aquilo a que chamamos propriamente de ideologias”.

Segundo Ikeda (2005, p. 52), os padrões de vocabulário utilizados pelos jornais mapeiam os registros e seus usuários, enfatizando preocupações especiais e projetando valores sobre os diversos assuntos. Assim, moldam as pessoas com papéis e atribuem a elas responsabilidades, definindo, com isso, o que são temas recorrentes ou generalizações. Para Ikeda, “se o leitor do jornal julgar que o modo coloquial de discurso lhe é familiar e confortável, acaba considerando a ideologia que sua estrutura incorpora como ‘senso comum’ e a aceita” (p. 52). No entanto, é preciso ressaltar que o jornal e seus leitores compartilham uma competência discursiva comum, distinguem as colocações toleráveis ou aceitáveis das colocações intoleráveis ou proibidas. Com isso, o jornal negocia com o leitor o significado de um texto por meio de escolhas lingüísticas.

Os jornais podem apresentar padrões estruturais que sugerem um discurso mais literário, com jogos de palavras, aliteraões, metáforas, que aparecem, sobretudo, nos cabeçalhos. Contudo, Ikeda (2005, p. 54) esclarece que alguns jornais, atrelam a essa estrutura ‘poética’ padrões ultrajantes em relação à política e ao sexo. Para ela, “valores deploráveis são abertamente exibidos, sugestivamente intensificados; mesmo um leitor crítico pode ser desarmado pelo prazer da generosidade do discurso”. Entretanto, para que isso ocorra, é preciso que a ideologia já incorporada na língua por práticas sociais e discursivas, seja codificada pelo estilo usado pelo jornal. Em outras palavras, o jornal aproxima-se de seu público leitor por meio do discurso. E é essa intimidade com o estilo que permite, de modo imperceptível, a construção do consenso entre o jornal e seus leitores. Para Ikeda (2005, p. 53) “o estabelecimento do estilo ‘normal’ é fundamental

na construção do consenso e tem sido identificado pelos analistas da mídia como central na prática ideológica dos jornais”.

Os jornais oferecem entretenimento e ao mesmo tempo disfarçam o discurso institucional que apregoam. Com isso, criam uma lacuna discursiva, que segundo Ikeda, só é minimizada “pela promoção de modelos orais no texto escrito, dando a ilusão de conversa, em que se fala do senso comum, sobre assuntos em que há consenso”. Nesse caso, “a noção-chave do idioma público é a ‘reciprocidade’ entre escritores e leitores, a negociação de um estilo apropriado ao público leitor, com o qual os leitores-alvo se sintam confortáveis” (p. 53). Entretanto, essa autora (p. 54) adverte para o fato de ser o conceito de consenso ilusório, “porque as instituições comerciais e governamentais estão, na verdade, interessadas em controlar e em tirar proveito dos menos privilegiados”. Nesse quadro, “a manutenção da ilusão de igualdade requer um trabalho discursivo complexo”. A língua codifica representações de valores e experiências que são repassados de geração em geração de modo adequado e sistemático, para que os significados permaneçam vivos e familiares.

Outro aspecto a ser considerado é que todas as informações fornecidas pelos jornais são pontuais e fragmentadas, e esse fato requer que os leitores tenham conhecimento da linguagem jornalística. A respeito da linguagem jornalística Antunes (2004, p. 58) esclarece que:

Elas nos fornecem uma visão de mundo do momento presente que podem ser modificadas de uma hora para outra, por isso a leitura da primeira página deve ser cuidadosa e criteriosa, os leitores devem ter sempre em mente que as notícias que lhes são apresentadas além de pontuais podem também não ser tão verdadeiras.

Assim, o texto jornalístico é duplamente ideológico, adota uma postura seletiva em relação à produção de notícias e influencia na opinião pública. Essa percepção por parte do aluno irá ajudá-lo a entender o mundo de modo mais objetivo.

De acordo com a Wikipédia (acesso em 18/01/2008), o jornalismo atualmente está entre a imagem romântica de árbitro social, sendo porta-voz da opinião pública e a imagem de empresa comercial sem escrúpulos, capaz de recorrer a qualquer meio para multiplicar suas vendas. Nas discussões sobre ética jornalística, segundo a Wikipédia, a questão da imparcialidade é também tema central. A definição de textos objetivos e de textos opinativos se tornou difícil, já que os jornalistas podem, intencionalmente ou não,

fazer recortes nos fatos, focando determinados aspectos em detrimento de outros. Podem também dar explicações parciais, incompletas ou tendenciosas.

Para Lustosa (1996, p. 21), “apesar do propósito e do compromisso de alguns jornalistas, a imparcialidade e a impessoalidade jamais ocorreram efetivamente no jornalismo”. A informação é vista como mercadoria pelas empresas de comunicação. Ou seja, a informação não é do repórter e sim dos proprietários da empresa, que por sua vez estão sujeitos a interesses econômicos e políticos. Assim, no dizer de Lustosa, “se não há liberdade, não há verdade” (p. 21).

Nesse caso, é razoável concluir que, a notícia é uma versão de um fenômeno social e não a expressão fiel, objetiva de um acontecimento. Contudo, ainda hoje, os veículos de comunicação insistem em pregar a imparcialidade. Para comprovar tal fato, basta observar a incoerência entre o discurso e a prática dos veículos de comunicação. Lustosa (1996, p. 22) argumenta que: “a neutralidade jornalística é um mito cotidianamente desfeito nas redações, a partir da elaboração da pauta que determina a forma de se buscar os fatos, o conteúdo pretendido e, eventualmente, indica os propósitos da editoria”.

Entretanto, é preciso destacar que os veículos da comunicação de massa sobrevivem, não apenas de público, mas, principalmente, de financiadores particulares e governamentais.

Para Charaudeau (2006, p. 33), a informação tem sido vista como a “transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo”. Nesse caso, o indivíduo que receberia a informação, sairia de um estado de ignorância para um estado de saber, graças à ação de um benfeitor. Contudo, algumas questões a esse respeito devem ser consideradas: quem é, quais os motivos do benfeitor ou qual o papel social do ato da informação.

Para responder a essas indagações, esse autor argumenta que “a linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particular”, (p. 33). Em outras palavras, é a linguagem em uso, é o ato de discurso que demonstra como a fala se organiza numa dada comunidade para produzir sentido. Ou seja, “pode-se dizer que a informação implica processo de discurso em situação de comunicação”, (p. 34).

Concordamos com Charaudeau (2006, p. 36), quando diz que:

A informação é pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento.

O ato de informar suscita alguns problemas, dentre eles está a questão da fonte, ou seja, a validade, o que referencia o valor de verdade ao fato. Este questionamento leva a outros como: se é pertinente, possível ou verdadeira a informação. Outro fator relevante é a questão da seleção da informação. É preciso observar com que critérios e em que função foram efetuadas a seleção de importância ou prioridade dos fatos. Nesse caso, o leitor não tem garantias contra a subjetividade ou “manipulação do mediador”. Assim, conforme Charaudeau (2006, p. 38), “toda escolha se caracteriza por aquilo que retém ou despreza; a escolha põe em evidência certos fatos deixando outros à sombra”. Nesse contexto, o efeito produzido no receptor está relacionado às escolhas feitas pelo veículo de comunicação.

As formas de dizer podem produzir vários sentidos, ou seja, “a linguagem é cheia de armadilhas” e “um mesmo enunciado pode ter vários valores”, (CHARAUDEAU, 2006, p. 38). Assim, ainda de acordo com esse autor,

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolhas de conteúdos a transmitir, não somente escolhas das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isso é, no fim das contas, escolha de *estratégias discursivas*. (p. 39).

Nesse contexto, o informador não pode negar que está engajado num discurso que pode favorecer o erro, a mentira e os interesses de uma determinada classe.

Com isso, a inteligibilidade e a credibilidade da informação dependerão do tratamento dado às normas psicológicas, sociais ou ideológicas, determinadas pela construção da notícia e pelos modos discursivos. Nesse caso, de acordo com Charaudeau (2006, p. 131), “não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular”. Assim, se procurarmos a realidade empírica, encontraremos um real constituído, e não a própria realidade. Com isso, o discurso midiático não deforma ou mascara o espaço social. Uma vez que para ter significado depende “do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem para tentar torná-los inteligível” (p. 131). Ou seja, “para que o acontecimento exista é preciso nomeá-lo. É necessário que o acontecimento seja levado

ao conhecimento de alguém, por meio do discurso, para ter significado e ser chamado de ‘notícia’. (p. 132).

Nem sempre o termo ‘notícia’ está relacionado ao novo, já que pode prolongar-se no tempo, mas está relacionado à atualidade, pois é a noção de atualidade que guia as escolhas temáticas. Assim, Charaudeau (2006, p. 134) ensina que “a notícia só tem licença para aparecer nos organismos de informação enquanto estiver inscrita numa atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo”. Para isso, é tarefa das mídias aproximarem ao máximo o momento do acontecimento e o consumo da notícia.

Por meio de um processo narrativo, o acontecimento é transformado em notícia, que por sua vez é selecionada seguindo um critério de importância, o que impõe um recorte do espaço público. Para Charaudeau (2006, p. 138), “essas escolhas dependem da maneira pela qual as mídias constroem representações sobre o que pode interessar ou emocionar o público”. Assim, ao selecionar uma informação e apresentá-la, a mídia impede que outros acontecimentos cheguem ao conhecimento público. Nesse caso, a mídia determina, impositivamente, o que deve ou não virar notícia.

2.3.4 A importância da primeira página de jornal

O principal recurso de apresentação e venda do jornal é a primeira página. Segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ, acesso em 20/01/2008), a primeira página é uma questão fundamental para os jornais, é a porta de entrada dos leitores, a ‘cara’ do jornal, e, por isso mesmo, merece dedicação total. Nela estão expostos os recursos persuasivos de convencimento para induzir o leitor à compra.

Bezerra (2007, p. 116) compara a primeira página de jornal ao exórdio⁶ pelas semelhanças entre os dois gêneros, ou seja, “semelhantemente ao exórdio, a primeira página indica e promove o conteúdo do jornal”. Esses dois gêneros funcionam como um “aperitivo” do que ainda está por vir. Na primeira página encontramos elementos discursivos como: manchetes atrativas, sumários, quadros, fotografias, palavras-chaves,

⁶ *Exórdio*: É um gênero da retórica clássica que tinha por característica introduzir o discurso. Citelli (2006, p. 12) descreve o exórdio como: “É o começo do discurso. Pode ser uma indicação do assunto, um conselho, um elogio, uma censura, conforme o gênero do texto em causa. Para o nosso efeito consideremos o exórdio como a introdução. Essa fase é importante porque visa assegurar a fidelidade dos ouvintes. Notem como age o padre num sermão. Normalmente ele começa com: ‘Caríssimos irmãos, hoje iremos falar sobre a glória de Deus’”.

índices e informações relacionadas com a localização dos elementos, que veremos detalhadamente a seguir:

Os elementos composicionais da primeira página de jornal são, basicamente:

➤ *Cabeçalho e Rodapé*: marcam o topo e a base da página, respectivamente, incluindo marcas básicas como nome do veículo, ou seja, o nome do jornal, editoria, data, número da edição. Trazem a logomarca do jornal em destaque, o preço e alguns nomes de chefia da equipe (WIKIPÉDIA, acesso em 18/01/2008). A ANJ (acesso em 18/01/2008) comenta que a primeira página deve sempre ter um índice o mais completo possível, com os principais conteúdos do jornal, apontando para o leitor as páginas e seções correspondentes.

➤ *Logomarca*: é o nome do jornal. Para a Associação Nacional de Jornais (ANJ), devem ser atrativos grandes e coloridos, para que atraiam a atenção dos compradores.

Manchete: segundo Martins (1997), a palavra manchete é usada apenas para indicar título que ocupe toda a extensão da página. A ANJ recomenda a seus associados que as manchetes devem ser grandes e fortes, para atrair a atenção dos leitores, cada vez mais distraídos e ocupados. Lustosa (1996, p. 149) argumenta que a manchete representa um elemento fundamental na composição da “estética e do conteúdo do material informativo”. Lembra, ainda, que a manchete deve atrair a atenção do leitor, dar uma idéia geral dos fatos, resumir a notícia e embelezar a página.

Além da manchete, de acordo com a Wikipédia (acesso em 18/01/2008), a primeira página conta com outros títulos menores como:

➤ *Subtítulo*: colocado abaixo do título principal, com a função de complementar a informação;

➤ *Antetítulo*: colocado acima do título principal para complementar a informação;

➤ *Intertítulo*: colocado no meio do texto, para dividi-lo em seções e facilitar a leitura.

Entre outros elementos da primeira página, ainda temos:

➤ *Chamada*: para o manual de jornalismo d’O Globo (1992), a chamada é um dos mais importantes textos do jornal, não apenas por representar a ‘vitrine’ da edição, mas, sobretudo, porque é o texto mais lido do jornal. Assim, a chamada precisa atrair o leitor para as páginas internas. Para que isso ocorra, é necessário que a chamada tenha informação completa, valendo-se do uso de *leads*. Outro fator relevante, conforme o manual, é que a chamada siga a norma da promessa, ou seja, não prometendo mais do que a reportagem pode oferecer. Para Lustosa (1996, p. 153), o texto da chamada deve

criar no leitor “a sensação de falta alguma coisa essencial” para ser relatada, assim, acaba comprando o jornal para satisfazer aos seus interesses.

➤ *Fotojornalismo*: A enciclopédia virtual Wikipédia (2007) define fotojornalismo como “a prática do jornalismo por meio da linguagem fotográfica em substituição à linguagem verbal”. Para a Wikipédia (acesso em 18/01/2008), a fotografia deve trazer a atualidade e ser de interesse social. Elementos como o impacto e a informação são imprescindíveis. Lustosa (1996, p. 157) comenta que uma boa fotografia possibilita ao leitor entender a mensagem, sem que haja texto para complementar a informação.

Há ainda um último aspecto a ser considerado na elaboração da primeira página, segundo Faria e Zanchetta (2005, p. 76):

- *Mapa da zona ótica*: é uma espécie de roteiro por onde os olhos do leitor passam na observação da primeira página. Ou seja, o ponto principal a ser observado começa na parte superior esquerda e desce em diagonal até a parte inferior direita. Os diagramadores utilizam o mapa para dar maior ou menor relevância a uma notícia. As reportagens privilegiadas pelo jornal ocupam a parte superior esquerda e as de menor destaque ocupam outras partes da página.

O apelo visual é fundamental na primeira página, deve chamar a atenção e atrair o leitor. O projeto gráfico, também chamado de diagramação, segundo Faria e Zanchetta (2005, p. 75) “é a forma pela qual textos, fotos, desenhos e outros elementos são dispostos nas páginas do jornal”. Essa distribuição deve contar com elementos como a estética, a hierarquia tipográfica e a legibilidade, para garantir harmonia no conjunto final dos elementos composicionais da página. Pavani (1999, p. 115) esclarece que essa organização obedece a uma “ditadura matemática da diagramação de uma primeira página de jornal *versus* espaço para uma matéria redigida com inteligência, mas bloqueada pela publicidade em seu espaço na página”.

Para Faria e Zanchetta (2005, p. 75), “uma diagramação agradável favorece à leitura sem que haja muito esforço para decodificar os modos pelos quais o jornal se mostra, inclusive orientando o caminho da leitura”. Uma outra função do projeto gráfico é mostrar ou esconder as escolhas mercadológicas e políticas dos jornais. Todavia, segundo esses autores, os jornais têm como regra básica a propaganda da idéia de credibilidade, “obtida pela suposta neutralidade, pela imparcialidade”. Assim, para que essa idéia se realize, os jornais “fazem uso de expedientes sutis de diagramação, ora para realçar, ora para ofuscar determinados assuntos” (p. 76).

3. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

(...) as acções, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais qual é? É o conceito que de sua vida têm os ouvintes. Antigamente convertia-se o mundo, hoje porque se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras, são tiros sem bala; atroam, mas não ferem.

(Pe. ANTÔNIO VIEIRA, 1665)

3.1 Enfoque metodológico

As reflexões aqui efetuadas explicitam a abordagem metodológica desta pesquisa, que é a pesquisa-ação por meio da intervenção. Justificamo-nos.

Thiollent (2007, p.17) afirma que uma pesquisa só pode ser considerada pesquisa-ação quando houver ação por parte dos envolvidos. Observa que a ação problemática que merece ser investigada deve ser uma ação não-trivial. Nesse tipo de pesquisa há intensa interação entre o pesquisador e as pessoas envolvidas na situação a ser investigada, o que proporciona a todos os envolvidos determinarem as prioridades dos problemas a serem investigados, como também, o encaminhamento das soluções em forma de ação concreta. O objetivo da pesquisa-ação é resolver um problema específico e, as decisões e as ações são acompanhadas de perto pelas pessoas envolvidas. Esse tipo de pesquisa proporciona às pessoas o aumento de conhecimento e de consciência. Conforme o autor (p.21), a pesquisa-ação pode dar ênfase a três aspectos distintos: resolução de problemas, tomada de consciência ou produção de conhecimento.

Moreira e Caleffe (2006, p. 90) observam que a pesquisa-ação apresenta como característica ser uma pesquisa colaborativa e participativa; é, também, uma pesquisa auto-avaliativa, ou seja, as modificações são sempre avaliadas em razão da melhoria da prática; por fim, é uma pesquisa situacional, ou seja, preocupa-se com o diagnóstico do problema e tenta resolvê-lo. Nesse caso, ela passa por dois estágios que são: estágio diagnóstico no qual ocorre a análise do problema e as hipóteses são desenvolvidas e o

estágio terapêutico no qual “as hipóteses são testadas por uma mudança conscientemente direcionada”.

Ainda segundo esses autores (p. 92), a pesquisa-ação, na sala de aula, é um modo de: solucionar ou melhorar problemas específicos; proporcionar aos professores outras habilidades, aprimorando a capacidade analítica; introduzir abordagens novas no processo ensino-aprendizagem; oferecer diálogo entre os professores e o pesquisador; e também, apresentar alternativas para solucionar os problemas na sala de aula.

Conforme Thiollent (2007, p. 24), a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação; ela deve gerar conhecimento, experiência e contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas. À luz desses conceitos, na pesquisa-ação as pessoas podem participar, avaliar e questionar suas próprias mudanças de forma interativa, permitindo aos envolvidos tomar consciência de suas ações.

Para a realização de nossa pesquisa, valemo-nos da característica principal da pesquisa-ação, que a intervenção. Moreira e Caleffe (2006, p. 89-90) argumentam que “a pesquisa-ação é uma intervenção em pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção”. Moita-Lopes (2005, p. 86) esclarece que na intervenção o foco é a investigação de uma possibilidade de se modificar a situação existente em sala de aula.

Nesse sentido, a pesquisa-ação contempla as expectativas de nossa pesquisa, pois, voltamo-nos para o processo de ensinar e aprender, no qual a pesquisadora, de forma colaborativa e por meio de intervenção, trabalhou *com* professoras e alunos novas possibilidades de usar o jornal como forma de letramento ideológico, visando, com isso, aproximar mais a escola da vida social. Assim, a presente pesquisa teve por finalidade conhecer e discutir a realidade, bem como transformá-la, além de gerar conhecimentos a respeito dessa transformação.

3.2 O problema da pesquisa-ação

Sempre acreditamos no uso do jornal em sala de aula, contudo, algumas experiências passadas não foram bem sucedidas e esse fato sempre nos incomodou. Recentemente, em conversas com colegas de trabalho, descobrimos que a inquietação que nós sentíamos era comum, pois outros professores também se sentiam inquietados. Esse sentimento compartilhado gerou conversas em torno de dois problemas: resistência

de alguns professores em utilizar o jornal em suas aulas e a importância do jornal na formação dos alunos como leitores críticos. Duas professoras mostraram-se interessadas no assunto a ponto de manifestarem que o jornal era pouco ou nem um pouco usado por elas em virtude de seu desconhecimento de como fazê-lo.

Com base nesse diálogo, propusemos uma pesquisa colaborativa, tendo as duas professoras e seus alunos como parceiros, e considerando o uso do jornal em sala de aula para verificar os resultados. Partimos de um problema comum, que pode ser descrito como o desconhecimento de como usar o jornal em sala de aula. A partir desse problema, nossa contribuição para sua resolução seria uma série de intervenções junto aos alunos, sob observação das professoras, para que elas pudessem verificar como é possível trabalhar com jornal, e, ao mesmo tempo, como essa prática pode levar à leitura crítica e ao letramento ideológico dos alunos. Com esse procedimento, a nossa intenção foi a de que as professoras percebessem que é possível trabalhar de modo diferenciado e proveitoso utilizando o jornal.

3.3 Os sujeitos da pesquisa

Para a realização dessa pesquisa, após reunião entre pesquisadora e professoras, resolvemos, em consenso⁷, que as aulas seriam ministradas em duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio. Essa escolha se deve ao fato de os alunos estarem à véspera de prestarem vestibular: acreditamos que as aulas poderiam contribuir, de algum modo, para sua formação. As turmas selecionadas foram dos turnos da manhã e tarde. A faixa etária dos alunos varia entre dezesseis e dezoito anos, dado que revela o baixo índice de repetência dos alunos. A maioria dos alunos dessas turmas é do sexo feminino e são alunos que, em sua maior parte, sempre estudaram em escolas públicas e pertencem a famílias de baixa e média renda.

As professoras participantes da pesquisa são professoras de Língua Portuguesa dessas turmas. É interessante frisar, como já dissemos, que a professora de uma das turmas utiliza, em alguns casos, o jornal como apoio em suas aulas; já a professora da outra turma, nunca utilizou o jornal em suas aulas. As duas professoras são formadas em Letras, com especialização em Língua Portuguesa e fazem parte do quadro efetivo de professores do Estado do Pará.

⁷ De acordo com Moreira (2006, p. 93), “a pesquisa-ação funciona melhor quando é uma pesquisa de ação cooperativa”, incorporando idéias e expectativa dos envolvidos para a resolução dos problemas.

Em conjunto com as professoras, decidimos que utilizaríamos as primeiras páginas de três jornais distintos, porém, com a mesma data, e prepararíamos cinco aulas para cada uma das turmas, num total de dez aulas, que foram ministradas pela pesquisadora. Essa medida, de a pesquisadora ministrar as aulas, foi tomada para que as professoras pudessem observar e tomar notas dos comentários feitos pelos alunos e responder aos questionários.

Para resolvermos o problema da resistência de alguns professores em utilizar o jornal e da formação de leitores críticos, utilizamos três jornais: O Liberal, Diário do Pará e Amazônia. Vejamos, a seguir, um pouco da história desses jornais.

O Liberal:

Segundo o histórico do jornal O Liberal (Disponível em <<http://www.orm.com.br>>, acesso em 22/01/2008), em 15 de novembro de 1946, Belém do Pará via, nas ruas, o primeiro exemplar desse jornal, que nascia sob inspiração política do Partido Social Democrata, destinado a fazer a campanha do então interventor Joaquim de Magalhães Cardoso Barata. Em 1964, o jornal fora vendido para o engenheiro Ocyr Proença que, dois anos depois, o venderia para o jornalista Rômulo Maiorana. Começa, então, uma nova era no jornal. Sob o signo da independência e das grandes transformações, o jornal cresceu junto com a cidade de Belém. Tornou-se o maior jornal da Amazônia e está em vigésimo lugar quanto aos jornais mais vendidos do país. O jornal mantém o discurso da ‘verdade’ e da ‘credibilidade’, que o faz ser um dos jornais mais respeitados do Brasil. O jornal O Liberal é uma das 14 empresas do Sistema Rômulo Maiorana de Comunicação, grupo empresarial ligado à Rede Globo. Na história recente do jornal, apoiou o governo do Estado até as eleições de 2006, quando o PSDB perdeu o governo do Estado para o PT. Atualmente faz oposição ao governo através de críticas severas à administração do PT.

Diário do Pará:

O jornal Diário do Pará, empresa que integra a Rede Brasil Amazônia (RBA), foi fundado em 1982, por Laércio Barbalho, com a missão de levar às ruas um jornal contra as dificuldades impostas pelo regime militar. O grande marco dessa empreitada foi a eleição de Jader Barbalho (filho de Laércio) como governador do Estado. O jornal tem pregado a irreverência, o pluralismo e o livre trânsito de idéias como base da postura

editorial. Acredita na transparência e no equilíbrio como melhores parceiros da ‘imprensa livre’. A expectativa atual é a conquista da liderança do mercado “não para exercer a hegemonia autoritária, mas para oferecer ao leitor informação isenta e de qualidade”, garantem. O jornal fez oposição ao governo do Estado no período em que o partido PSDB esteve no comando. Hoje apóia a administração do PT com reportagens que favorecem o atual governo. Com ousadia e investimento em novas tecnologias, o jornal vem crescendo a cada ano, atualmente é o segundo mais lido do Estado e tem projeções de ser líder de vendas em pouco tempo. (Disponível em <http://www.diariodopara.com.br/Edicoes/2005/08/21/Cidades/Ci_03.asp>, acesso em 08/02/2008).

Amazônia:

O jornal Amazônia, lançado há pouco mais de sete anos com o propósito de conquistar um público que não tinha hábito nem tempo de ler, vem investindo em reportagens curtas e provocantes sobre esportes, televisão, criminalidade ou outros assuntos referentes à região amazônica. É um jornal com poucas páginas e de preço inferior aos demais. Esse jornal pertence ao mesmo grupo empresarial do jornal O Liberal, o grupo ORM. Durante o período de nossa pesquisa o jornal utilizava o formato standard. Contudo, hoje, ele apresenta o formato tablóide, mudança que parece ter sido favorável ao grupo empresarial, já que o jornal Amazônia é o terceiro mais lido do Estado do Pará.

3.4 Instrumentos de pesquisa:

Essa pesquisa conta com três instrumentos de pesquisa que são: 1. dois questionários respondidos pelas professoras; 2. questão aos alunos, para ser respondida após a intervenção da pesquisadora; e 3. anotações feitas pelas professoras a respeito das observações que os alunos fizeram sobre as aulas.

1º Instrumento de pesquisa:

Para que pudéssemos analisar as observações das professoras após o contato com o jornal em sala de aula, propusemos dois questionários para serem respondidos pelas professoras, antes e depois da intervenção.

Um questionário, o primeiro, para ser respondido antes da realização das aulas, era composto por três perguntas:

- O que é ensinar Língua Portuguesa?
- Descreva as ações de um bom professor de Língua Portuguesa.
- Qual o aspecto mais importante da aula de Língua Portuguesa?

A intenção em aplicar esse primeiro questionário era a de verificar as concepções das professoras quanto ao ensino de língua portuguesa.

O segundo questionário contava com oito perguntas para serem respondidas depois da realização das aulas. São elas:

- Como foi a postura dos alunos na aula dada?
- Eles aprenderam algo diferente? O quê? Esse conhecimento serve para quê?
- O que você tem a dizer sobre a postura da professora (pesquisadora)?
- O que você tem a dizer sobre o conteúdo dado?
- Uma aula dessas traz benefícios aos alunos? Em quê?
- Você daria uma aula como essa? Por quê?
- Essa aula é relevante para o 3º ano?
- Você acha aplicável o uso do jornal em sala de aula? Por quê?

A finalidade pretendida com a aplicação desse segundo questionário era a de verificar se as aulas dadas pela pesquisadora serviram ou não para mudar a postura das professoras em relação ao uso dos jornais na sala de aula.

2º Instrumento de pesquisa:

Para os alunos, ao final das cinco aulas, pedimos que respondessem a esse questionamento:

- O que você aprendeu sobre o jornal é importante para sua vida, em quê?

As respostas dadas serviram para verificação da aprendizagem e também para que a pesquisadora e as professoras pudessem observar as interpretações dos alunos quanto ao uso do jornal em sala de aula, como também, verificar se o jornal, de algum modo, pode contribuir para a formação de leitores críticos e para o letramento ideológico.

3º Instrumento de pesquisa:

Para que pudéssemos avaliar a aceitabilidade, por parte dos alunos, sobre a utilização do jornal em sala de aula, solicitamos às professores que tomassem notas dos comentários feitos pelos alunos no decorrer das aulas.

Todos esses instrumentos serão analisados na presente pesquisa.

3.5 Realização das aulas

As aulas foram realizadas no período de 02 a 17 de maio de 2007, e foram ministradas do seguinte modo:

- Primeira aula: Apresentação da primeira página de jornal para os alunos;
- Segunda aula: Análise das fotos da primeira página de jornal com os alunos;
- Terceira aula: Análise das manchetes da primeira página de jornal com os alunos;
- Quarta aula: Análise da linguagem veiculada na primeira página de jornal com os alunos;
- Quinta aula: Análise da ideologia proposta pela primeira página de jornal com os alunos.

Para a realização das aulas utilizamos durante todo o período da pesquisa, os mesmos três jornais, com a mesma data, isso para que os alunos tivessem a oportunidade de confrontá-los. Os jornais utilizados foram: O Liberal, Amazônia e o Diário do Pará, do dia 02 de maio de 2007.

Apresentaremos, a seguir, detalhamento das aulas dadas, como também, análise dos jornais utilizados.

3.5.1 Primeira aula

Apresentação da Primeira Página de Jornal para os alunos, conforme seqüência a seguir:

O LIBERAL

BELEM • PARÁ • BRASIL

PRESIDENTE: LUCIDEA MAIORANA

www.oliberal.com.br

PRESIDENTE EXECUTIVO: ROMULO MAIORANA JR.



Medo de assalto desfalca o Remo

George Silva pede para sair após esposa ser assaltada. Esporte, 1.



Greve deixa hoje 50 mil sem ônibus

Redutores de Anaridoux e Marituba cobram reajuste. Página 3.

Mano a mano com Jack Nicholson

Santoro disputa prêmio com o ator e Moryl Sleep. Magazines, 9.



ANO LXI Nº 31.737

QUARTA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 2007

DOMINGOS: R\$ 2,50

DIAS ÚTEIS: R\$ 1,50

IR atrasado tem multa, mas evita problemas

Especialistas recomendam: é melhor pagar R\$ 165,74 ou 20% do imposto devido do que ter CPF bloqueado e não abrir conta em banco. **⇨ Poder, 9.**

Pista de assassinos vale R\$ 50 mil

JÁ ESTÁ PRESO MECÂNICO CONTRATADO PARA DESMONTAR O CARRO DAS VÍTIMAS



Mestres da Silva, o 'Negão', apresentou-se à Polícia e confirmou ter participado do desmanche do Corolla dos irmãos Novellino, na madrugada de quinta-feira, no sítio Guatã-Guarã. Topou fazer o serviço por R\$ 500, embora tenha pedido R\$ 1.000. Já Sebastião Cardoso Alves, o ex-policial civil espulso da corporação por tráfico de entorpecentes apontado pelos mandantes como o motorista de aluguel dos irmãos, continua foragido, juntamente com seu companheiro, ainda não identificado. Ontem, depois da missa em memória dos irmãos, o pai prometeu a recompensa a quem ajudasse a localizar os pistoleiros-vivos.

⇨ Polícia, 4 a 3.

Negão Genescho e o carro



Os irmãos Novellino

Escuta revela colaboração de ministro com o crime

PAULO MEDINA, AGASTADO do STJ, antecipou seu voto em um julgamento e orientou advogados do réu.

⇨ Poder, 7.

REFORMAS DEFINEM PALAVRAS DE ORDEM

Trabalhadores nas ruas, mas sem a Central Única

PASSEATA DE PRIMEIRO DE MAIO em Belém renega reformas previdenciária e trabalhista do governo Lula - que pela primeira vez, desde 1980, não compareceu à missa pelo Dia do Trabalhador em São Bernar-

do, onde foi tema da homilia. O sol generoso faz os raios o laçar no feriado, que lotou a praça de Outeiro e registrou 26 acidentes rodoviários.

⇨ Página 9 e Poder, 3 a 5.

CBF indicará Belém como sub-sede da Copa de 2014

DECISÃO, PORÉM, CABE à Fifa, que em 15 de setembro fará a escolha para avaliar as cidades.

⇨ Esporte, 4.

Vereador infiel não tem cadeira no Tauá

DOIS DO PMDB PERDEM mandato por troca de partido. Indulto no Pará, caso enquanto o clima no plenário.

⇨ Poder, 6.

Chávez e Evo nacionalizam petróleo e gás

VEZUELA E BOLÍVIA passaram a controlar totalmente suas principais riquezas. Atrás nacionalista.

⇨ Poder, 12.

Aspirina é faca de dois gumes para o idoso

TOMADO PARA PREVENIR acidentes vasculares, o comprimido, em vez disso, pode até provocá-los.

⇨ Página 12.



Na presença de 4 mil manifestantes, o pessoal da Pissoca foi destaque.

Polícia cochila e presos saem de mansinho

QUINZE PRESOS DA SECCIONAL de Marabá fugiram após serter as grades. Os vizinhos alertaram a Polícia.

⇨ Página 10.

Fios roubados deixam 6 mil na escuridão

ARRIÃO ATINGE A GARÁ e fugiu. Na segunda, 2,4 km de cabos simplesmente sumiram na Alça Vitoria.

⇨ Página 7.

NESTA EDIÇÃO

SALGADOS EM 6 CADERNOS

Atualidades... 12
Poder... 6
Esporte... 6

CLASSIFICADOS • 8 PÁGINAS

893
OPORTUNIDADES



A PODEROSA

Gisele rompe com grife. Ela quer US\$ 5 milhões para renovar contrato. Magazines, 6.



Fuga em massa: 15 escapam da prisão

Presos recolhidos a uma das celas da Seccional da Marabala fugiram, ontem, depois de serrar as grades. A polícia só conseguiu recapturar um. **Metrópole, 7.**



NOVELAS RECONTAM O DRAMA BÍBLICO

Como Caim e Abel, novelas globais apostam em briga de irmãos. Em 'Pé na Jacá', Deborah Secco (foto) vive em guerra com irmã. **Show, 1.**

AMAZÔNIA HOJE

BELÉM ■ PARÁ

QUARTA-FEIRA, 20 DE MAIO DE 2007



ROMÂNTICO TALHADO PARA O SOFRIMENTO

Qual Raymond Fiel entra no clima dos anos 30 e 40 para interpretar um cavaleiro apaixonado em 'Terra Magia'. **Show, 2.**

Corrida quebra novo recorde

Gras de 1.600 corredores disputaram, ontem, a segunda mais importante do Pará, João Batista da Conceição (foto) foi o grande vencedor. **Metrópole, 4.**



Conlutas mobiliza trabalhadores de oposição a Lula

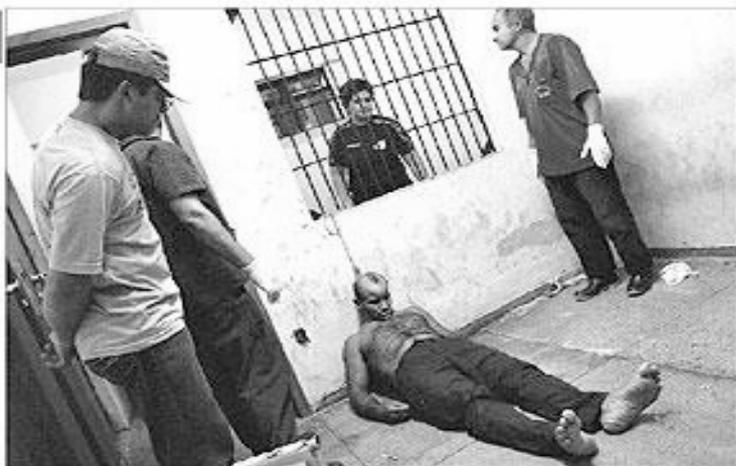
Presença em uma corça de mil pessoas (foto à direita). Na praça da República, os manifestantes atenderam ao pedido que tinha pouco mais de 30 milantes por Lula. **Metrópole, 1.**



Família Novelino oferece recompensa para quem souber dos assassinos

R\$ 50 mil por uma pista

Parentes dos irmãos Novelino divulgam cartaz (foto abaixo) e oferecem dinheiro por informação sobre os assassinos de Ubiraci e Uraquã. Ontem, o mecânico que trabalhou no desmonte do carro das vítimas se apresentou. **Metrópole, 8.**



O ex-PM acusado de estupro apareceu morto com cadáver no pescoço. A família diz que ele era inocente.

COPA LIBERTADORES

Mata-matapõe gigantes na luta por uma vaga

São Paulo e Grêmio prometem um duelo de luxo, hoje, no Morumbi. Em Montevideo, o Flamengo encara o Deportivo. **Esporte, 6 e 7.**

Ex-PM preso morre dentro da cadeia

Acusado de estupro e preso na Seccional da Glória Nova, o ex-policial militar Abrahão Cardoso Tavares, de 43 anos, apunhou morto na cela, ontem, com um cadáver amarrado no pescoço. A polícia

considera a hipótese de suicídio, apesar de vítima ter sido encontrada sentada e apresentar mancha de sangue na cabeça. A família do ex-PM ameaça processar o Estado. **Metrópole, 6.**

PROCURA-SE MATADOR DOS IRMÃOS NOVELINO FONE: (91) 9979-7777



SEBASTIÃO CARDIAS ALVES, 49 ANOS DE IDADE, PARAENSE NASCIDO EM 08/02/1958, NA CIDADE DE ACARÁ, PA.

SINDICATO PARA ÔNIBUS DE MARITUBA E ANANINDEUA. **METRÓPOLE, 3.**

Banho na fonte

Desesperada com o calor recorde que faz em Roma (Itália), na semana passada, uma turista de Miami amarrava a roupa e mergulhou na Fontana di Trevi, a fonte mais famosa da Europa. Identificada apenas como Roberta e apresentando 40 anos de idade, a alborota milanense fez a alegria de centenas de turistas. A temperatura local era de 27 graus Celsius. A polícia italiana até que foi compreensiva. Deixou que Roberta se refrescasse um pouco na água e depois se recasse ao sol, deitada na borda da fonte. Passados alguns minutos, convidou-a a recolher suas roupas e, embora,

QUARTA-FEIRA



O tempo hoje

A quarta-feira será sol e nublado durante o dia. A noite deve ser de céu aberto. A temperatura ficará entre 24°C e 32°C.

O tempo amanhã

A quinta-feira será de sol e nublado, com possibilidade de chuva à tarde e noite. A temperatura ficará entre 24°C e 32°C.

Filhote no zôo

Um rinoceronte de Sumatra, Indonésia, deu à luz pela terceira vez no Zoológico de Cidreira, nos Estados Unidos, aumentando as esperanças entre ambientalistas de que esta espécie ameaçada de extinção possa se recuperar. Segundo os biólogos, Enri, a mãe, teve um filhote macho saudável, pesando quase 40 kg, no domingo. Nenhum outro rinoceronte deu à luz mais de uma vez preso em cativeiro. O primeiro filhote de Enri nasceu em 2001. Foi a primeira vez que esta espécie de animal deu à luz em cativeiro desde o século XIX.

Ano VI - Nº 2568

PREÇO DO EXEMPLAR: R\$ 1,00

REGISTRAÇÃO: 32 FREGUESIAS

EM CADERNOS



Para a realização dessa primeira aula, como também para a realização das outras que se seguiram, levamos para a sala de aula vários exemplares dos jornais já citados, e distribuímos os exemplares para que os alunos pudessem ter contato direto com o material.

Nessa aula, tivemos como meta apresentar a primeira página de jornal aos participantes, levando-os a conhecer suas características e seus elementos composicionais, como chamadas, manchetes, fotos, logomarcas, títulos, entre outros. Com isso, o nosso objetivo foi levar o aluno a perceber que a primeira página é o chamariz do jornal, e que sua organização segue rigorosas normas estéticas. Todo o cuidado dispensado à primeira página se deve ao fato de ser ela a responsável por seduzir e conduzir a leitura do jornal na íntegra.

Apesar de nosso objetivo ser o trabalho com os alunos sobre a primeira página, sentimos, ao longo da aula, necessidade de irmos além, e adentrarmos no jornal para mostrar todas as partes que o compõem. Isso porque muitos de nossos alunos não conheciam os jornais por dentro.

Ao final da aula, promovemos um debate entre alunos, professoras e pesquisadora para discutirmos a importância da primeira página de jornal. Os alunos mostraram-se bastante interessados em obter mais informações sobre os jornais e gostaram da novidade que essa aula proporcionou. As professoras ficaram entusiasmadas com a reação dos alunos.

3.5.2 Segunda aula

Análise das Fotos da Primeira Página de Jornal com os alunos

Foi nosso objetivo levar os alunos, pela observação das fotografias, a identificarem o tema, o lugar, a data, os personagens e a ação do evento fotografado. Com isso, interpretar a ideologia contida e os efeitos que as fotos provocam no leitor.

Pelo fato de os jornais pesquisados terem a mesma data, trouxeram fotografias do mesmo evento, entretanto, com perspectivas variadas, conforme o interesse de cada jornal.

Naqueles dias, um crime bárbaro chocava a opinião pública do Estado do Pará. Dois irmãos, de uma família de empresários foram assassinados sob condições muito intrigantes. O jornal O Liberal estampa, com grande destaque, na parte superior

esquerda, a foto de um mecânico algemado, acusado de ter assassinado, por encomenda, os dois irmãos.

O LIBERAL

BELÉM • PARÁ • BRASIL

PRÉSIDENTE: LUCIDÉIA MACOMANA
www.oliberal.com.br
PRÉSIDENTE EXECUTIVO: ROMULO MACOMANA JR.



Medo de assalto desfalca o Remo

George Silva prefere sair após expor-se em assalto. Esportivo, 1.



Greve deixa hoje 50 mil sem ônibus

Redutores de Ananindeua e Hervalba cobram reajuste. Página 3.



Mano a mano com Jack Nicholson

Santoro disputa prêmio com o ator e Jerry Seinfeld. Magazine, 3.

ANO LXI Nº 38.737
QUARTA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 2007
DOMINGOS: R\$ 2,50 DIAS ÚTEIS: R\$ 1,50

IR atrasado tem multa, mas evita problemas

Especialistas recomendam: é melhor pagar R\$ 165,74 ou 20% do imposto devido do que ter CPF bloqueado e não abrir conta em banco. **Polícia, 9.**

Pista de assassinos vale R\$ 50 mil

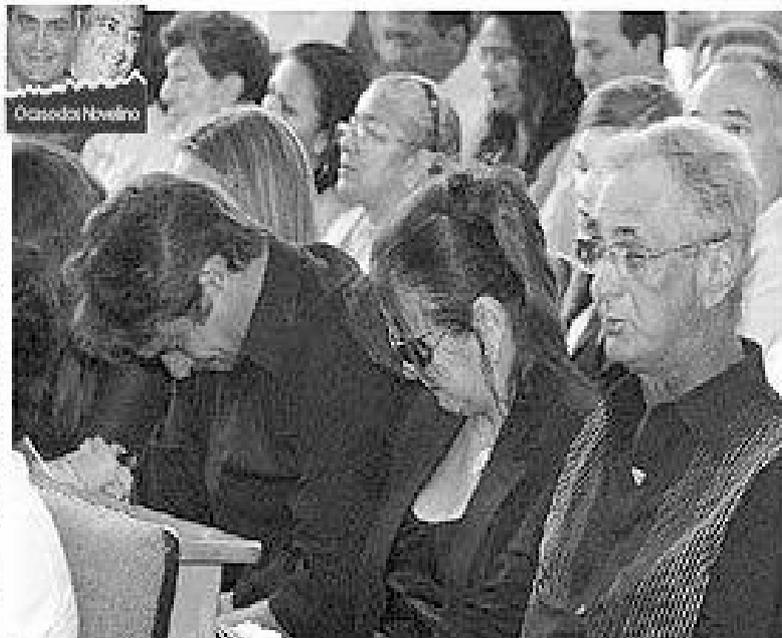
JÁ ESTÁ PRESO MECÂNICO CONTRATADO PARA DESMONTAR O CARRO DAS VÍTIMAS



Mecânico da Silva, o 'Negão', apresentou-se à Polícia e confirmou ter participado do desmanche do Corsa dos irmãos Norvino, na madrugada de quinta-feira, no sítio Guari-Guari. Topou fazer o serviço por R\$ 500, embora tenha pedido R\$ 1.000. Jo Sebastião Cardoso Alves, o ex-policista civil ao pulso da corporação por tráfico de rádios-poceros apontado pelos mandantes como o matador de ataguel dos irmãos, continua foragido, juntamente com seu comparsa, ainda não identificado. Orem, depois da missa em memória dos irmãos, o pai prometeu a recompensa a quem ajudasse a localizar os pistoleiros-vivos.

Polícia, 4 a 3.

Núcleo desmancha-carro



Ouvos do Norvino

O preso olha assustadoramente para a direita onde está a foto da família e amigos das vítimas em uma missa, realizada em memória dos mortos.



Polícia cochila e presos saem de mansinho

QUINZE PRESOS DA SECCIONAL da Maré foram libertados após serem soltos. Os vizinhos alertaram a Polícia.

📄 Página 10.

Fios roubados deixam 6 mil na escuridão

APAGÃO ATINGE A GARÇA e Bujuru. Na segunda, 2,4 km de cabos simplesmente desapareceram da Alta Vista.

📄 Página 7.

Na presença de 1 mil manifestantes, o pessoal da Polícia foi destaque

CLASSIFICADOS • 8 PÁGINAS

893

CONTRIBUÍDA



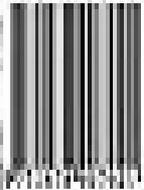
A FORTISSIMA

Gázele rompe com grife

Ela quer 150 milhões para renovar contrato Magazinez, S.



1050 1418-9071



001.001.001.001

Na metade inferior da página encontramos a foto de uma passeata de trabalhadores em protesto contra o governo, a foto revela a tentativa de desacreditar a imagem do governo, associando-o a desastres ambientais, que são totalmente rejeitados pela opinião pública. Ao final da página, canto direito, aparece a foto de uma famosa modelo sorridente.

O jornal o Diário do Pará traz, na parte superior esquerda, em primeiro plano, a foto ameaçadora do mecânico preso por ter assassinado os irmãos.



DIÁRIO DO PARÁ

Edição: 100.000 exemplares

R\$ 1,00

Edição: 100.000 exemplares

Edição: 100.000 exemplares

Edição: 100.000 exemplares

CASO NOVELINO

MECÂNICO É PRESO E INCRIMINA RADIALISTA

Messias de Jesus Nunes Silva foi contratado por Luiz Araújo para fazer o desmanche do Corolla usado pelos irmãos Nowolino, no sítio do radialista, em Murinim. O caseiro ajudou. A-6 e A-7




meccânico Messias de Jesus (acima). Peritos encontraram restos de algemas no banco utilizado para transportar os corpos. Missa de 7º dia em memória de Ulisses Urquiza.

O preso olha para baixo, à direita, onde está a foto da família e amigos dos mortos em uma missa.

Na metade inferior do jornal, encontramos, no centro, uma foto da governadora do Estado, Ana Júlia, recebendo do representante da FIFA uma camiseta.



RICARDO TEIXEIRA ENTREGA AS 141 EXIGÊNCIAS DA FIFA

Presidente da CBF entrega à governadora Ana Júlia o Caderno de Exigências para credenciamento de Fátima como sub-sede da Copa de 2014.



FÁTIMA

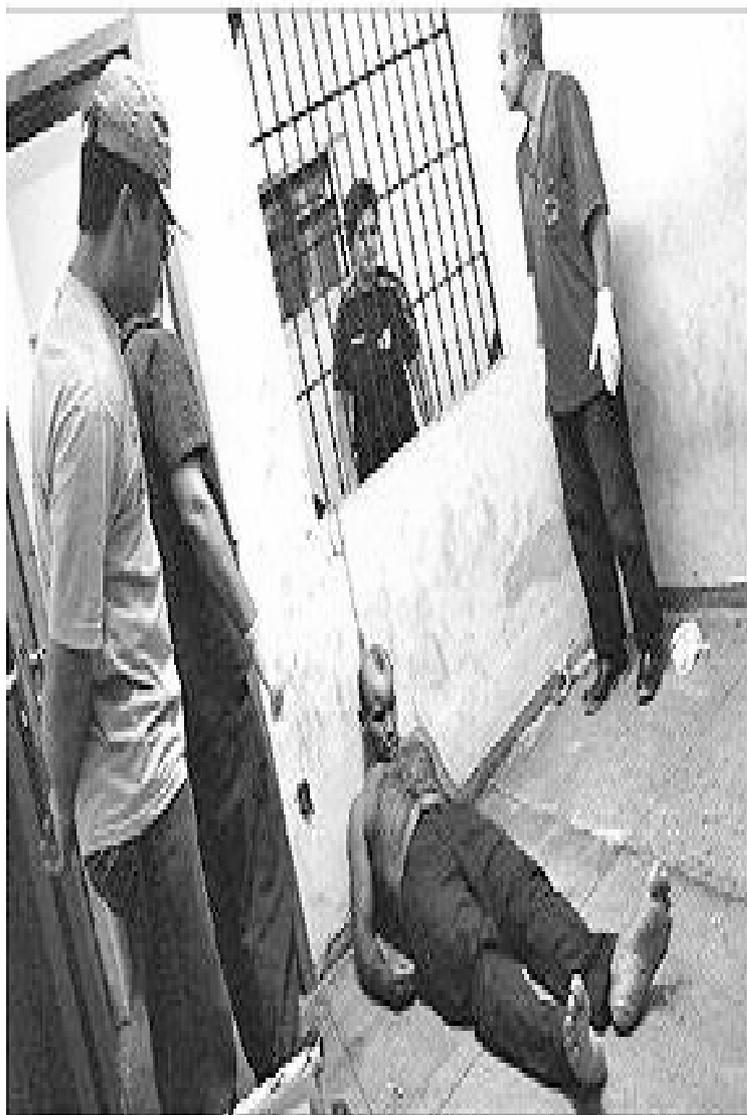
Procissão marcou o início das festividades em honra à Santa. No dia 12, será realizada a tradicional Procissão das Velas. A-12

Mais a baixo, foto de uma procissão em homenagem a Nossa Senhora de Fátima.

O jornal Amazônia traz na parte superior, fotos de artistas de televisão e de esportista.



Ainda na parte superior direita, foto de passeata de trabalhadores em protesto ao governo.



Um PM acusado de estupros aparece morto com cadáver no porreço. A família diz que não era inocente.

COM LIBERTADORES

**Mata-matapõe
gigantes luta
por uma vaga**

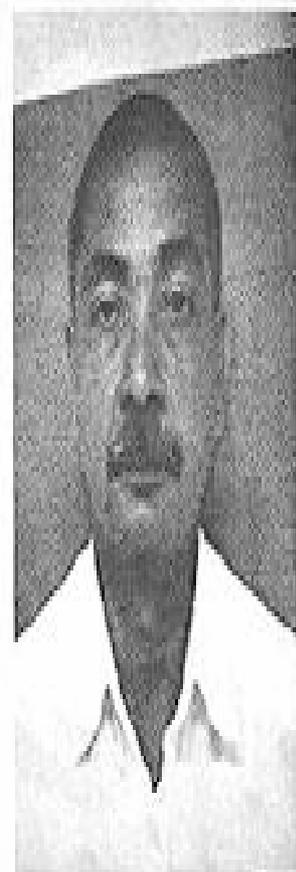
São Paulo e Celso prometem um duelo de lixa, hoje, na Morumbi. Em Montevideo, o Flamengo encara o Deportivo (página 7).

Ex-PM preso morre dentro da cadeia

Acusado de estupro e preso na Seccional da Cadeia Nova, o ex-policia militar Abaildo Carlos Treacy, de 41 anos, apareceu morto na cela ontem, com um cadáver amarrado no porreço. A polícia

considera a hipótese de suicídio, apesar de afirma ter sido encontrada sangue e apresentar manchas de sangue na cabeça. A família do ex-PM ameaça processar o Estado. www.folha.com.br

**PROCURA-SE
MATADOR DOS
IRMÃOS NOVELINO
FONE: (91) 9979-7777**



SEBASTIÃO CARDIAS ALVES, 41 ANOS DE IDADE, PARAENSE NASCIDO EM 08/02/1934, NA CIDADE DE ACARÁ, PA.

No canto da página, foto de um policial enforcado dentro de uma cadeia. Ao lado direito dessa foto, é estampada, em forma de cartaz da polícia, a imagem de um homem procurado por ser suspeito de participação na morte dos irmãos acima citados.

Ao longo da aula, os alunos tiveram a oportunidade de observar que todos os jornais trouxeram fotos referentes ao caso dos irmãos assassinados. Observaram também que nos jornais O Liberal e Diário do Pará, as fotos obedecem ao mesmo padrão de diagramação. Apesar da gravidade do caso, e do apelo popular pretendido pelos jornais, O Liberal consegue abordar de forma mais amena que o jornal Diário do Pará esse episódio. O Liberal apresenta foto do mecânico que olha assustadoramente para a direita, onde está a foto da família, no entanto, pelo fato de as fotos estarem no mesmo plano, fica evidente que o jornal faz um paralelo entre o bem e o mal, colocando-os lado a lado. O Diário do Pará exibe de forma agressiva e ameaçadora a foto do mecânico que parece saltar da página, enquanto a foto da família das vítimas está num plano mais a baixo. Essa disposição das fotos revela que o jornal aposta na fragilidade do bem em relação ao mal, provocando medo, indignação e revolta nos leitores. Com isso, os dois jornais apelam para a comoção popular, tratando as tragédias pessoais como um grande espetáculo.

O jornal Amazônia, em relação a esse caso, mostra foto de um novo suspeito de ser um dos assassinos dos irmãos, prefere chocar os leitores com um outro acontecimento, e mostra a foto de um policial enforcado.

Outras fotos a serem consideradas nos jornais dizem respeito à política. O jornal O Liberal e o Amazônia, por pertencerem ao mesmo grupo empresarial e fazerem oposição ao atual governo do Estado, destacam fotos em que trabalhadores fazem passeata em protesto contra o governo. O jornal Diário do Pará, por estar a favor do governo, prefere estampar foto que beneficia o governo, como a foto em que a governadora recebe representante da FIFA e ganha camiseta.

Todos os jornais analisados dispuseram as fotos seguindo o mapa de zona ótica citado por Faria e Zanchetta (2005, p. 76), e já mencionado nesse trabalho.

Faria e Zanchetta (2005) argumentam que “a fotografia constitui um *texto visual* ou *não-verbal*, que pode ser considerado como uma escrita”. Explicam que “a leitura de uma imagem pode ser feita por meio de uma ‘alfabetização’ específica” (p. 92), ou seja, aprendemos a ler uma fotografia quando nos apropriamos de recursos que permitam interpretar o mundo. Nesse caso, podemos dizer que ao lermos uma fotografia adentramos no mundo interior dos outros, observando seus pensamentos e suas idéias, como ocorre com a leitura de um texto verbal. Mas essa ‘entrada’ não é neutra: Faria e Zanchetta (2005, p. 93) esclarecem que a foto jornalística, como é apresentada, é a visão do fotógrafo e dos editores do jornal a respeito de um determinado fato, ou seja, “uma

‘imagem segunda’ de uma realidade que nos chega filtrada pelo ponto de vista do jornal impresso”. Para eles, ler adequadamente uma foto jornalística implica análise de muitos níveis, que percorrem desde os recursos mecânicos utilizados para produção (aparelho fotográfico, filme revelação), até a análise ideológica e cultural de seu conteúdo, principalmente se a leitura for realizada em sala de aula. Eles explicam seu ponto de vista:

A leitura, análise e interpretação de uma foto jornalística é uma das atividades mais ricas para serem feitas em sala de aula. Ela atende plenamente as recomendações referentes ao conhecimento e à prática das linguagens encontradas nos PCN e nos textos dos especialistas em educação. (FARIA e ZANCHETTA, 2005, p. 94).

Ou seja, é preciso que o leitor tenha em mente que a foto jornalista é escolhida pelos produtores como instrumento de defesa do ponto de vista de determinado grupo e esse aprendizado pode ser feito na sala de aula.

Todas essas informações situadas no gênero primeira página, retiradas do jornal, foram exploradas com os alunos e com as professoras ao longo da aula. Os alunos manifestaram-se em relação à disposição das fotos e os efeitos causados no leitor, as professoras participaram das discussões.

3.5.3 Terceira aula

Análise das Manchetes da Primeira Página de Jornal com os alunos

Nessa terceira aula, o destaque do trabalho com os alunos foi para as manchetes, objetivando analisar sua disposição e suas diferentes formas.

Mostramos para os alunos que a manchete é a parte mais importante do que é noticiado, são textos concisos e provocativos e são assim elaborados para atrair a atenção do leitor. Eles puderam comprovar isso por meio da observação das manchetes:

O jornal O Liberal tem como manchete principal o caso dos irmãos assassinados e notícia:

O LIBERAL

BELEM • PARA • BRASIL

PRESIDENTE: LUCIÉIA MACIENA

Medo de assalto desfalca o Remo

George Silva pede para sair após esposa ser assaltada. Esportes, 1.

www.oliberal.com.br

Greve deixa hoje 50 mil sem ônibus

Redutores de Ananindeua e Marituba cobram reajuste. Página 3.

PRESIDENTE EXECUTIVO: ROMULO MADRANA JR

Mano a mano com Jack Nicholson

Santana disputa prêmio com o ator e May Serrap. Magazines, 5.

ANO LXI Nº 38.737
QUARTA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 2007
DOMINGOS: R\$ 2,50
DIAS ÚTEIS: R\$ 1,50

IR atrasado tem multa, mas evita problemas

Especialistas recomendam: é melhor pagar R\$ 165,74 ou 20% do imposto devido do que ter CPF bloqueado e não abrir conta em banco. Poder, 9.

Pista de assassinos vale R\$ 50 mil

JÁ ESTÁ PRESO MECÂNICO CONTRATADO PARA DESMONTAR O CARRO DAS VÍTIMAS

Manoel da Silva, o "Negão", apresentou-se à Polícia e confirmou ter participado do desmanche do Corolla dos irmãos Novellino, na madrugada de quinta-feira, no sítio Guari-Guari. Seguiu firme o serviço por R\$ 500, embora tenha perdido R\$ 1.000. Já Sebastião Carlos Alves, o policial civil responsável da corporação por tráfico de veículos, apontou pelo menos dois outros mecânicos como o matador de aluguel dos irmãos, os quais foram presos juntamente com seu parceiro, ainda não identificado. Outros, depois da prisão em conexão com a morte dos irmãos, o pai prometeu a recompensa a quem ajudasse a localizar os pistoleiros-vivos.

Policia, 1 a 3.

Negão desmanchou o carro

Ocasos do Novellino

Escuta revela colaboração de ministro com o crime

PAULO MEDINA, afastado do STJ, antecipou seu voto em um julgamento e orientou advogados do réu.

Poder, 7.

REFORMAS DEFINEM PALAVRAS DE ORDEM

Trabalhadores nas ruas, mas sem a Central Única

PASSEATA DE PRIMEIRO DE MAIO em Belém renega reformas previdenciária e trabalhista do governo Lula - que pela primeira vez, desde 1980, não compareceu à missa pelo Dia do Trabalhador em São Bernar-

Página 9 e Poder, 3 a 5.

CBF indicará Belém como sub-sede da Copa de 2014

DECISÃO, PORÉM, CABE à Fifa, que em sua representação ao Brasil em setembro para avaliar as cidades.

Esporte, 4.

Vereador infiel não tem cadeira no Tauá

DOIS DO PMDB PERDEM mandato por troca de partido. Indefinido no Pará, caso aguarda o curso no plenário.

Poder, 6.

Chávez e Evo nacionalizam petróleo e gás

VENEZUELA E BOLÍVIA passam a controlar totalmente suas principais reservas. Atrazo nacionalista.

Poder, 12.

Intoxicados de fumaça salvando vidas e lutando contra a morte.

Na passeata de 1 mil manifestantes, o pessoal da Patrulha foi destaque.

Polícia cochila e presos saem de mansinho

QUINZE PRESOS DA SEÇÃO de Marabá fugiram após sair de grades. Os detidos são todos a Polícia.

Página 10.

Aspirina é faca de dois gumes para o idoso

TOMADO PARA PREVENIR acidentes vasculares, o comprimido, em vez disso, pode até provocá-los.

Página 12.

Fios roubados deixam 6 mil na escuridão

APAGÃO ATINGE A CARÁ e Pajará. Na segunda, 2,4 km de cabos completamente varreram na Alça Viária.

Página 7.

NESTA EDIÇÃO

SERVIÇOS E CURIOSOS

Atualidades... 12

Poder... 12

Magazines... 13

Esporte... 6

CLASSIFICADOS • 8 PÁGINAS

893

OPORTUNIDADES

A PODEROSA

Gisele rompe com grife

Ela quer US\$ 5 milhões para renovar contrato. Magazines, 6.

1000-1674-7071

Pista de assassinos vale R\$ 50 mil

Contudo, acima dessa manchete, na parte superior do jornal, aparece com menor destaque a notícia:

IR atrasado tem multa, mas evita problemas

Na metade inferior do jornal o destaque é para a passeata dos trabalhadores:

Trabalhadores nas ruas, mas sem a Central Única

DIÁRIO DO PARÁ

RS 1,00

AMAZONAS, QUARTA-FEIRA, 27 DE 2008

CASO NOVELINO

MECÂNICO É PRESO E INCRIMINA RADIALISTA

Messias de Jesus Nunes Silva foi contratado por Luiz Araújo para fazer o desmanche do Corolla usado pelos irmãos Novelino, no sítio do radialista, em Murinim. O caseiro ajudou. A-6 e A-7



Messias de Jesus Nunes Silva. Perfis encontrados sem de aligemas no banco utilizado para transportar os rapos. Missa de 7ª dia em memória de Uirapuru e Uirapuru.

ALCA VÁRIA
FURTO DE CABOS DEIXA MUNICÍPIOS SEM LUZ
A-11

SECCIONAL
ACUSADO DE ESTUPROS É ENCONTRADO MORTO
Diário Político

LIBERDADE
FUGA EM MASSA DA SECCIONAL DA MARAMBAIA
A-12

HOJE 7 em 1
98 OFERTAS DE EMPREGO

FERNANDO RODRIGUES
Cirurgião plástico de São Paulo que se especializou em desmaquiagem. Operando gratuitamente em uma clínica em Vila Rica, ele fez um vídeo de divulgação em novembro de 2007.

DA COHAB
750 FAMÍLIAS INVADEM ÁREA EM BENEVIDES
Foi desapropriada para a construção de um conjunto habitacional, em parceria com a Cohab. A-12

OBRAS
CGU APONTA IRREGULARIDADE EM MOCAJUBA
Auditoria descobriu que um mesmo serviço foi pago duas vezes. E o prejuízo chega a R\$ 133 mil. B-1

TRÂNSITO
ACIDENTES MATAM MAIS JOVENS NO PAÍS
Dos 20.409 mortos no País em 2007, segundo o Denatran, 7.132 tinham entre 18 e 29 anos. A-8

RICARDO TEIXEIRA ENTREGA AS 141 EXIGÊNCIAS DA FIFA
Presidente da CBPF entregou à governadora Ana Júlia o Caderno de Encargos para credenciamento de Belém como sede da Copa de 2014.

FÁTIMA
Provação marcou o início das festividades em honor à Santa. No dia 12, será realizada a tradicional Procissão das Velas. A-12

DE VOLTA AOS DEUS DO PIRIRÁ!

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DO ESTADO DO PARÁ - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: dpe@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: da@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE FINANÇAS - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: df@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE GESTÃO DE PESSOAS - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: dg@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: di@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE LOGÍSTICA - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: dl@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE MARKETING - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: dm@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: dp@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE PROJETOS - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: dp@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: drh@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE SUPRIMENTOS - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: ds@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE TREINAMENTO - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: dt@pa.gov.br

DEPARTAMENTO DE VIGILÂNCIA - RUA DO PIRIRÁ, 100 - BELÉM - PA - CEP: 66010-000 - FONE: (48) 3211-1111 - FAX: (48) 3211-1112 - E-MAIL: dv@pa.gov.br

O jornal Diário do Pará traz como manchete do dia:

MECÂNICO É PRESO E INCRIMINA RADIALISTA

Manchete escrita com letras maiúsculas, referindo-se ao caso dos irmãos assassinados. A segunda manchete, na metade inferior, escrita com letras maiúsculas, porém, com menores tamanho e destaque, anuncia:

RICARDO TEIXEIRA ENTREGA AS 141 EXIGÊNCIAS DA FIFA

Fuga em massa: 15 escapam da prisão

Presos reconhecidos a uma das concorrentes da Seccional da Marambala fugiram, ontem, depois de serrar as grades. A polícia só conseguiu recapturar um. Metrôpole, 7.



NOVELAS RECONTAM O DRAMA BÍBLICO
Como Caim e Abel, novelas globais apostam em trágica história. Em 'Nô na Jazá', Deborah Secco (2002) vive em guerra com irmã. Show, 1.

AMAZÔNIA HOJE

BELEM - PARÁ

QUARTA-FEIRA, 20 DE MAIO DE 2007



ROMANTICO TALHADO PARA O SOFRIMENTO
Casi Raymond Botz entra no clima dos anos 1960 para interpretar um cavalheiro apaixonado em 'Bem-vinda Magali'. Show, 2.

Corrida quebra novo recorde

Cerca de 1.600 corredores disputaram, ontem, a 17ª Corrida do Trabalhador, promovida pelo Serviço Social da Indústria (Sesi). O número de

participantes ultrapassa a prova como a segunda mais importante do Pará. João Batista da Conceição (Socil) foi o grande vencedor. Metrôpole, 4.



Conlutas mobiliza trabalhadores de oposição a Lula

Passada ontem cerca de mil pessoas foto à direita, na praça da República, os manifestantes atenderam ao pedido que tinha pouco mais de 30 mil votos por Lula. Metrôpole, 1.



Família Novelino oferece recompensa para quem souber dos assassinos

R\$ 50 mil por uma pista

Parentes dos irmãos Novelino divulgam cartaz (foto abaixo) e oferecem dinheiro por informação sobre os assassinos de Ubiraci e Uraquã. Ontem, o mecânico que trabalhou no desmonte do carro das vítimas se apresentou. Metrôpole, 8.



O ex-PM acusado de estupro apareceu morto com cadação no pescoço. A família diz que ele era inocente.

COPA LIBERTADORES
Mata-matapõe gigantes luta por uma vaga
São Paulo e Grêmio prometem um duelo de titãs, hoje, no Marumbá. Em Marabá, o Flamengo encara o Deportivo. Metrôpole, 6.

Ex-PM preso morre dentro da cadeia

Acusado de estupro e preso na Seccional da Glória Nova, o ex-policial militar Abrahão Carlos Travençolo, de 41 anos, morreu na cela ontem, com um cordão amarrado no pescoço. A polícia

considera a história de suicídio, apesar de vítima ter sido encontrada sentada e apresentar mancha de sangue no corpo. A família do ex-PM ameaça processar o Estado. Metrôpole, 6.

PROCURA-SE MATADOR DOS IRMÃOS NOVELINO
FONE: (91) 9979-7777

SEBASTIÃO CARDIAS ALVES, 49 ANOS DE IDADE, PARAENSE NASCIDO EM 09/02/1958, NA CIDADE DE ACARÁ, PA.

SINDICATO PARA ÔNIBUS DE MARITUBA E ANANINDEUA. METRÓPOLE, 3.

Banho na fonte
Desesperada com o calor recorde que faz em Roma (Itália), na semana passada, uma turista de Miami arrastou a roupa e mergulhou na Fontana de Trevi, a fonte mais famosa da Europa. Identificada apenas como Roberta e apresentando 40 anos de idade, a calorenta milanesa fez a alegria de centenas de turistas. A temperatura local era de 27 graus Celsius. A polícia italiana até que foi compreensiva. Deixou que Roberta se refrescasse um pouco na água e depois se secasse ao sol, deitada na borda da fonte. Passados alguns minutos, convidou-a a recolher suas roupas e ir embora.

QUARTA-FEIRA

O tempo hoje
A quarta-feira será sol e nuvens durante o dia. A noite deve ser de céu aberto. A temperatura ficará entre 24°C e 32°C.

O tempo amanhã
A quinta-feira será de sol e nuvens, com possibilidade de chuva à tarde e noite. A temperatura ficará entre 24°C e 32°C.

Filhote no zôo
Um filhote de Sumatra, Indonésia, deu à luz pela terceira vez no Zoológico de Cordinari, nos Estados Unidos, aumentando as esperanças entre ambientalistas de que esta espécie ameaçada de extinção possa se recuperar. Segundo os biólogos, Emi, a mãe, teve um filhote macho saudável, pesando quase 40 kg, no domingo. Nascem outro filhote de Emi à luz mais de uma vez preso em cativeiro. O primeiro filhote de Emi nasceu em 2001. Foi a primeira vez que esta espécie de animal deu à luz em cativeiro desde o século XIX.

Ano VI - Nº 2568
PREÇO DE EXEMPLAR: R\$ 1,00
DISTRIBUIDOR: 32 FÁBRICAS-EM-4 CADERNOS

O jornal Amazônia noticia, com grande destaque, na parte superior central da página, a manchete:

R\$ 50 mil por uma pista

Na parte inferior o destaque é para:

Ex-PM preso morre dentro da cadeia

Nesses exemplos, foi possível, alunos e professores perceberem que todas as manchetes criam proximidade e envolvimento entre o leitor e o autor, falam de coisas que acreditamos serem verdadeiras como valores morais e modos de organizações sociais. Com isso, os jornais proporcionam um ambiente de familiaridade e comodidade em que o leitor tende a aceitar, sem vacilar, toda a informação contida na manchete, e isso dá total credibilidade ao discurso jornalístico.

Em todos os três jornais, a manchete principal do dia reporta aos irmãos assassinados.

➤ **O LIBERAL**

Pista de assassinos vale R\$ 50 mil

➤ **DIÁRIO DO PARÁ**

**MECÂNICO É PRESO E
INCRIMINA RADIALISTA**

➤ **AMAZÔNIA**

R\$ 50 mil por uma pista

Utilizando os exemplos acima, demonstramos para os alunos e professoras que apesar da função informativa pretendida, fica evidente o sensacionalismo proposto pelos jornais. Citelli (2006, p. 81) lembra que “a notícia, muitas vezes, é pequena, mas seu comentário e teatralização pode ser longo”. Ou seja, a exploração emocional afiança a manutenção e o prolongamento da notícia. O Liberal e o Amazônia, de certa forma, instigam o leitor a uma corrida pelos R\$ 50 mil. O jornal Diário do Pará, em seu enunciado, propõe uma continuidade nos acontecimentos, remete a um novo capítulo quando insere outro personagem aos fatos. Essa estratégia garante o interesse do leitor e, conseqüentemente, a venda do próximo exemplar. Nos exemplos de manchetes acima citadas, o apelo implícito na escolhas das palavras é óbvio. Fica evidente o uso predominante de substantivos em detrimento ao uso de adjetivos, esse expediente

garante, de certo modo, a manutenção da imagem de ‘neutralidade’ pretendida pelos jornais.

Por meio do debate levamos os alunos a perceber que, o poder e a palavra formam um só corpo, haja vista os ‘donos’ da palavra utilizarem-se dos sentidos ideológicos para manipular as versões com o intuito de elas revelarem, apenas aquilo que interessa dos fatos. Beneficiando, com essa medida, os interesses daqueles que mantêm uma postura dominante. Ademais, é preciso dizer que a imprensa, além de ter o poder da palavra bem articulada, tem também o poder da informação.

Faria e Zanchetta (2005 p. 17) comentam que, “o exercício de comparação entre jornais equivalentes pode ser muito proveitoso para mostrar que a linguagem também pode sustentar opiniões claras mesmo revestindo as palavras de uma pretensa ‘neutralidade’”.

Um outro fator relevante para nosso estudo, é o fato de todas as manchetes dos jornais citados, remeterem a um conhecimento prévio dos assuntos abordados, ou seja, partem de um pressuposto de que o leitor já conheça a notícia e esteja acompanhando o desenrolar dos fatos. Isso ocorre, porque, em muitos casos, o imediatismo alcançado pela televisão, pelo rádio e pela internet, impossibilita o jornal de dar a notícia, cabendo-lhe elaborar a reportagem. Cardoso (2003, p.5) explica que,

O presente da notícia de jornal é o hoje, atualidade, ainda que o jornal de hoje traga a notícia de ontem, pois todo fato narrado pelo jornal é o que já aconteceu, muito embora também possa fazer projeções para o futuro, na medida em que todo acontecimento pressupõe um desdobramento. É característica do discurso jornalístico fazer com que o leitor, mesmo aquele que esporadicamente tenha acesso ao jornal, compreenda os fatos do presente.

Em outras palavras, os redatores são ousados na criação de manchetes, para provocarem no leitor o interesse e a curiosidade pelo texto, uma vez que a notícia já foi veiculada. Ao final da aula os alunos discutiram seus pontos de vista em relação ao assunto abordado.

3.5.4 Quarta aula

Análise da Linguagem veiculada na Primeira Página de Jornal com os alunos

Nessa quarta aula, tivemos como meta, que os alunos reconhecessem as características específicas do texto jornalístico. Nosso interesse foi também levar o aluno a perceber as funções de linguagem presentes no discurso jornalístico, bem como, reconhecer o *lead*⁸ como recurso na construção de textos.

Os jornais que querem cativar o leitor com uma linguagem mais objetiva, mais informações e menos sensacionalismo, utilizam predominantemente, em seus textos a função referencial. Para Faria e Zanchetta (2005 p. 15) “é uma maneira de demonstrar distanciamento entre o jornal e o fato narrado, dando a aparência de neutralidade”. Mesmo os jornais usando preferencialmente a função referencial, é bom lembrar que outras funções não são descartadas, são, em muitos casos camufladas.

Em jornais de cunho sensacionalista, essa linguagem referencial é substituída pela linguagem emotiva ou persuasiva, em que se estabelecem juízos de valor. Esse tipo de linguagem segundo Faria e Zanchetta (2005 p. 15), “chama menos a atenção do leitor pela complexidade, volume e isenção da informação e mais pelo impacto da posição do jornal sobre o fato”. Vejamos alguns exemplos do emprego dessas funções em nossos jornais, quando se referem ao mesmo assunto.

- **DIÁRIO DO PARÁ**: *Protestos marcam dia do trabalho: Em Belém e em outras cidades, sindicalistas soltam a voz pedindo melhores salários para trabalhadores.*
- **AMAZÔNIA**: *Passeata reuniu cerca de mil pessoas. Na praça da república, os manifestantes silenciaram ato público que tinha pouco mais de 30 militantes pró-Lula.*
- **O LIBERAL**: *Passeata de primeiro de maio em Belém renega reformas previdenciária e trabalhista do governo Lula – que pela primeira vez, desde 1980, não compareceu à missa pelo Dia do trabalhador em São Bernardo, onde foi tema da homilia.*

⁸ O *lead* aparece geralmente nos dois primeiros parágrafos do texto, respondendo às seguintes perguntas: quem, o quê, quando, onde, como e por quê.

Com esses exemplos, levamos os alunos a perceber que a função referencial predomina nos três enunciados. Isso ocorre em razão de os jornais pregarem a imparcialidade, que está, de certo modo, relacionada à função referencial. Apesar desse expediente, fica evidente o aparecimento da função emotiva, mesmo que de forma disfarçada. Entendemos que a função emotiva ocorre porque as escolhas lingüísticas dos jornais dependem da maneira como as mídias constroem as representações para interessar e emocionar o público, conforme Charaudeau (2006, p.138).

Outro aspecto de destaque para a nossa aula foi o reconhecimento e a identificação do *lead* no texto jornalístico. Faria e Zanchetta (2005 p. 29) argumentam que “a estrutura do lide está presente na grande maioria dos jornais impressos, sobretudo naqueles de maior circulação”. Esses autores lembram que a forma de apresentação do *lead* pode variar, “mas é regra geral na imprensa apresentar os principais aspectos de um fato logo no início do texto”.

Vejamos a ocorrência de *lead* nos textos a seguir:

- **AMAZÔNIA**: *Acusado de estupro e preso na Seccional da Cidade Nova, o ex-policia militar Abrahão Cardoso Tavares, de 43 anos, apareceu morto na cela, ontem, com um cadarço amarrado no pescoço. A polícia considera a hipótese de suicídio, apesar da vítima ter sido encontrada sentada e apresentar manchas de sangue na cabeça.*

- **DIÁRIO DO PARÁ**: *Presidente da CBF entregou à governadora Ana Júlia o Caderno de Encargos para credenciamento de Belém como subsede da Copa de 2014.*

- **O LIBERAL**: *Messias da Silva, o ‘Negão’, apresentou-se à polícia e confirmou ter participado do desmanche do Corolla dos irmãos Novelino, na madrugada de quinta-feira, no sítio Guéri-Guéri. Topou fazer o serviço por R\$ 500, embora tenha pedido R\$ 1.000.*

Esses exemplos deixam claro para os alunos que esses textos respondem aos questionamentos principais em relação ao acontecimento. Apresentam um sujeito (quem) e uma ação (o que), em seguida apresentam os complementos para o entendimento do fato (quando, onde, como e por quê).

3.5.5 Quinta aula

Análise da Ideologia proposta pela Primeira Página de Jornal

Na quinta aula reunimos todo o conhecimento adquirido ao longo das quatro aulas anteriores para falarmos mais precisamente de ideologia, objetivando despertar no aluno a visão crítica.

Entendemos ideologia como um conjunto de idéias, doutrinas, pensamentos e visões de mundo que orientam as ações sociais e políticas de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Karl Marx considerava a ideologia como um instrumento de dominação que age através do convencimento e não da força, de forma prescritiva, alienando a consciência humana e mascarando a realidade, (WIKIPÉDIA, acesso em 18/01/2008). Nesse contexto, todo discurso, incluindo o proferido pelos jornais, tem uma dimensão ideológica, pois nele é impresso as marcas de dominação e convencimento pretendidas pelos grupos dominantes.

Para que os alunos e as professoras percebessem que cada parte da primeira página de jornal é cuidadosamente preparada como fonte de ideologia e de convencimento e que reflete os interesses de uma determinada classe social e política, retomamos os assuntos abordados anteriormente, como as fotografias, manchetes, linguagens, disposição gráfica, entre outros. Com isso, os alunos tiveram a oportunidade de formular suas próprias opiniões em relação à ideologia contida nos jornais.

Quanto aos jornais por nós analisados ficou evidente, no final das aulas, que todos, em graus variados, fazem uso do sensacionalismo, bem como, estão a serviço de interesses políticos e econômicos de uma determinada classe social. Citelli (2006, p. 35) argumenta que,

Vale dizer, desde a escolha das palavras (como pode ocorrer, por exemplo, com certas explorações semânticas de eufemismo) até a organização das frases, passando pela escolha e disposição dos

raciocínios e dos temas ao longo dos textos, percorremos um caminho de inúmeras possibilidades para se compor a ordem persuasiva e de convencimento dos discursos.

Nesse caso, a constatação de que um mesmo fato adquire discursos divergentes e até contraditórios, serviu para que os alunos percebessem que os jornais valem-se de muitos recursos para disseminarem seus valores e seus interesses aos leitores. Antunes (2004, p. 57) lembra que “os jornais são meios onde vigora uma polifonia discursiva. Ler a primeira página é entrar em contato com uma superfície de discursos variados em forma e algumas vezes em conteúdo”. Nessa perspectiva, é importante considerar que para um texto jornalístico ser compreendido em toda a dimensão de seu contexto, é preciso que seja dada atenção especial à ideologia adotada pelo enunciador. A esse respeito Romero (2004, p. 4) argumenta que:

É importante frisar que todo texto está imbuído de ideologia, e por esse motivo codifica valores, visões, perspectivas, ou seja, constrói uma visão de mundo. Nem sempre, todavia, as posições ideológicas são entendidas, em razão de se diluírem no senso comum e, assim, serem consideradas como representações naturais e inevitáveis da realidade. O fato de a maioria dos usuários da língua não serem educados para identificar ideologia em textos não deixa de ter, em si, uma motivação ideológica.

Nessa perspectiva, ao final das aulas, tivemos a oportunidade de perceber o quanto os alunos e professores mostraram-se interessados em ler jornais e observar criticamente as partes que os compõem.

4. ANÁLISE DOS *CORPORA*

*Somos sempre ditos pelo outro, pelo olhar do
outro que se faz verdade...*
(CORACINI, 2007, p. 49)

Para analisarmos as respostas dadas aos dois questionários, debruçaremos nossos estudos na construção da imagem projetada pelo enunciador no ato da enunciação, o que possibilita observar a construção identitária e a reflexão do papel profissional e social que é desempenhado pelos sujeitos dessa pesquisa.

4.1 Construção identitária

Todo enunciado remete a uma representação da imagem que o locutor tem da realidade, mesmo que o locutor não tenha a intenção disso. Essa representação da imagem, conforme Amossy (2005, p. 9) pode ser até de si mesmo: “seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa”. Desse modo, a maneira de dizer as coisas induz o auditório a uma imagem do locutor que é fundamental para a realização e o sucesso de um projeto enunciativo.

Essa maneira de se expressar é o resultado da escolha feita pelo locutor entre as muitas possibilidades estilísticas e lingüísticas. Barthes (AMOSSY, 2005, p. 10) salienta que há casos em que, para o orador, causar boa impressão, expõe a imagem que quer ter, pouco importando sua sinceridade. Assim, é possível, ao enunciarmos algo, revelar nossas crenças e atitudes.

A construção dessa imagem por meio da linguagem é denominada *ethos*, que é o termo usado para um desdobramento da retórica tradicional aristotélica. É por meio da enunciação que o enunciador revela sua personalidade. Adam (2005, p. 93), em seu trabalho, cita uma passagem de Chaïm Perelman que nos ajuda a entender esse conceito,

Se se trata não de fatos, mas de opinião, e sobretudo de apreciações,
não somente a pessoa do orador, mas também a função que ele

exerce, o papel que ele assume, influencia de modo incontestável a maneira pela qual o auditório acolherá suas palavras [...].

Nesse caso, podemos dizer que a construção e a realização do *ethos* se dão por meio do discurso. Eggs (2005, p. 30) indica que o *ethos* “está sempre presente como realidade problemática de todo discurso humano”. A esse respeito Maingueneau (2005, p. 98) adverte que essa noção de *ethos* não diz respeito apenas à retórica antiga, vale também para qualquer discurso, oral ou escrito.

Essa discussão a respeito do conceito de *ethos* se faz necessária para analisarmos e entendermos as falas de duas professoras, sujeitos dessa pesquisa, quando questionadas a respeito do uso de jornais como ferramenta pedagógica na sala de aula.

Entendemos que é por meio do discurso que os sujeitos (re)constróem a realidade e se apropriam de novos conceitos e valores. Entretanto, Maingueneau (2005, p. 29) lembra que “nunca há uma *única* interpretação possível para um enunciado e é preciso explicar quais os procedimentos do destinatário para chegar à mais provável, que será aquela que se deve preferir em tal ou qual contexto”. No dizer de Maingueneau (2005, p. 87), “tomar a palavra significa, em graus variados, assumir um risco”. Tomamos esse risco e propomos uma análise dos enunciados das professoras e dos alunos para, no primeiro grupo observar as imagens e as concepções das professoras quanto ao uso do jornal em sala de aula e no segundo grupo, observar se o jornal é percebido pelos alunos como um modo de fazer a realidade social mais presente, constituindo-se em uma forma de realizar o letramento ideológico, ou se é percebido de modo mais autônomo. Dessa forma, responderemos às nossas duas perguntas de pesquisa.

O procedimento de análise do *ethos* contará, também, com a teoria funcionalista de Michael A. K. Halliday, denominada Lingüística Sistêmico-Funcional, que é uma gramática voltada para o significado. A nossa escolha desse modelo se deve ao fato de entendermos que a construção de *ethos* está relacionada às escolhas lingüístico-discursivas dos falantes, e também pelo fato de a Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF) olhar a língua em seu uso, em funcionamento, e oferecer diversas ferramentas de análise. Nesse sentido, corroboramos com Tápias-Oliveira (2006), quando salienta a possibilidade de uso dessa teoria em um trabalho de cunho Bakhtiniano, pois, conforme a teoria hallidyana, é nosso foco observar as escolhas lingüísticas feitas pelos sujeitos dessa pesquisa. A LSF possibilita que se faça uma análise da língua em seu uso, produto autêntico da interação social, e seu maior interesse é observar o modo como as pessoas

utilizam a linguagem em suas relações sociais diárias. De acordo com Cunha e Souza (2007, p. 19), “a grande preocupação da LSF é compreender a linguagem em funcionamento como um sistema de comunicação humana e não como um conjunto de regras, desvinculadas de seu contexto de uso”. Para as autoras, é importante destacar que o termo *sistema* “refere-se às redes de sistemas da linguagem” e o termo *funcional* “refere-se às funções da linguagem, que usamos para produzir significados” (p. 20). Nesse contexto, a linguagem é usada para interação mútua dos sujeitos, bem como para construir e manter relações interpessoais. Com isso, conforme Cunha e Souza (2007, p. 24) “interpretamos e representamos o mundo do outro e de nós mesmos”.

Pelo fato de a Lingüística Sistêmico-Funcional analisar sempre produtos autênticos da interação social, oferece muitas possibilidades para estudo, entretanto, privilegiaremos, para nossa análise, um aspecto da LSF que é a Valoração⁹.

Segundo Martin (ROMERO 2007, p. 4), Valoração é um “recurso semântico usado para negociar emoções, julgamento e avaliações”. Esses recursos são usados para negociações de relações sociais quando o locutor expressa a ouvintes ou leitores seus sentimentos em relação a pessoas ou coisas.

A Valoração se desdobra em *engajamento, atitude e gradação*. Para nossa análise utilizaremos os conceitos de *engajamento* pelo fato de referirem-se ao grau de comprometimento com interlocutores ou posicionamento do falante.

De acordo com Romero (2007, p. 18), o *engajamento* divide-se em:

1. *Contração* – que fecha espaço para alternativas dialógicas – e subdivide-se em:

- *Refutar*: negar, contrapor;
- *Declarar*: concordar, afirmar, endossar.

2. *Expansão* – que abre espaço para posições alternativas – e subdivide-se em:

- *Supor*: (talvez, pode ser).
- *Atribuir*: reconhecer, distanciar.

Para Halliday (ROMERO, 2004, p. 2), “uma análise de discurso que não se baseie em gramática não pode ser levada a sério, pois que não passará de um mero comentário sobre um texto”.

As professoras que participaram dessa pesquisa serão identificadas pelos codinomes de Ana (professora que não usa o jornal em sala de aula) e Rita (professora

⁹ Cabe aqui uma observação quanto ao termo valoração, também usado por Bakhtin, no sentido ideológico de valores, crenças (TÁPIAS-OLIVEIRA, 2006, p. 53-54).

que usa o jornal em sala de aula), preservando, com essa medida, as suas verdadeiras identidades. Vejamos seus *ethé* a partir da análise da Valoração proposta por Martin.

4.2 Questionário 1

Esse primeiro questionário, respondido antes do período das aulas dadas pela pesquisadora, era composto por três perguntas, que tinham por finalidade conhecer o posicionamento das professoras Ana e Rita quanto ao ensino de Língua Portuguesa.

Pergunta 1:

- O que é ensinar Língua Portuguesa?

Respostas:

- Ana. *“É antes de qualquer coisa, respeitar o aluno como um falante que domina a própria língua. No caso específico do trabalho com a Língua Portuguesa, ensinar é concentrar-se exclusivamente numa dimensão prática, ou seja, oferecer aos alunos o domínio da fala, da leitura e da escrita e junto com esse trabalho, realizar sempre uma ação reflexiva sobre a própria linguagem, integrando as práticas socioverbais e o pensar sobre elas.”*
- Rita. *“Ensinar Língua Portuguesa é fazer com que os alunos vivenciem todos os níveis e variantes da língua mãe, é levar o aluno a quebrar os preconceitos em relação ao falar de cada um.”*

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	***	***
	Declarar	<i>respeitar o aluno...ensinar é concentrar-se...oferecer aos alunos...realizar sempre...pensar sobre... (Afirmar)</i>	<i>...é fazer... é levar... quebrar os preconceitos... (Afirmar)</i>
EXPANSÃO	Supor	***	***
	Atribuir	<i>É antes de qualquer coisa (Reconhecer)</i>	<i>Ensinar Língua Portuguesa é... (Reconhecer)</i>

Nessa questão Ana e Rita declaram afirmativamente o entendimento que têm a respeito do que seja ensinar Língua Portuguesa e reconhecem a importância desse ensino. Não fazem suposições, fato que demonstra postura consciente do papel que desempenham. E ao declararem, elas manifestam a imagem (*ethos*) em que se fiam, imagem de boa professora, querem fazer os alunos irem além, como proporcionar ao aluno, através do domínio da leitura e da escrita, reflexão sobre as práticas socioverbais (Ana), bem como a quebra de preconceitos lingüísticos (Rita).

Pergunta 2:

- Descreva as ações de um bom professor de Língua Portuguesa.

Respostas:

- Ana. *“Creio que não há um modelo único e ideal de um bom professor de Língua Portuguesa, porque todos atendem a um conjunto amplo e diversificado de pessoas. Entretanto, não havendo tal modelo, é necessário que haja a constante busca para, pelo menos, descobrir-se o porquê e quando não se é um bom professor.”*
- Rita. *“Aplicar as ações da questão 1 , é respeitar a carga de conhecimento lingüístico trazido pelo aluno e aproveita-la nas suas aulas.”*

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	<i>Entretanto...</i> (Contrapor)	***
	Declarar	<i>Creio que não há um modelo... (Afirmar) é necessário... (Concordar)</i>	<i>é respeitar...e aproveita-la (Afirmar)</i>
EXPANSÃO	Supor	***	***
	Atribuir	***	<i>Aplicar as ações da questão 1 (Reconhecer)</i>

Ao responderem esse questionamento, Ana e Rita confirmam a imagem que fazem de um bom professor de Língua Portuguesa. Ana afirma, concorda e contrapõe, enquanto Rita afirma e reconhece.

Pergunta 3:

- Qual o aspecto mais importante da aula de Língua Portuguesa?

Respostas:

- Ana. *“A renovação. O novo poderá contribuir significativamente para superar os “nós” que embaraçam a efetivação do regional e do específico, contribuindo assim, para a construção de uma relativa unidade lingüística”.*
- Rita. *“A aplicação e o respeito a diversidade lingüística de determinada classe.”*

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	***	***
	Declarar	<i>A renovação... (Afirmar) contribuindo assim... (Endossar)</i>	<i>A aplicação e o respeito a diversidade...(Afirmar)</i>
EXPANSÃO	Supor	<i>podrá contribuir... (Supor)</i>	***
	Atribuir	***	***

Nessa questão Ana declara que é importante renovar, pois só a renovação pode desatar os nós que emperram o ensino. Para efetivar seu posicionamento, Ana afirma, endossa e supõe. Rita declara afirmativamente que o mais importante é respeitar a diversidade lingüística. Assim, Ana remete a uma imagem de aceitação do novo, para ela a “renovação” pode trazer benefícios à educacionais e Rita como na pergunta 1 remete a uma imagem de profissional que se preocupa com discriminação lingüística.

Em seus dizeres, as duas professoras declararam o comprometimento que têm com o ensino de Língua Portuguesa. Atribuem créditos a um ensino que valorize a prática, a quebra de preconceitos lingüísticos, bem como que permita a reflexão sobre a linguagem. Essa imagem do bom professor mostra que as professoras posicionam-se em modelos validados de postura do ‘bom’ professor de Língua Portuguesa, ou seja, por meio de suas falas ressaltam o comportamento esperado aos membros desse grupo. Esse comportamento, de certa forma, garante uma imagem positiva. A esse respeito Maingueneau (2005, p. 92) comenta a existência de cenas que são validadas, ou seja, “já instaladas na memória coletiva, seja a título de modelos que se rejeitam ou de modelos

que se valorizam.”. Assim, as professoras legitimam e conferem autoridade ao que dizem porque encarnam o enunciado.

A imagem do bom professor, revelada pelas professoras, é uma imagem ligada ao conjunto de representações coletivas e à identidade profissional que desempenham. Nesse sentido, Citelli (2006, p. 37) explica que “tal recorrência resulta do fato de os sujeitos tenderem a atualizar em seus discursos, textos ou pronunciamentos, as formações discursivas com as/nas quais convivem”. Esse comportamento implica na criação do *ethos*, por intermédio de representações sociais valorizadas, sobre as quais apóiam suas enunciações. Sobre isso Maingueneau (2005, p. 99) argumenta que, “o universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas ‘idéias’ que ele transmite; na realidade essas idéias se apresentam por intermédio de uma *maneira de dizer* que remete a uma *maneira de ser*”. Complementando esse pensamento, Coracini (2007, p. 168) esclarece que,

A identidade se resume ao que o sujeito é capaz de dizer (narrar) sobre si, sobre o ego (eu), construído necessariamente a partir da relação com o outro - pai, mãe, grupo social... – que o define e que ele internaliza como sendo ele próprio, no desejo de corresponder ao que o outro deseja dele: afinal, o desejo do sujeito é ser o desejo do outro, é ser amado pelo outro, e, para isso, não mede esforços no sentido de ser como o outro deseja.

E é o que parece acontecer com nossas professoras que, ao declararem quais as ações de um bom professor, adentram no universo de representações desse grupo social.

Nas respostas dadas aos questionamentos 1 e 3 não encontramos vestígio explícito de um enunciador, ou seja, é um dizer impessoal, não encontramos a presença do ‘eu’. O apagamento do ‘eu’ se deve ao fato desse discurso, proferido pelas professoras, estar na consciência coletiva do grupo ao qual fazem parte, é um discurso social, em que o locutor desaparece em seu próprio enunciado. Contudo, Maingueneau (2005, p. 106) lembra que “todo enunciado implica um enunciador em relação ao qual é definido o *você* constituído como tal pelo enunciador”. Nesse caso, mesmo ocultando o ‘eu’ ele aparece em forma de vestígio. No questionamento 2, a presença do ‘eu’ fica evidente, uma vez que, a enunciadora se coloca explicitamente no enunciado. Adam (2005, p. 107) mostra que grande “parte da atividade simbólica dos sujeitos tem por função reconstruir de modo constante a realidade de eu, oferece-la aos outros para ratificação,

para aceitar ou rejeitar as ofertas que os outros fazem de imagem que têm deles mesmos”.

A esse respeito Amossy (2005, p. 121) argumenta que “o professor universitário, o padre, o político, o escritor proferem um tipo de discurso que extrai sua eficácia do fato de que eles são, aos olhos do seu público, habituados a produzi-lo”. Para a autora, o efeito que a palavra pode ter para o público depende de quem enuncia, ou seja, o poder da palavra está na adequação entre o valor social do enunciador e de seu discurso. Nesse caso, as professoras que fazem parte dessa pesquisa são porta-vozes autorizadas, pois têm prestígio para pronunciá-lo.

Maingueneau (2005, p. 107) esclarece que “a palavra só pode representar o mundo se o enunciador, direta ou indiretamente, marcar sua presença por meio do que diz”. Nesse contexto, as professoras deixaram transparecer, em suas falas, os seus posicionamentos e suas concepções em relação ao ensino de Língua Portuguesa. Fato que pode ser observado também, pelo emprego dos verbos nos questionamentos acima. A professora Ana utilizou verbos como *respeitar, pensar, crer, contribuir, atender*, são verbos que remetem a um posicionamento mais passivo que ativo em relação ao ensino. Já a professora Rita, em seu dizer utilizou verbos como *fazer, levar, quebrar, falar, aplicar*, verbos esses que remetem a uma ação, ou seja, a professora Rita demonstrou uma postura mais ativa e menos passiva em relação ao ensino.

As imagens que pudemos capturar das professoras em seus discursos falam de suas perspectivas e de suas concepções em relação ao ensino, provenientes de identificações conscientes ou inconscientes do sujeito professor, na tarefa de ensinar.

4.3 Questionário 2

Esse segundo questionário, composto por oito perguntas, foi respondido pelas professoras Ana e Rita no decorrer do período da pesquisa. Objetivou verificar a ocorrência ou não de mudança de posicionamento das professoras em relação ao uso de jornais em sala e aula.

Pergunta 1:

- Como foi a postura dos alunos na aula dada?

Respostas:

- Ana. “*Ótima, bem receptiva.*”
- Rita. “*A postura dos alunos foi de atenção e participação.*”

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	***	***
	Declarar	<i>Ótima, bem receptiva</i> (Endossar)	<i>foi de atenção e participação</i> (Afirmar)
EXPANSÃO	Supor	***	***
	Atribuir	***	***

A professora Ana endossa e a professora Rita declara afirmativamente o que pensam sobre comportamento dos alunos. Para as professoras, os alunos gastaram, participaram e se interessaram pelas aulas, esse fato revela que os alunos não têm resistências quanto ao uso do jornal em sala de aula. Nesse sentido, ambas revelaram a imagem (*ethos*) do bom aluno que é de receptividade.

Pergunta 2:

- Eles aprenderam algo diferente? O quê? Esse conhecimento serve para quê?

Respostas:

- Ana. “*Sim. Aprenderam a reconhecer e identificar as partes que compõem um jornal. Esse conhecimento despertou maior interesse pelos assuntos diários que fazem parte de um jornal.*”
- Rita. “*Sim, a diferenciar as ideologias, as várias versões de um fato. Esses conhecimentos servem para direcionar sua vida como pessoa, em todos os sentidos: planejar, interpretar etc.*”.

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	***	***
	Declarar	<i>Sim (Concordar)</i> <i>Aprenderam a</i> (Endossar) <i>Esse conhecimento</i> <i>despertou ...</i> (Afirmar)	<i>Sim (Concordar)</i> <i>servem para...</i> (Endossar)
EXPANSÃO	Supor	***	***
	Atribuir	***	***

As professoras acreditam que os alunos aprenderam com as aulas. A professora Ana concorda, endossa e afirma que os alunos aprenderam algo diferente e reconhece que esse conhecimento desperta maior interesse pelos assuntos sociais. Para Rita os alunos aprenderam a identificar a ideologia e as várias versões de um mesmo fato e esse conhecimento ajuda a direcionar suas vidas. Também revelaram o *ethos* da aprendizagem. Se antes da pesquisa a imagem da aula de Língua Portuguesa (questionário 1) revela-se mais centrada na aula, agora o *ethos* assume uma vertente mais social. Essas respostas revelaram que o jornal é mesmo uma importante ferramenta pedagógica e que seu uso pode ser incorporado ao cotidiano escolar.

Pergunta 3:

- O que você tem a dizer sobre a postura da professora (pesquisadora)?

Respostas:

- Ana. “*Ótima, eficaz, didaticamente correta.*”
- Rita. “*Excelente desempenho e material adequado.*”

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	***	***
	Declarar	<i>Ótima (Concordar) eficaz, didaticamente correta (Afirmar)</i>	<i>Excelente desempenho (Concordar) material adequado (Afirmar)</i>
EXPANSÃO	Supor	***	***
	Atribuir	***	***

As professoras Ana e Rita concordam e afirmam que gostaram das aulas dadas pela professora (pesquisadora). Rita ressalta também a importância do material utilizado. Esse fato pode revelar o interesse das professoras em utilizar o jornal em sala de aula.

Esta pergunta foi feita para desviar o olhar das professoras do foco da pesquisa, porque o nosso foco é para com objetivos de pesquisa (que são: verificar como as professoras reagem e quais suas crenças quanto ao uso do jornal em sala de aula; observar como /se o uso da primeira página de jornal em sala de aula pode contribuir

para efetivação do letramento ideológico dos alunos) e não avaliar a professora pesquisadora. Entretanto, percebemos que, ao concordarem com a postura da pesquisadora, as professoras Ana e Rita projetaram-se na imagem da pesquisadora e identificaram-se com ela, (re)construindo seus posicionamentos por meio de novos conceitos.

Pergunta 4:

- O que você tem a dizer sobre o conteúdo dado?

Respostas:

- Ana. *“Muito bom, pois apresentou diversidade textual.”*
- Rita. *“Excelente qualidade, atual, cotidiano, o que desperta o interesse do aluno.”*

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	***	***
	Declarar	<i>Muito bom (Concordar) pois apresentou... (Endossar)</i>	<i>Excelente qualidade (Concordar) o que desperta (Endossar)</i>
EXPANSÃO	Supor	***	***
	Atribuir	***	<i>atual, cotidiano (Reconhecer)</i>

A professora Ana endossa e concorda com o conteúdo dado, observando a diversidade textual. A professora Rita observou a atualidade do material relacionando-o ao interesse do aluno, concordando, endossando e reconhecendo. Assim, ambas reiteram a imagem positiva do trabalho com o jornal em sala de aula, o que, também, reforça a imagem de uma sala de aula que trabalha com um gênero social, atual com seus alunos. Essa positividade na imagem do trabalho pode proporcionar o futuro uso do jornal pelas professoras em suas próprias aulas (comentaremos mais a esse respeito nas Considerações Finais).

Pergunta 5:

- Uma aula dessas traz benefícios aos alunos? Em quê?

Respostas:

- Ana. “*Sim. A partir de uma metodologia contextualizada entre as várias linguagens trabalhadas na disciplina.*”
- Rita. “*Sim, abre um universo de conhecimento em relação às ideologias e o despertar para a leitura.*”

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	***	***
	Declarar	<i>Sim (Concordar)</i>	<i>Sim (Concordar)</i>
EXPANSÃO	Supor	<i>A partir de (Talvez, pode ser)</i>	***
	Atribuir	***	<i>abre um universo de conhecimento (Reconhecer)</i>

Nessa questão a professora Ana concorda que aulas como essas trazem benefícios para os alunos e supõe que os benefícios podem ser maiores quanto ressalta que a metodologia deve estar contextualizada com as várias linguagens. A professora Rita concorda e reconhece os benefícios que aulas como essas trazem para os alunos, destacando o conhecimento em relação as ideologias e o despertar para a leitura. Nessa questão as professoras reconstróem o *ethos* quando reforçam a imagem de professores comprometidos com o aprendizado dos alunos, ou seja, a imagem de bom professor.

Pergunta 6:

- Você daria uma aula como essa? Por quê?

Respostas:

- Ana. “*Sim, porque usaria a metodologia da contextualização.*”
- Rita. “*Sim, para despertar o interesse crítico do meu aluno, e incentivar a busca de informação e conhecimento.*”

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	***	***
	Declarar	<i>Sim (Concordar)</i>	<i>Sim (Concordar) Para despertar o interesse... (Afirmar)</i>
EXPANSÃO	Supor	<i>Usaria (Pode ser)</i>	***
	Atribuir	***	***

A professora Ana nunca usou o jornal em sala de aula, contudo, depois das aulas dadas pela pesquisadora, Ana concorda e supõe que daria aulas como essas. Esse fato revela que a professora Ana abre espaço em sua imagem da aula de Língua Portuguesa para o trabalho com o jornal em sala de aula. A professora Rita concorda com as aulas e firma sua imagem positiva anterior à pesquisa, que sempre foi favorável ao uso de jornais em sala de aula.

Pergunta 7:

- Essa aula é relevante para o 3º ano?

Respostas:

- Ana. “Sim.”
- Rita. “*Sim, para despertar o aluno para a realidade e como ela é colocada pelos meios de comunicação, pois é importantíssimo para o desenvolvimento intelectual dos alunos pré-vestibulandos.*”

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	***	***
	Declarar	<i>Sim (Concordar)</i>	<i>Sim (Concordar) Para despertar o aluno... (Afirmar)</i>
EXPANSÃO	Supor	***	***
	Atribuir	***	<i>pois é importantíssimo... (Reconhecer)</i>

A professora Ana concorda com as aulas e acha relevante. Talvez por não ter experiência com o uso do jornal em sala de aula, não acrescenta mais nada. Já a professora Rita concorda, afirma e reconhece a relevância dessas aulas. Lembra que despertam nos alunos o interesse pela realidade e a maneira como é colocada nos

jornais. Ainda ressalta a importância desse conhecimento para alunos pré-vestibulandos. Ela reforça a imagem anterior que tinha de aulas, com o uso do suporte jornal.

Pergunta 8:

- Você acha aplicável o uso do jornal em sala de aula? Por quê?

Respostas:

- Ana. “*Sim, a partir do momento em que se tenha um planejamento definido para a utilização desse recurso.*”
- Rita. “*Sim, pois através do jornal, as notícias e fatos históricos chegam rápido, contemporaneamente até ao aluno, em relação aos livros didáticos.*”

Categorias		Ana	Rita
CONTRAÇÃO	Refutar	<i>A partir do momento em que... (Contrapor)</i>	***
	Declarar	<i>Sim (Concordar)</i>	<i>Sim (Concordar) pois através do jornal... (Afirmar)</i>
EXPANSÃO	Supor	***	***
	Atribuir	***	***

Para a professora Ana é aplicável usar o jornal em sala de aula, entretanto, ressalta a importância de um planejamento para a utilização desse recurso. Ao dizer “sim”, Ana admite o uso, contudo, ao enunciar “a partir do momento”, restringe o seu dizer anterior que é de aceitação, talvez em virtude de não dominar o uso do jornal. A expressão “a partir do momento” está relacionada a uma condição de aceitação imposta por Ana, e carrega em si um valor de “mas”, conjunção coordenada adversativa, que remete à idéia de oposição ou contraste.

Isso evidencia uma imagem de professora zelosa, que não corre atrás de modismos sem uma adequada preparação prévia, o que aponta para a formação cuidadosa da professora.

A professora Rita concorda e afirma sobre a aplicabilidade desse recurso e argumenta que o jornal traz o imediatismo da notícia e dos acontecimentos históricos em relação aos livros didáticos. Ela reafirma o *ethos* de empreendedorismo e de incorporação do jornal na sala de aula.

Ao longo dessas oito respostas podemos destacar o uso de expressões avaliativas como *ótimo, excelente, muito bom, atual, eficaz*, proferidas diversas vezes. Esse fato revela a expressividade, ou relação de valor (BAKHTIN, 2003, p. 276) positiva por parte das professoras em utilizar esse recurso. A escolha de verbos como *aprender, despertar, reconhecer, identificar, servir, planejar, interpretar, direcionar, incentivar, diferenciar, apresentar*, que designam, conforme Halliday, verbos de processo mental (TÁPIAS-OLIVEIRA, 2006, p. 139) demonstram que as professoras estão empenhadas em trabalhar com seus alunos voltadas para a aceitação do novo, o que evidencia que desempenham seu papel profissional de modo eficiente. A esse respeito Cunha e Souza (2007, p. 22) argumentam que “os verbos e termos a eles associados se combinam para formar o perfil de alguém, para a construção específica de uma imagem, a qual é desejada pelo autor”. Essas mesmas autoras, citando o pensamento de Halliday, lembram que “os significados estão presentes como um todo integrado e são alcançados por meio das escolhas que os falantes fazem frente às escolhas que poderiam ter sido feitas” (p. 23).

Em suas declarações, as professoras Ana e Rita demonstram suas idéias em relação ao uso de jornais em sala de aula. Ana mudou de idéia no decorrer da pesquisa, passando a demonstrar interesse em utilizar o jornal em suas aulas. Rita manteve a mesma idéia que era de utilizar o jornal em suas aulas. A análise das respostas proferidas pelas professoras demonstra a mudança de algumas crenças. Isso aponta para o fato de que, possivelmente, o jornal não está sendo incorporado ao cotidiano escolar por falta de conhecimento por parte dos professores de como utilizá-lo adequadamente. Assim, a formação do professor para a utilização desse recurso parece ser primordial: é importante que os cursos superiores proporcionem esse saber e que as escolas (públicas e privadas) ofereçam cursos de educação continuada atualizados aos professores para proporcionar reflexão e *a esperada* mudança, objetivando a ruptura com o senso comum.

4.4 Questionamento e comentários dos alunos feitos em sala de aula com suas professoras

- O que você aprendeu sobre o jornal é importante para sua vida, em quê?

Em depoimentos como os que se seguem, que são exemplos prototípicos das turmas, os alunos revelaram suas opiniões a respeito da utilização do jornal em sala de aula:

- *Aprendi que através do jornal nós podemos ver acontecimentos que podem ser verdadeiros ou não. É também através dele que tiramos nossas conclusões sobre os fatos, pois acreditamos no que lemos, ou seja, na opinião de quem escreve. O autor acredita nas ideologias expostas pelo jornal. Estas ideologias são muito importantes para nossas vidas porque no caso de uma eleição, o jornal enaltece bastante seu candidato através de imagens e textos, e deixa lá em baixo aquele que julga incapaz, nos faz acreditar em suas propostas. Por isso, ele é muito importante, pois interfere em nossas opiniões e escolhas.*
- *O que eu aprendi sobre o jornal é importante para minha vida sim, pois, desperta em nós leitores a oportunidade de estarmos por dentro dos acontecimentos que envolvem a mim e os que estão a minha volta. Assuntos que podemos discutir em sala de aula com os professores e os alunos, para sabermos qual a opinião dele sobre os fatos. Na escola trabalhar com o jornal é uma ótima idéia, fazendo com que os alunos possam despertar em si a fabulosa e maravilhosa exercitação do gosto de ler, lendo por distração, por curiosidade, entretenimento, enfim ler é ótimo até para a alma. Entretanto, aprender sobre o jornal é muito bom, confesso: que estou muito feliz, a partir de agora estarei muito mais atenta com os fatos que me interessam. O que aprendi jamais deixarei de saber e exercitar, o meu aprendizado.*
- *Aprendi que o jornal é um meio de comunicação muito importante para a nossa sociedade. Nessa aula eu aprendi a gostar de ler e entender o jornal, é muito bom olhar o jornal e poder entender o que estamos vendo. Antes quando eu via um jornal eu olhava as figuras, mas não dava muita questão, mas agora sei o significado de cada uma delas. Ler jornal é poder ver e entender o que está mostrando, e nessa aula eu entendi.*
- *O jornal é importante nas nossas vidas porque ele nos ensina a melhorar o nosso falar, nos ajuda a compreender a leitura, melhora a nossa escrita e nos*

faz interagir com o mundo de uma forma direta porque nos ensina a criar opiniões sobre os assuntos abordados. Protestamos quando não gostamos de algo e nos ajuda a viver melhor. Enfim, o jornal é fundamental para fazer de nós seres humanos incluídos na sociedade.

A seguir, os comentários feitos pelos alunos a respeito das aulas e anotados pelas professoras; na seqüência, as análises das quatro respostas e dessas anotações:

- ✓ *Achei uma aula muito criativa e diferente e proveitosa.*
- ✓ *Eu gostei muito da aula, pois ela nos ensinou como o jornal é formado. A partir daí podemos interpretar melhor o jornal.*
- ✓ *Noticiário por noticiário, eu fico em casa assistindo televisão. Não gostei.*
- ✓ *Achei bom, porque aprendi fazer a diferença entre um jornal e outro.*
- ✓ *Eu gostei muito, pois ela nos ensinou como é formado o jornal e suas características.*
- ✓ *De minha parte não achei muito lucrativo. Certas notícias destroem a nossa vontade de continuar lutando pela vida.*
- ✓ *Acho que a nossa sociedade exige que saibamos coisas mais interessantes.*
- ✓ *Em minha opinião alguns professores, não todos deveriam trabalhar com o jornal.*
- ✓ *Bastante prática e interativa, onde os alunos têm a oportunidade de interagir com a professora.*
- ✓ *Aonde vai me levar esse tipo de conhecimento?*
- ✓ *Se dar aula utilizando o jornal fosse bom, será que as melhores escolas não utilizariam?*
- ✓ *Agora eu sei com entender melhor um jornal.*
- ✓ *Nunca gostei de jornal. Ler um bom livro educa e constrói muito mais.*
- ✓ *As partes de um jornal só interessam para quem fabrica.*
- ✓ *Agora conheço o jornal por dentro.*
- ✓ *Aprendi a ler o jornal.*
- ✓ *Entendi os vários pontos de vista do mesmo fato.*
- ✓ *Aprendi a pesquisar assuntos atuais.*
- ✓ *Depois dessas aulas deu vontade de fazer um jornal na escola.*
- ✓ *A partir dessas aulas percebi que a mesma notícia pode ter várias versões.*

- ✓ *Devemos usar o jornal em sala de aula desde que seja para nós mesmos construirmos os textos.*
- ✓ *Pude perceber que o jornal está a serviço de um determinado grupo social.*

É possível perceber que os alunos sentiram-se mais próximos da realidade, pois o texto jornalístico traz o imediatismo e a dinâmica da vida social. A leitura do jornal em sala de aula parece mudar a perspectiva de muitos alunos quando os remete a compreender a linguagem usada e as práticas sociais. Essa leitura que emancipa ou liberta o leitor deve ser o objetivo da escola, pois é um referencial para a mudança.

Em seus dizeres, os alunos expuseram os benefícios que o jornal trouxe a eles. Percebemos isso e agrupamos os fragmentos de seus dizeres pelas seguintes marcas: 1. visão crítica; 2. observação de autoria; 3. observação da sociedade; 4. jornal como instrumento; 5. uso na vida futura e 6. contraponto com a vida antes da aula. Vejamos, a seguir, os fragmentos das falas dos alunos quanto ao questionamento:

1 - Visão crítica:
<i>podem ser verdadeiros ou não</i>
<i>também através dele que tiramos nossas conclusões sobre os fatos, pois acreditamos no que lemos, ou seja, na opinião de quem escreve</i>
<i>Por isso, ele é muito importante pois interfere em nossas opiniões e escolhas</i>
<i>mas agora sei o significado de cada uma delas</i>
<i>Ler jornal é poder ver e entender o que está mostrando</i>
<i>O jornal é importante nas nossas vidas porque ele nos ensina a melhorar o nosso falar, nos ajuda a compreender a leitura, melhora a nossa escrita</i>
<i>nos ensina a criar opiniões sobre os assuntos abordados</i>
<i>Protestamos quando não gostamos de algo e nos ajuda a viver melhor</i>

2 - Observação da autoria:
<i>O autor acredita nas ideologias expostas pelo jornal</i>
<i>Estas ideologias são muito importantes para nossas vidas</i>
<i>a partir de agora estarei muito mais atenta com os fatos que me interessam</i>

3 - Observação da sociedade:
<i>podemos ver acontecimentos</i>
<i>porque no caso de uma eleição</i>
<i>Por isso, ele é muito importante, pois interfere em nossas opiniões e escolhas</i>
<i>desperta em nós leitores a oportunidade de estarmos por dentro dos acontecimentos que envolvem a mim e os que estão a minha volta</i>
<i>Aprendi que o jornal é um meio de comunicação muito importante para a nossa sociedade</i>
<i>nos faz interagir com o mundo de uma forma direta porque nos</i>
<i>Enfim, o jornal é fundamental para fazer de nós seres humanos incluídos na sociedade</i>

4 - Jornal como instrumento:
<i>Aprendi que através do jornal nós</i>
<i>o jornal enaltece bastante seu candidato através de imagens e textos, e deixa lá em baixo aquele que julga incapaz, nos faz acreditar em suas propostas</i>
<i>O que eu aprendi sobre o jornal é importante</i>
<i>Na escola trabalhar com o jornal é uma ótima idéia, fazendo com que os alunos possam despertar em si a fabulosa e maravilhosa exercitação do gosto de ler, lendo por distração, por curiosidade, entretenimento, enfim ler é ótimo até para a alma</i>
<i>aprender sobre o jornal é muito bom, confesso</i>
<i>Nessa aula eu aprendi a gostar de ler e entender o jornal, é muito bom olhar o jornal e poder entender o que estamos vendo</i>
<i>e nessa aula eu entendi</i>

5 - Uso na vida futura:
<i>é importante para minha vida sim, pois</i>
<i>O que aprendi jamais deixarei de saber e exercitar, o meu aprendizado</i>

6 - Contraponto com a vida antes da aula.
<i>Antes quando eu via um jornal eu olhava as figuras, mas não dava muita questão, mas agora</i>

Seguindo o mesmo critério de análise do questionamento feito aos alunos, vejamos agora a análise dos comentários feitos pelos alunos e anotados pelas professoras:

1 – Visão crítica:
<i>A partir daí podemos interpretar melhor o jornal</i>
<i>porque aprendi fazer a diferença entre um jornal e outro</i>
<i>De minha parte não achei muito lucrativo. Certas notícias destroem a nossa vontade de continuar lutando pela vida</i>
<i>Em minha opinião alguns professores, não todos deveriam trabalhar com o jornal</i>
<i>Aonde vai me levar esse tipo de conhecimento?</i>
<i>Se dar aula utilizando o jornal fosse bom, será que as melhores escolas não utilizariam?</i>
<i>Nunca gostei de jornal. Ler um bom livro educa e constrói muito mais</i>
<i>As partes de um jornal só interessam para quem fabrica</i>
<i>Entendi os vários pontos de vista do mesmo fato</i>
<i>percebi que a mesma notícia pode ter várias versões</i>

2 – Observação da autoria:
<i>alguns professores, não todos deveriam trabalhar com o jornal</i>
<i>As partes de um jornal só interessam para quem fabrica</i>
<i>Devemos usar o jornal em sala de aula desde que seja para nós mesmos construirmos os textos</i>
<i>Pude perceber que o jornal está a serviço de um determinado grupo social</i>

3 – Observação da sociedade:
<i>Noticiário por noticiário, eu fico em casa assistindo televisão. Não gostei</i>
<i>Acho que a nossa sociedade exige que saibamos coisas mais interessantes</i>

4 – Jornal como instrumento:
<i>Achei uma aula muito criativa e diferente e proveitosa</i>
<i>Eu gostei muito, pois ela nos ensinou como é formado o jornal e suas características</i>

<i>Bastante prática e interativa, onde os alunos têm a oportunidade de interagir com a professora</i>
<i>Agora eu sei como entender melhor um jornal</i>
<i>Agora conheço o jornal por dentro</i>
<i>Aprendi a ler o jornal</i>
<i>Aprendi a pesquisar assuntos atuais</i>

5 – Uso na vida futura:
<i>Depois dessas aulas deu vontade de fazer um jornal na escola</i>
<i>A partir dessas aulas</i>

6 – Contraponto com a vida antes da aula:
<i>Agora eu sei com entender melhor um jornal</i>
<i>Agora conheço o jornal por dentro</i>
<i>Aprendi a ler o jornal</i>

É bastante claro para nós que ler apenas a primeira página de jornal não é o suficiente para formar leitores proficientes, entretanto, temos que considerar que é um passo a mais nesse longo caminho.

As marcas pelas quais analisamos os enunciados dos alunos, tanto no questionamento quanto nas anotações das professoras, nos permitiram observar os pontos que seguem.

A princípio, notamos que houve o despertar da visão crítica, como também, a percepção para as diversas ideologias. Nesse sentido, de acordo com Bakhtin, as ideologias transitam por meio dos signos, quando eles passam a representar uma outra realidade e a produzir idéias e valores.

Os enunciados revelam que os alunos ficaram atentos à questão da autoria, tanto no sentido de que podem produzir seus próprios textos quanto no sentido de “por quem e para quem” os textos são produzidos. A importância desse conhecimento para a formação do cidadão é fundamental, pois, segundo Charaudeau (2006), as escolhas se caracterizam pelo que retém ou despreza, e estão sempre relacionadas ao interesse de alguns grupos. Nesse caso, o efeito produzido no receptor está de acordo às escolhas feitas pelos veículos de comunicação.

Fica evidente que, além do jornal, os alunos também podem ver a sociedade por meio de outros suportes, além do livro didático. Novamente, temos aqui a questão da formação do cidadão. Lopes-Rossi (2005) afirma que os gêneros, quando trabalhados na escola, proporcionam aos alunos o emprego de suas características lingüísticas e discursivas nas mais diversas situações de comunicação.

O *ethos* dos alunos parece ter sido mudado pelas aulas, ou seja, em seus enunciados deixam transparecer que antes das aulas eles sentiam-se à margem do grupo social que lê jornal, e agora, após as aulas, sentem-se inseridos. Essa inclusão social dos alunos leva-nos a crer que a escola, com esse tipo de atividade (leitura de jornal), é capaz de ir além do modelo de letramento autônomo, como o define Street (KLEIMAN, 2006), passando a uma concepção de modelo de letramento ideológico. Isso é, que permita questionar interesses, valores e crenças. Com isso, a leitura passa a ser um instrumento de transformação.

Os enunciados revelam uma mudança de atitude por parte dos alunos, pois eles perceberam a importância e a aplicabilidade desse aprendizado na vida futura. Novamente, temos aqui a inclusão social dos alunos começada na escola. Nesse sentido, a experiência parece concretizar o que Kleiman (RÖSING, 2002) propõe sobre trazer para a escola as práticas sociais para melhor preparar o indivíduo para sua vivência social.

Os alunos fizeram um paralelo entre o *antes* e o *depois*, privilegiando o depois das aulas. Isso nos mostra, de acordo com Tápias-Oliveira (p. 113-188) que houve uma mudança significativa no modo de os alunos perceberem sua própria realidade. Ao verbalizarem como viam e como passam a ver, eles mostram sua conscientização, no sentido bakhtiniano do termo, para quem a conscientização emerge por meio de um processo de interação entre uma consciência e outra, e só existe através dos signos e nas relações sociais, quando refletem e refratam as muitas ideologias.

Todas essas observações reforçam nossa confiança na utilização do jornal como ferramenta pedagógica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar a usar uma língua é ensinar a se engajar na construção social do significado e, portanto, na construção das identidades sociais do aluno.
(MOITA-LOPES, 2005. p. 182)

5.1 Reflexões gerais sobre o uso do jornal e a escola

Levando em conta que o produto informativo oferecido pelos meios de comunicação tem grande prestígio e credibilidade social, levantaremos a seguir, algumas questões necessárias ao debate da inserção da mídia impressa na escola.

A escola é abstrata quando não relaciona a realidade às disciplinas que ministra (usando a nomenclatura de Street, atua no modelo autônomo de letramento). Acreditamos que uma das formas de reverter ou amenizar esse quadro é trazer o jornal para a sala de aula, pois o texto jornalístico revela a sociedade e suas necessidades reais, promove o debate, propicia a compreensão dos fatos sociais. Essa visão plural, voltada para os valores sociais, deve ser trazida para dentro da sala de aula para que possamos proporcionar aos nossos alunos o letramento ideológico.

O uso de material informativo como o jornal, na sala de aula, tem como uma de suas metas, a discussão de temas que fazem parte da agenda pública de discussão social, como a agenda que impõe os temas de discussão social através dos meios de comunicação, denominada *agenda setting*. Para Barros Filho (1999, p. 11), o *agenda setting* é,

Uma das formas possíveis de incidência da mídia sobre o público. É um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá.

Assim, as pessoas agendam suas conversas, os assuntos que irão discutir de acordo com o que a mídia veicula. Ao impor a *agenda setting*, a mídia estabelece prioridades,

hierarquiza e legitima os acontecimentos que serão temas de discussão. Nesse caso, fixar a agenda é, conforme Barros Filho (1999, p. 13) “fixar o calendário dos acontecimentos, é dizer o que é importante e o que não é, é decidir chamar a atenção sobre um certo problema”, definindo o momento e o local para difundir a informação, bem como para escolher o que vai ser discutido e por quem.

Ademais, vivemos em uma sociedade impregnada de informações, e esse fator traz consigo intensa transformação social e pessoal. Nesse cenário, a escola não pode desconsiderar que os meios de comunicação de massa desempenham um importante papel educativo. Concordamos com Ghilardi (1999, p. 111), quando, a esse respeito, esclarece que é possível fazer a educação sem a mídia, “mas não na sociedade atual, na época da globalização. Uma das tarefas do ensino é estudar a mídia para não ser ‘engolido’ por ela; sua importância depende da função e dos usos que lhe são atribuídos no contexto social”. Por isso, acreditamos que um trabalho como o nosso pode atenuar os problemas do atual panorama educacional.

De acordo com Barros Filho (1999, p. 26), se compararmos escola e mídia veremos que ambas são espaços públicos, que “exigem ritualização, produzindo efeitos a curto, médio e longo prazos”. São fornecedoras de “informação imediata e de uso imediato e constroem um universo simbólico estruturado por referência de apreciação da realidade”. Elas também “impõem regras de comportamento social e regras de classificação do mundo social”. Nesse sentido, a mídia e a escola, por compartilharem características comuns, deveriam, a nosso ver, caminhar juntas, num contínuo processo de troca e de completude.

Para Barros Filho (1999, p. 26), tanto a escola quanto a mídia têm papel fundamental na constituição do *habitus*, ou seja, no “conjunto de esquemas de apreciação e de valoração da realidade social interiorizados durante toda a trajetória social do indivíduo”. A interiorização do *habitus* é condicionador do comportamento do indivíduo, determinando as escolhas conscientes que envolvem cálculo de custo-benefício. Nesse panorama, acreditamos que são incontestáveis as semelhanças que a mídia e a escola têm no que se refere às regras de comportamento social. Contudo, para que o material midiático seja inserido na escola, requer-se, por parte dos docentes, conhecimento para seu uso. A esse respeito, veremos, a seguir, alguns fatores que podem incorrer em equívocos por parte dos professores que não têm preparação necessária para usar esse material.

Barros Filho (1999, p. 29) apresenta três idéias, de senso comum, que podem atrapalhar o trabalho pedagógico com o jornal, com as quais concordamos. A princípio, é comum, segundo o autor, professores recomendarem a leitura de jornais com o intuito de que os alunos conheçam a realidade. Essa postura pode produzir efeitos negativos, uma vez que remete o aluno a acreditar na correspondência absoluta entre o fato narrado e o acontecimento. Ainda de acordo com esse autor (1999, p.30) “é preciso que o aluno saiba que o jornal é fruto de um conjunto de escolhas e seleções arbitrárias”. Nesse caso, ao redigir uma matéria, o jornalista “materializa um processo ininterrupto de escolhas, de eliminações que acabam constituindo uma mensagem entre uma infinidade de possibilidades preteridas”. Essa imposição temática é geradora da manipulação dos fatos. Por sua vez, a manipulação faz crer que os temas eleitos sejam a própria realidade. Com isso, ao eleger um tema, a mídia condena à inexistência qualquer outro tema social que potencialmente pudesse ser veiculado.

Esse mesmo autor (p.31) sugere que, para o aluno perceber a distancia entre a realidade fenomênica e o produto informativo é preciso que os professores comparem a pauta de veículos concorrentes, para esclarecer “que cada jornal, embora se apresente à sociedade como espelho da realidade, constitui apenas um mundo possível, distinto de outros mundos possíveis concorrentes”. Barros Filho (1999, p.32) recomenda que,

O estudo da mídia na escola não deve se limitar nem à exaltação de suas virtudes informativas nem a uma crítica de seus supostos efeitos nefastos. Deve também, e, sobretudo, oferecer ao aluno esclarecimentos complementares ao próprio conteúdo dos meios: sobre o processo de produção, difusão e recepção das mensagens por eles veiculadas. Assim, a postura crítica destacada pelos pedagogos de plantão deixará de ser um impreciso lugar comum.

O jornal em sala de aula deve ter objetivos diferentes do seu uso pelo leitor comum. Para Barros Filho (1999, p.33) deve ser um estudo epistemológico, de método – relativo ao conhecimento do processo de comunicação – e não temático, para mero conhecimento de assuntos. “É inútil transformar o aluno num deglutidor hipocondríaco de pílulas informativas” cabe à escola levar o aluno a objetivos, a discussões e o desenvolvimento crítico, pois o aluno não é um leitor comum: é um leitor em formação, que está aprendendo a ser crítico na escola. Um outro fator que pode, a nosso ver, dificultar o trabalho com o jornal, é a crença, bastante comum, de que as informações veiculadas pela mídia têm um efeito socializador do conhecimento. Acreditamos que essa crença nem sempre corresponde à verdade, pois, segundo esse autor (p.35) “quanto

mais intensos os bombardeio e o consumo informativos, mais acentuada as diferenças de apreensão do conhecimento entre bem preparados e mal preparados”, ou seja, quanto maior o número de informações veiculadas, maior a evidência da discrepância entre os que têm acesso e os que não têm. Nesse sentido, cabe ao professor mediar o debate buscando a redução das discrepâncias, entre os bem preparados e os mal preparados, em sala de aula.

Ghilardi (1999, p. 112) afirma que,

Nos usos da mídia pela educação, de positivo [...] está o valor que deve ser atribuído não só à escrita, mas também à oralidade; não só à palavra, mas também à imagem. Precisamos assumir que educar é orientar para a conquista da cidadania, para a completude do ser, para a constituição do educando como sujeito de seu próprio saber, como leitor de palavras, de imagens [...] convencidos de que a educação tem poder e a mídia pode-se colocar a serviço dela.

Nessa perspectiva, acreditamos que para a escola formar um bom leitor, é preciso que o professor trabalhe a imaginação, o sonho, o interesse, a curiosidade. O conjunto desses fatores é capaz de levar o aluno a argumentar, a pensar, a criticar e a posicionar-se diante dos acontecimentos. A presença dos jornais em sala de aula proporciona a professores e alunos maior proximidade com fatos sociais e, conseqüentemente, a discussão sobre eles. Pavani (1999, p. 116) comenta que “a presença de jornais e revistas na escola é ótima aliada à motivação para ler e, paulatinamente entender a conexão passado-presente de nossa história política, econômica e social”.

A importância da utilização do jornal em sala de aula como ferramenta que permita ao professor desenvolver em seus alunos o senso de democracia, igualdade, tolerância e visão crítica, está no fato de o jornal trazer uma visão ampla e atualizada dos fatos sociais e por ser um grande difusor de idéias. Pavani (1999, p. 117) argumenta que,

O jornal não deve ser utilizado na escola como um recurso sensacionalista, passageiro e aleatório, mas antes deve ser estudado e reconhecido como um instrumento diário a mais para o professor (ao lado dos livros, apostilas, computador, vídeo e outros recursos), a fim de que o aluno seja levado a refletir, a criar saídas e a olhar um pouco mais para si e ver até que ponto está ou não compartilhando com tudo o que condena.

Nesse sentido, acreditamos que nosso trabalho tenha trazido sua contribuição.

5.2 Nossa reflexão: respondendo às perguntas de pesquisa e ao objetivo

Os dados analisados permitem responder ao *primeiro objetivo específico* da presente pesquisa, o qual transcrevemos aqui: “analisar as observações que dois professores da rede pública (um que trabalhe com o jornal e outro que não trabalhe) fazem após presenciarem a nova abordagem da leitura da primeira página de jornal, como eles reagem e quais suas crenças quanto ao uso do jornal”. Os resultados obtidos permitem dizer que ambas as professoras demonstraram ter entendido a abordagem de leitura da primeira página de jornal como válida.

A professora Rita, como já usava o jornal em sala de aula, aceita o trabalho como mais uma idéia para utilizar e esclarece que o uso do jornal “abre um universo de conhecimento em relação às ideologias e o despertar para a leitura”. Já a professora Ana vê a ferramenta com cuidado profissional e como uma boa promessa. Mas, o mais importante: ela percebe que há espaço para o uso do jornal em sala de aula, e diz que usaria o jornal sim, “a partir do momento em que se tenha um planejamento definido para a utilização desse recurso”, com isso, muda sua crença inicial que era de não utilizar o jornal.

Assim, entendemos que essa experiência se mostra como uma excelente sugestão a ser trabalhada em curso de educação continuada porque o professor, responsável, é capaz de avaliar seu valor.

Nosso *segundo objetivo específico*, “observar como/se o uso da primeira página de jornal em sala de aula pode contribuir para efetivação do letramento ideológico nos alunos” tem como resultado uma constatação afirmativa. Nesse sentido, o professor pode formar um leitor que seja capaz de perceber que vivemos em uma sociedade conflitante ao ler jornais e observar que ele reflete, refrata, difunde e reproduz ideologias, pois o jornal veicula, além de opiniões próprias, vários outros textos com uma grande quantidade de informação das mais diversas fontes e lugares. Portanto, de acordo com Pavani (1999 p.119), o indivíduo que lê “jornais atentamente consegue perceber, com certa antecedência, os modelos de realidade que se anunciam e agir com racionalidade no tempo, tomando providencias hoje que serão importantes daqui a dez anos, com perspectiva de futuro”. Ao o jornal ser trabalhado em sala de aula, no sentido de levar essa compreensão aos alunos, ele está indo além de um modelo autônomo de letramento. A esse respeito, responderemos agora ao nosso objetivo geral.

O objetivo geral desta pesquisa foi, “analisar, a partir da proposição de uma abordagem diferencial de trabalho que leve em conta o letramento ideológico, as observações de professores e alunos após o contato com o jornal em sala de aula”. Na perspectiva do letramento ideológico, que considera as relações sociais, os conflitos, a heterogeneidade de opiniões e o aspecto social, entendemos que os resultados permitem dizer que o aluno que lê jornal compreende melhor os movimentos sociais, contesta, defende seus interesses, características fundamentais para sujeitos que usam a informação com autonomia e delas instrumentalizam-se e tornam-se cidadãos; também temos que as professoras parecem entender que trabalhar com o jornal é muito mais que uma mera aula expositiva. O jornal apresenta características como contemporaneidade, utilidade, flexibilidade, significação, valores humanos e identidade cultural e, por essa razão, é um instrumento para que o professor consiga, de forma mais dinâmica e realista, trabalhar a realidade social em sua sala de aula.

Entendemos que a escolha do texto jornalístico a ser trabalhado na sala de aula torna-se mais interessante se realizada em parceria com os alunos, com o “espírito” de uma pesquisa-ação, pois essa atitude promove maior atenção e interesse ao assunto. É bom ressaltar que os professores necessitam avaliar o tipo de material jornalístico que será adequado para trabalhar com os alunos. O texto pode, inclusive, estar, de algum modo, relacionado ao conteúdo curricular para ser mais significativo.

Entendemos que a relação da escola com os meios de comunicação de massa, quando é uma relação de parceria, aceita a mídia como incentivo e motivação para que os assuntos a serem estudados sejam mais interessantes. Sobre isso, Toledo (1999, p. 56) elucida que, “rejeitar os meios de comunicação de massa e, particularmente, a imprensa é negar a realidade, a compreensão humana, as transformações sociais”. Ainda conforme a autora (p.57),

Enquanto a escola procura entender as profundas mudanças culturais da sociedade, os meios de comunicação assumem, norteiam e desnorteiam culturalmente tais transformações, seja para mostrá-las, seja para fazer a própria leitura, amparada em valores político-editoriais de cada veículo.

O educador desempenha papel fundamental nesse processo, uma vez que cabe a ele ajudar o aluno a contextualizar, interpretar e relacionar os assuntos abordados pelos meios de comunicação, oportunizando o diálogo com a mídia e criando situações para a reflexão. Quando isso ocorre, ocorre também o letramento ideológico, pois segundo

Kleiman (2006, p.40) o letramento ideológico acontece em “situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido da situação, tanto em relação à interação entre participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas”.

Para que o jornal possa ser inserido no currículo escolar é preciso considerar que sua utilização só valerá a pena se o professor encontrar boas razões para utilizá-lo. É preciso que o educador faça uma reflexão sobre o sentido educativo que o jornal pode ter. É preciso refletir também sobre qual modelo de letramento, se autônomo ou ideológico, pretende oferecer a seus alunos. Usar o texto jornalístico de forma descontextualizada ou como pretexto para ensinar gramática é, de certo modo, negar ou não reconhecer sua real importância. Em outras palavras, o texto jornalístico tem características peculiares que precisam ser destacadas, reconhecidas e valorizadas. Mas, para que isso ocorra, é fundamental que o professor se disponha a utilizá-lo em toda a sua amplitude. Para que a utilização do jornal em sala de aula tenha êxito, se faz necessário que o professor reflita o seu papel social e qual o objetivo que ele deseja atingir. Sobre esse assunto Kleiman (2002, p. 45) comenta que,

O bom professor se dispõe a continuar no papel de aprendiz a vida toda, em função dos interesses dos alunos, das transformações da vida social, das novas tecnologias; ele se dispõe a ensinar aquilo que vale a pena porque é valorizado pelo grupo social ou porque contribui ao desenvolvimento do aluno; ele se dispõe a ajudar o aluno na construção de seus conhecimentos levando em conta capacidades e diferenças individuais.

Para inserir o jornal como recurso pedagógico, não basta apresentar aos professores propostas com sugestões de atividades, pois estas, pouco oferecem além de modelos. É preciso sensibilizar professores e alunos pela via da reflexão pedagógica e filosófica, no campo das concepções de educação, para assim, o jornal em sala de aula ter o uso significativo, válido e adequado. Para Ghilardi (1999, p. 106), “o fundamental é *como* trabalhar com todo o material disponível, com a multiplicidade de informações à disposição ou, até, com sua ausência”.

Do ponto de vista educativo, apropriar-se dos diversos conteúdos expressos nos jornais, é perfeitamente desejável, desde que professores e alunos encontrem maneiras fecundas de desenvolver processos que tragam a reflexão e a visão crítica. Nesse caso, é possível afirmar que independente do assunto abordado ou do interesse da publicação, todos os textos jornalísticos servem como material educativo.

O jornal é o principal veículo de comunicação impressa do país. A experiência de usar o jornal em sala de aula é das mais recompensadoras tanto para alunos quanto para professores. A escola é o meio de acesso ao letramento valorizado socialmente. Contudo, o que temos encontrado em nossas escolas, é um modelo de letramento que impossibilita ou limita o aluno na reflexão de questões sociais. Acreditamos, além do exposto, que um estudo como o proposto por essa Dissertação, pode, de modo efetivo, vir a ajudar a esclarecer algumas questões de ordem pedagógica; esperamos que contribua para transformar atitudes e posicionamentos. Transformações essas que se fazem necessárias.

Assim, pelo fato de os jornais oferecerem uma grande variedade de assuntos, informação organizada e promover o debate, sentimo-nos seguros para defender o acesso à leitura, não só de jornais, como também de outros instrumentos de comunicação de massa, e afirmar sua validade pedagógica, em um modelo ideológico de letramento.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gaulle em junho de 1940. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 93-117.
- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-28.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS – ANJ. Disponível em <<http://www.anj.org.br>>, 2008.
- ANTUNES, Ana C. P.; ANTUNES, A. A. A.; RICARTE, C. J. M. *A importância da leitura da primeira página de mais de um jornal*. Trabalho de conclusão de curso de Especialização em Leitura e Produção de Textos. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2004.
- AZEVEDO, Israel Belo. *O prazer da produção científica para a elaboração de trabalhos acadêmicos*. 11ª ed. São Paulo: Hagnos, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch (VOLOCHÍNOV, V. N.) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALTAR, Marcos. *Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. 2ª ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.
- BARROS FILHO, Clovis de. Mundos possíveis e mundos agendados: um estudo do uso da mídia na sala de aula. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês (Org.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 1999. p. 09-37.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. Práticas de letramento. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Org.). *Situated literacies*. London: Routledge, 2000. p. 07-15.
- BAZERMAN, Charles. Formas sociais como habitats para ação. In: DIONISIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 47-61.
- BEZERRA, Benedito Gomes. Gêneros introdutórios mediados pela web: o caso da homepage. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). *Gêneros*

Textuais: Reflexão e Ensino. Palmas e União da Vitória - PR: Kayganguê, 2005. p. 61-77.

CARDOSO, Darlete. *O jornalismo como (re)produtor de enunciados*. Linguagem em (dis)curso on line. Vol. 1, n.º. 2, disponível em <<http://www.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0102/06.htm>>, 2003.

CASSANY, Daniel. *Oficina de textos: compreensão leitora e expressão escrita em todas as disciplinas e profissões*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16ª ed. São Paulo: Àtica, 2006.

CORACINI, Maria José R. Faria. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

_____. Heterogeneidade e Leitura na Aula de Língua Materna. In: CORACINI, M. J.; PEREIRA, A. E. (Org.). *Discurso e Sociedade: prática e análise do discurso*. Pelotas: ALAB/EDUCAT, 2001. p. 137-155.

_____. Concepções de leitura na (pós-)modernidade. In: PASCHOAL LIMA, R. C. (Org.). *Leitura Múltiplos Olhares*. Campinas: Mercado de Letras/Unifeob, 2005. p. 15-44.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIÁRIO DO PARÁ. Disponível em <<http://www.diariodopara.com.br>>, 2008.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e Diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2006.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA Jr. Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GHILARDI, Maria Inês. Mídia, poder, educação e leitura. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês. (Org.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 1999. p. 103-112.

IKEDA, Sumiko Nishitani. A noção de gênero textual na lingüística crítica de Roger Fowler. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 46-64.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. 9ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 15-61.

_____. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tânia M.; BECKER, Paulo (Org.). *Leitura e animação cultural: pensando a escola e a biblioteca*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 27-47.

_____. *Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social*. UNICAMP. 2006. (Mimeo).

_____. *Formando Leitores Críticos*. UNICAMP. 2006. (Mimeo).

_____. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 13-35.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LOPES-ROSSI, Maria Ap. Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). *Gêneros Textuais: Reflexão e Ensino*. Palmas e União da Vitória – PR: Kayganguê, 2005. p. 79-93.

LUSTOSA, Elias. *O texto da notícia*. Brasília: UnB, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Perspectivas no ensino de Língua Portuguesa nas trilhas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. In: BASTOS, Neusa B. (Org.). *Língua Portuguesa em calidoscópio*. São Paulo: EDUC, 2004. p. 259-282.

_____. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). *Gêneros Textuais: Reflexão e Ensino*. Palmas e União da Vitória - PR: Kayganguê, 2005. p. 17-33.

MARTINS, Eduardo. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MASCIA, Márcia Ap. Amador. *Leitura: Uma proposta discursivo-desconstrutivista*. 2005. (Mimeo).

MEURER, José Luiz. *O Trabalho de Leitura Crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais*. Florianópolis: Ilha do Desterro, nº 38. p. 155-171. jan./jun. 2000.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 167-176.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo. *Oficina de Lingüística Aplicada*. São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

O GLOBO. *Manual de redação e estilo*. Organizado e editado por Luis Garcia. 13ª ed. São Paulo: Globo, 1992.

O LIBERAL. Organizações Rômulo Maiorana. Disponível em <<http://www.orm.com.br>>, 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Letramento, cultura e modalidades de pensamento. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os Significados do Letramento*. 9ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 147-160.

PAIVA, Meirevaldo. *O livro didático e o jornal*. Belém – PA: ORM, 1999.

PAVANI, Cecília G. C. Considerações sobre imprensa, educação e transformação social. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês (Org.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 1999. p. 113-120.

ROMERO, Tânia R. S. *Gramática e construção de significados*. Revista Claritas, v. 10, nº. 1, p. 1-17. PUC-SP, 2004.

_____. *Gramática sistêmico-funcional como instrumento de análise lingüística*. 2007. (Mimeo)

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

TÁPIAS-OLIVEIRA, Eveline Mattos. *Construção identitária profissional no ensino superior: prática diarista e formação do professor*. Campinas: UNICAMP, 2006. (Tese de Doutorado).

_____. *Ensino da leitura e da produção escrita: prática e teoria*. 2008. (No prelo).

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1997.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TOLEDO, Ciça. Para entender a relação educação-imprensa. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês (Org.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 1999. p. 49-58.

WIKIPÉDIA – Enciclopédia Virtual. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org>>, 2008.

ANEXOS

ANEXO A	Cópia do termo de consentimento assinados pelos professores
ANEXO B	Cópia do termo de consentimento assinado pelos alunos
ANEXO C	Cópia da aprovação da Pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade de Taubaté

Anexo A

Termo de Consentimento assinado pelos professores

Nome do projeto: **O jornal, a crença do professor e a prática: novos rumos**

Pesquisadora: Prof^ª. Ayvania Alves Pinto - Rg. nº 726485 SSP/ES, CPF 821636347-87. End.: Av. Maximino Porpino, 1345. Castanhal – PA. Telefones: (91) 37217222 e (91) 96097222.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eveline Mattos Tápias Oliveira.

O objetivo da pesquisa é a partir da proposição de uma abordagem diferencial de trabalho que leve em conta o letramento ideológico, analisar o comportamento de professores e alunos após o contato com o jornal em sala de aula.

1. Analisar as observações que dois professores da rede pública (um que trabalhe com jornal e outro que não trabalhe) fazem de uma nova abordagem para verificar como eles reagem e quais suas crenças quanto ao uso do jornal e quanto ao letramento ideológico.
2. Observar como o gênero discursivo chamada de primeira página pode contribuir para o letramento ideológico.
3. Demonstrar para professores que o gênero discursivo chamada de primeira página é uma importante ferramenta pedagógica.

As aulas seguirão ao seguinte roteiro: 1ª aula: Apresentação do gênero discursivo primeira página de jornal (verificar formato, tamanho, aspectos gráficos etc.); 2ª aula: analisar as fotos; 3ª aula: analisar as manchetes; 4ª aula: analisar a linguagem; 5ª aula: analisar a ideologia contida na primeira página.

Ao final das cinco aulas, os alunos e professores responderão a um questionário para verificar se o uso do jornal em sala de aula contribuiu de algum modo para o letramento ideológico. Como também, para mudar algumas crenças.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____ Rg. nº _____

Professora de Língua Portuguesa da turma de 3º ano do ensino médio da EEEFM Cônego Leitão, sabendo dos objetivos de pesquisa da professora Ayvania Alves Pinto, autorizo-a a utilizar, em sua Dissertação de Mestrado, os dados por mim produzidos no ano letivo de 2007 (anotações em diário, anotações em caderno, planos de escrita, gravações, relatos verbais) para análise lingüística, textual, discursiva e pedagógica do seu conteúdo. Tenho a garantia de que esses dados serão expostos mantendo-se sigilo absoluto de minha identidade. Além disso, coloco-me à disposição para entrevistas, se for o caso. Para tanto, preencho os dados abaixo e, assino concordando com o exposto acima:

Endereço: _____ nº _____

Bairro: _____ Cidade: _____

CEP: _____ Telefone: (_____) _____

e-mail: _____

Castanhal - PA, _____ de 2007.

Assinatura da Professora

Anexo B

Termo de Consentimento assinado pelos alunos

Nome do Projeto: **O jornal, a crença do professor e a prática: novos rumos.**

Pesquisadora: Prof^ª. Ayvania Alves Pinto - Rg. nº. 726485 SSP/ES, CPF 821636347-87. End.: Av. Maximino Porpino, 1345. Castanhal – PA. Telefones: (91) 37217222 e (91) 96097222.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eveline Mattos Tápias Oliveira.

O objetivo da pesquisa é a partir da proposição de uma abordagem diferencial de trabalho que leve em conta o letramento ideológico, analisar o comportamento de professores e alunos após o contato com o jornal em sala de aula.

4. Analisar as observações que dois professores da rede pública (um que trabalhe com jornal e outro que não trabalhe) fazem de uma nova abordagem para verificar como eles reagem e quais suas crenças quanto ao uso do jornal e quanto ao letramento ideológico.
5. Observar como o gênero discursivo chamada de primeira página pode contribuir para o letramento ideológico.
6. Demonstrar para professores que o gênero discursivo chamada de primeira página é uma importante ferramenta pedagógica.

As aulas seguirão ao seguinte roteiro: 1ª aula: Apresentação do gênero discursivo primeira página de jornal (verificar formato, tamanho, aspectos gráficos etc.); 2ª aula: analisar as fotos; 3ª aula: analisar as manchetes; 4ª aula: analisar a linguagem; 5ª aula: analisar a ideologia contida na primeira página.

Ao final das cinco aulas, os alunos e professores responderão a um questionário para verificar se o uso do jornal em sala de aula contribuiu de algum modo para o letramento ideológico. Como também, para mudar algumas crenças.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, aluno regularmente matriculado na EEEFM Cônego Leitão, declaro estar ciente das condições as quais me submeterei no experimento acima citado, detalhadas a seguir:

I) Participarei das atividades de produção escrita, cujas notas não serão computadas para meu desempenho oficial na Escola.

II) Terei minha identidade preservada em todas as situações que envolvam discussão, apresentação ou publicação dos resultados das pesquisas, a menos que haja uma manifestação da minha parte, por escrito, autorizando tal procedimento.

III) Não receberei qualquer forma de gratificação pela minha participação no experimento, e o resultado obtido a partir dele será propriedade exclusiva da pesquisadora e de sua orientadora, podendo ser divulgado de quaisquer formas, de acordo com os critérios estabelecidos, desde que resguardado o item II do presente Termo de Consentimento,

Sendo assim, concordo em participar do estudo acadêmico acima descrito, como sujeito-pesquisado. Fui devidamente informado e esclarecido pela professora-pesquisadora sobre a pesquisa a ser realizada, bem como os procedimentos nela envolvidos.

Castanhal – PA : ____/____/____

Assinatura do aluno ou do pai/responsável: _____

Anexo C

Aprovação do Comitê de Ética



UNITAU

PRPPG-Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Comitê de ética em Pesquisa
Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 12020-040
Tel.: (12) 3625.4143 – 3635.1233 Fax: (12) 3632.2947
cepunitau@unitau.br

DECLARAÇÃO Nº 081/07

Protocolo CEP/UNITAU nº 0035/07 (Esse número de registro deverá ser citado pelo pesquisador nas correspondências referentes a este projeto)

Projeto de Pesquisa: *O jornal, a crença do professor e a prática: novos rumos*

Pesquisador(a) Responsável: Ayvania Alves Pinto

Pesquisadores/Alunos: Ayvania Alves Pinto.

O Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião de **13/04/2007**, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 196/96, considerou o Projeto acima **aprovado**, após atendimento às pendências.

Taubaté, 09 de maio de 2007

Prof. Robison Baroni

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté